A CONQUISTA DE MARTE OU A MAIOR CONTROVÉRSIA NOS E. U. A. (PÁG. 3)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 21 DE AGOSTO DE 1969 N.º 16 764 ANO 49.º UM ESCUDO

às sextas-feiras em MESA REDONDA vamos discutir...

Vão subir os preços dos transportes colectivos?

— pergunta feita por um vereador na reunião do Município de Lisboa.

Sob a presidência do sr. general França Borges, que se encontrava ladeado por um dos vice-presidentes, sr. Aníbal David, efectuou-se, esta manhã, com um atraso de 45 minutos, a reunião mensal da Câmara Municipal de Lisboa.

Só havia um vereador inscrito: o sr. Manuel Casimiro de Almeida.

Depois de se ter referido a certos maus aspectos da panorâmica lisboeta, admirando-se que o Município obrigue os particulares a cuidarem das fachadas das suas casas e ignore o estado de alguns edifícios pertencentes ao Estado (citou, como exemplo, determinado ângulo do Palácio das Necessidades), o sr. Casimiro de Almeida, num áparte, referiu-se, também, a *«um provável aumento das tarifas dos transportes públicos a partir do próximo mês de Janeiro»*.

O sr. general França Borges, que rebateu as afirmações do vereador, não fez, no entanto, qualquer comentário sobre o aumento das tarifas dos transportes públicos.

● Viaduto da Avenida da República

Antes de terminar a sessão, o vereador sr. eng.º Santos e Castro fez duas perguntas ao presidente do Município:

— Quando se iniciam as obras de construção do viaduto da Avenida da Repú-

(Continua na ultima página)

ARMSTRONG O PRIMEIRO HOMEM A PISAR A LUA

CONTA HOJE AOS NOSSOS LEITORES O QUE VIU E SENTIU DURANTE A SUA MARAVILHOSA AVENTURA

NUM SUPLEMENTO DE 8 PÁGINAS COM QUE ENCERRAMOS A SÉRIE «OS HOMENS DA LUA ESCREVERAM», PUBLICADA EM EXCLUSIVO «LIFE» - A. E. I.

NO ANIVERSÁRIO DA INVASÃO

Mortos e feridos em Praga

PRAGA, 21 — (F. P.) — Trezentas e vinte pessoas foram presas ontem à noite, em consequência dos tumultos registados no centro de Praga — anuncia um comunicado do Ministério do Interior checo, o qual confirma que destes incidentes resultaram dois mortos e vários feridos.

Estes «actos de agressão e de vandalismo» — acrescenta o comunicado transmitido por Rádio Praga — «foram obra de elementos deslocados e criminosos que não hesitaram em servir-se de armas de fogo contra os polícias que tentavam restabelecer a ordem».

Entre as pessoas detidas — indica ainda o comunicado — figuram numerosos criminosos reincidentes de direitos comum.

Os cidadãos de Praga respeitaram largamente hoje de manhã os conselhos convidando-os a boicotarem os transportes colectivos e a irem a pé para o trabalho.

Com efeito desde as 5 horas da manhã, as ruas dos bairros operários da capital estão negras de gente. Eléctricos e autocarros circulam práticamente vazios e passam sem se deterem nas paragens completamente desertas.

Pouco antes das 6 horas — hora da abertura das fábricas — os operários e empregados das grandes fábricas de Praga, CKD, Avia, Tatra, etc., chegaram a pé tranquilamente.

Ao amanhecer o centro de Praga parecia o de uma cidade em pé de guerra, tão numerosos eram os camiões militares, os carros blindados e os soldados em patrulha, de armas á tiracolo. No entanto, ás 5 da manhã, o dispositivo de segurança retirou-se e só ficaram nas ruas os polícias armados de matracas.

A maior parte dos estabelecimentos abriu á hora habitual (7 horas).

Na rua Darodni, onde foram levantadas barricadas ontem á noite, tudo voltou á calma, mas ainda se vêem numerosos vestígios dos incidentes. Uma das perpendiculares á rua Darodni, que os manifestantes começaram a despavimentar, está fechada á circulação, em virtude do pavimento ainda não ter sido reparado.

32ª Volta a Portugal em bicicleta

FERNANDO MENDES VENCEU EM AVEIRO

● DURANTE A ETAPA, SEIS CICLISTAS PEDALARAM ISOLADOS

ESGUEIRA (Aveiro), 21 — (Pelo telefone, do nosso enviado) — Fernando Mendes do Benfica, foi o vencedor da etapa desta manhã, iniciada em Viseu. Segundo classificado: Joaquim Agostinho, logo seguido por Joaquim Andrade.

Perto do Caramulo, o sangalhense Celestino de Oliveira deu uma queda, ferindo-se bastante no lado esquerdo do corpo.

Entretanto, a aproveitarem a descida da serra, sete ciclistas empreenderam uma «fuga»; Joaquim Agostinho e Firmino Bernardino (Sporting), Mário Silva e José Luís Pacheco (Futebol Clube do Porto), Herculano de

(Continua na ultima página)

HOJE 36 PÁGINAS VISADO PELA CENSURA

A sede, o calor e a longa fita da estrada: os grandes inimigos dos ciclistas

Desde segunda-feira que quase todas as corporações de bombeiros do País desenvolvem actividade intensíssima, lutando contra fogos destruidores. Milhares de árvores pertencentes ao património nacional e a particulares, foram pasto das chamas, e, em algumas regiões, subsiste o perigo de que o fogo volte a lavrar. Assim acontece, por exemplo, na serra do Caramulo, onde os bombeiros se mantêm vigilantes.

Também próximo de Lisboa, em Camarate, municipais e voluntários lutaram durante horas, para dominar um incêndio numa pilha de resíduos de borracha. A gravura mostra uma das fases do ataque ás chamas. (Ler na página central).

Necrologia

Eng.º José Maria Fernandes Brandão

PORTO, 21 — Faleceu, nesta cidade, o eng.º José Maria Fernandes Brandão, oriundo de uma antiga e distinta família minhota.

O extinto, cuja morte causou grande consternação era natural de Braga, onde nascera a 3 de Fevereiro de 1907.

Na sua cidade natal frequentou e completou o curso dos liceus, tendo manifestado desde logo raros dotes de inteligência e extremado amor ao trabalho, que haveria de confirmar durante toda a sua notável vida profissional.

Formou-se em Engenharia Electrotécnica e Mecanica no Instituto Superior Técnico de Lisboa em 1932, tendo iniciado a sua vida de engenheiro na Companhia do Buzi, em Moçambique, de permaneceu desde 1933 a 1940.

Em 1941, entrou no Porto ao serviço da União Eléctrica Portuguesa onde, em 1952, passou a desempenhar, com invulgar competência e inexcedível dedicação, as funções de engenheiro-chefe dos Serviços de Exploração, cargo que actualmente ocupava. Desempenhava também as funções de administrador-delegado da Empresa Industrial do Freixo.

A sua imprevista e tão prematura desaparição representa, para os que com ele privaram, uma perda irreparável dadas as suas extraordinárias virtudes sociais e os seus dificilmente igualáveis, dotes de companheirismo, que estiveram na base das fortes amizades que soube criar á sua volta.

O engenheiro José Maria Fernandes Brandão era casado com a sr.ª D. Maria de Lourdes Dubraz e Carmo Brandão e pai do eng.º Carlos Manuel Carmo Brandão, casado com a sr.ª dr.ª D. Maria de Belém Sovera Martins Brandão, do tenente José Maria Carmo Brandão, casado com a sr.ª D. Lucinda Marques Brandão (ausentes em Angola) da sr.ª dr.ª D. Maria da Graça Carmo Brandão Leal Martis casada com o sr. José Maria da Rocha Leal Martins e de D. Maria Helena Carmo Brandão.

O corpo foi a sepultar no cemitério municipal de Braga, depois de se terem efectuado as cerimónias religiosas, na igreja da Trindade, desta cidade.

No préstito funebre, em que se incorporaram numerosas individualidades, estiveram presentes o sr. dr. João Ruella Ramos, administrador da União Eléctrica Portuguesa e do conselho de administração da Renascença Gráfica e o dr. António Pedro Ruella Ramos, director do nosso jornal; em seu nome pessoal e em representação do dr. Carlos Barbosa, presidente do conselho de administração da E. I. F., impedido de estar presente.

ENG. FERNANDES BRANDÃO

General piloto-aviador Frederico da Conceição Costa

Faleceu na noite passada, o general piloto-aviador Frederico da Conceição Costa, de 71 anos natural de Elvas.

Figura de grande prestígio nas Forças Armadas, completou o curso de piloto e observador da Escola Militar da Aeronáutica, depois de concluir em 1920, o curso de Infantaria na Escola Militar. Exerceu funções de experimentador de aviões nas Oficinas Gerais de Material Aeronáutico e em 1943 foi mobilizado para os Açores, onde comandou um destacamento de aviação.

Comandou também, a Base Aérea n 3 e as Forças Aéreas Operacionais, sendo depois, nomeado para os altos cargos de subchefe e chefe do Estado-Maior das Forças Aéreas.

Em 1954 foi nomeado procurador á Camara Corporativa.

O general Frederico Costa era casado com a sr.ª D. Maria Isabel Aldin Guedes Costa, pai da sr.ª D. Maria Elisa Aldin Guedes Costa de Brito, casada com o sr. António Guerreiro de Brito.

O funeral realiza-se amanhã, do Hospital Militar Principal para jazigo no cemitério dos Prazeres.

Coronel Francisco Caetano Dias

Foi esta tarde a sepultar, em jazigo de família no cemitério dos Prazeres, saindo o féretro com grande acompanhamento, da igreja de Nossa Senhora de Fátima, o coronel Francisco Caetano Dias, ontem falecido, com 71 anos, após prolongado sofrimento.

Oficial de Administração Militar, prestou serviço em Moçambique durante a guerra de 1914-18.

Grande estudioso dos problemas de administração e contabilidade, em que era perito de reconhecidos méritos, colaborou ainda em numerosas publicações da especialidade e deixou várias obras.

Era casado com a sr.ª D. Henriqueta Madalena Nogueira Rosa Dias, irmã do poeta Fernando Pessoa; e pai da sr.ª D. Maria Manuela Nogueira Rosa Dias Murteira, casada com o sr. professor dr. Bento José Ferreira Murteira e do sr. dr. Luís Miguel Nogueira Rosa Dias, casado com a sr.ª D. Maria Helena Pinto Coelho Dias e avô de Isabel Maria, Maria Inês, Maria Paula e Pedro Miguel Rosa Dias Murteira e de João Paulo, Ana Madalena, Margarida Maria e Marta Pinto Coelho Dias.

O GOVERNADOR CIVIL DE AVEIRO VISITOU TORREIRA E MURTOSA

MURTOSA, 21 — Em visita de estudo e de trabalho, esteve há dias neste concelho o governador civil de Aveiro, dr. Francisco do Vale Guimarães, que na sequência do programa que traçou, decidiu inteirar-se «in loco» das maiores necessidades e anseios da zona murtosense.

O chefe do distrito, acompanhado do presidente e vereadores do município, chefe de secretaria, arquitecto António Linhares, presidentes das Juntas de Freguesia, párocos, presidente da Comissão Concelhia da U. N. e de outras autoridades concelhias, percorreu as 4 freguesias do concelho, começando pela da Torreira e terminando na da Murtosa.

Na da Torreira, aquele magistrado distrital observou minuciosamente o plano do Monte Branco, ampliação do Parque de Campismo, Variante da E. N. de S. Jacinto a Ovar, abertura de diversas ruas longitudinais e transversais na zona da praia, urbanização do Bairro de Pescadores, correcção da entrada da Avenida Hintze Ribeiro junto da Avenida Marginal Duarte Pacheco, plano de obras de edificações projectadas pela Empresa «Riabela» e troca de impressões sobre normas que deveriam ser estabelecidas superiormente para edificações junto à Estrada Nacional S. Jacinto-Ovar. O sr. dr. Vale Guimarães visitou ainda a Colónia Balnear da Creche José Maria Barbosa instalada ali recentemente por grandes beneméritos.

Na freguesia do Bunheiro examinou o estudo de várias vias municipais a construir e visitou a Creche Patronato de S. José.

Na freguesia do Monte, diversas estradas municipais, terreno para implantação de novo edifício escolar e situação e implantação do edifício a construir para sede da Junta de Freguesia.

Na da Murtosa, visitou e apreciou o local em que vai ser construído o Mercado Municipal, o edifício para os Correios, urbanização destes locais, para o edifício dos Paços do Concelho, os terrenos que circundam o novo Hospital e abertura de novas ruas a ligar o bloco hospitalar com as povoações, e edifício adquirido recentemente para instalação de repartições públicas, o Cais do Bico e o edifício em que vai ser instalada uma subestação dos Correios na Praça dos Combatentes da Grande Guerra.

Ficou cega de um olho por um tiro de espingarda de pressão

SANTA CRUZ DO DOURO (Baião), 21 — No posto da G. N. R., o sr. Domingos Pinto da Costa apresentou queixa contra o sr. António Barbosa, por este ter atingido no globo ocular esquerdo com um projéctil de espingarda de pressão sua filha Maria da Conceição Costa, que ficou privada do uso daquele órgão visual, receando-se que tenha de lhe ser extraído.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

DE ONTEM PARA HOJE

DIÁLOGO CONSTRUTIVO

É falando que a gente se entende. É da sabedoria das nações que se não pode falar com um interlocutor mudo ou emudecido. E entendemo-nos tanto melhor quanto mais claras forem as palavras de todos os interlocutores. Disse-o o dr. José Hermano Saraiva, ministro da Educação, ao inaugurar ontem na Av. de Berna, 13, uma residência de estudantes a que foi dado o nome do dr. José Leite de Vasconcelos que foi sábio etnólogo e filólogo e professor da Faculdade de Letras de Lisboa. Referiu-se aquele membro do Governo «á ideia de diálogo»; e acrescentou logo: «Não é possível pensar claramente a não ser por referência a noções claras». E' a velha noção do clássico francês de que «ce que l'on conçoit bien s'exprime aisément». E expôs depois o ministro o que lhe afiguram «as razões do êxito» que a palavra diálogo «encontra na juventude no nosso tempo.» E um pouco adiante: «Não se constrói sobre o alicerce de dúvidas. E a juventude não pode ser responsabilizada pelo ambiente de incerteza e de indeterminação que caracteriza o mundo do seu tempo». O ministro responsável pela formação da nossa juventude salientou a diferença entre diálogo e contestação. Disse: «Mas o diálogo é por sua natureza voluntário e pessoal. Não se pode impor a ninguém, e também não se pode travar com multidões. Na sua base estão a boa fé, a lealdade, a coragem, a confiança na rectidão de intenções do interlocutor. Sabemos como essa confiança pode por vezes ser iludida. O diálogo pode servir de pretexto á mera contestação, pode ser utilizado como técnica daquela manipulação de ideias a que fiz alusão. Mas isso não é razão para desistir. O que importa é ter razão. A juventude é naturalmente boa, corajosa e verdadeira. O seu lugar é do lado da verdade. E todos estamos obrigados a colaborar com ela na descoberta da verdade, dominando a impaciência que nos possam causar as agitações episódicas, os manejos sem altura, as atitudes dogmáticas que, muitas vezes, servem, aliás, mais para encobrir dúvidas íntimas que para traduzir convicções profundas. De resto, a contestação inútil pode surgir como consequência da recusa ao diálogo construtivo e confiante.» Essa recusa ao diálogo, assinalada pelo ministro, é a responsável pela contestação. É da lógica. E a responsabilidade portanto é quem se recusa a dialogar ou por não ter ideias claras; ou por não ter razão.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu os srs. brigadeiro Fernando de Oliveira, ministro das Comunicações; eng.º Mercier Marques, bastonário da Ordem dos Engenheiros; António de Medeiros e Almeida, presidente do conselho administrativo da Fundação Salazar; eng.º Carlos Alves, presidente da Associação Industrial Portuguesa; dr. Manuel Bastos Mendes, presidente do conselho de administração da Hidroeléctrica da Serra da Estrela; condes de Sabrosa, e o jornalista e escritor Marques Gastão, chefe da Redacção dos Noticiários Ultramarinos da Emissora Nacional.

PRESIDENTE DO CONSELHO

As comissárias provinciais ultramarinas da Mocidade Portuguesa Feminina, que vieram ao continente para estudar problemas relativos á vida daquela organização no Ultramar, foram recebidas pelo sr. Presidente do Conselho, que trocou com as visitantes largas impressões, interessando-se vivamente por todos os assuntos referentes á M. P. F. Estiveram presentes na audiência as sr.as dr.as Maria Ana da Luz Silva, comissária nacional, e D. Maria Ivete Colaço, comissária nacional-adjunta para o Ultramar.

GOVERNADOR CIVIL

O dr. Afonso Marchueta, governador civil de Lisboa, recebeu ontem o presidente da Camara Municipal de Loures e várias outras personalidades, entre elas o comandante dos Bombeiros Voluntários de Fanhões. Recebeu os agradecimentos por ter ido inaugurar o novo quartel dos Bombeiros de Odivelas e uma nova ambulancia dos Bombeiros de Fanhões.

O PROBLEMA DA EMIGRAÇÃO

O prof. Adriano Moreira foi a Braga abrir o Simpósio Pastoral sobre Emigração, com uma conferência sobre «Emigração no contexto do Mundo Português». A presidir o arcebispo primaz, que apresentou o conferente. Este terminou o seu trabalho assim: «Só há inconveniente em que os valores se percam. Aos valores é que é necessário ser fiel em todas as circunstancias. Sobretudo quando as circunstancias não estiverem de acordo com os valores».

Obras de Gaudi declaradas monumentos nacionais

MADRID, 21 — (R.) — As obras principais de António Gaudi, um dos mais invulgares arquitectos de Espanha e um pioneiro revolucionário de novas formas, foram declaradas monumentos nacionais pelo Governo de Madrid.

Nos termos de um decreto publicado pelo Ministério da Educação e das Ciências, 17 dos edifícios que construiu ficaram oficialmente sob a protecção do Estado, devido ao seu interesse artístico e histórico.

Incluem-se nesse numero a inacabada igreja da Sagrada Família, em Barcelona, que terá 12 torres em cimento, saindo do solo como árvores. A sua edificação começou em 1882 e continua ainda, com o auxílio de donativos particulares.

Gaudi viveu de 1852 a 1926 e construiu edifícios estranhos na sua busca para um nova perspectiva de construção.

Trabalhadores algarvios vão para Gibraltar

OLHÃO, 20. — Emigrando, isso origina, além de outras dificuldades, que se agravam, falta de pessoal nas industrias essenciais da pesca e das conservas.

Depois de um ano de escassez de peixe ocasionando para as referidas industrias situação oruciante, embora na esperança de certa abundancia da sardinha, a juntar a tais dificuldades a falta de mão-de-obra representa um mal que urge encarar de frente antes que não tenha remédio.

Centenas de trabalhadores têm emigrado nestes ultimos meses, para Gibraltar, onde a falta de mão-de-obra também se faz sentir pela ausência de trabalhadores espanhóis.

Gravemente ferida num acidente de viação a esposa de um jornalista angolano

LUANDA, 21 — (L.) — A cerca de 40 quilómetros de Novo Redondo, na estrada Lobito-Novo Redondo, registou-se um grave acidente de viação, quando o automóvel conduzido pelo jornalista Antero dos Santos Gonçalves, ao desviar-se de um cão que se atravessou na via, se despistou e caiu por uma ribanceira.

No automóvel acompanhavam aquele jornalista, sua esposa, D. Maria Alice Gonçalves, de 56 anos de idade, natural de Lourenço Marques e o seu filho, Antero Duarte dos Santos Gonçalves.

Tanto o condutor do automóvel como o seu filho saíram ilesos do acidente, o mesmo não sucedendo, contudo, com a esposa de Antero Gonçalves, que sofreu graves ferimentos, encontrando-se internada no Hospital de Luanda, em estado pouco satisfatório.

Concerto de piano na Póvoa de Varzim

PÓVOA DE VARZIM, 21 — O pianista russo Gleb Akkselrod, dá hoje, ás 21 e 30, no Monumental Casino, um concerto, no qual interpretará obras de Sousa Carvalho, Beethoven, Liszt, Kabalevsky, Chostakovitch, Piart e Prokofieff.

A CONQUISTA DE MARTE OU A MAIOR CONTROVÉRSIA CIENTÍFICA NOS E. U. A.

Os principais dirigentes da NASA vão, em breve, pedir ao presidente Nixon que adopte um programa espacial de 12 anos. O programa culminaria numa expedição de dois anos, destinada a colocar seis homens em Marte.

Esse programa de doze anos implicaria os gastos totais de uns 64 biliões de dólares, e nele estaria compreendida a colocação de uma estação orbital em torno da Lua.

Depois, a partir de 1981, a NASA poderia lançar duas astronaves que viajariam lado a lado, com 12 homens a bordo de cada uma: uma das naves desembarcaria em Marte, a outra serviria de nave de socorro, se fosse caso disso.

Thomas Paine administrador da NASA e George Muller, administrador-adjunto do mesmo organismo, propõem, além desse desembarque em Marte, as seguintes realizações:

A — A NASA prosseguiria no actual programa (mais nove desembarques lunares até 1972) para exploração de outros locais lunares; ao mesmo tempo, estudaria a criação de um módulo (para 12 homens) de uma grande estação espacial em torno da Terra. Esta estação poderia receber até 100 cosmonautas.

B — A NASA criaria (com a Air Force) uma «pequena nave espacial de ida e volta» nave utilizável para levar homens e equipamentos até á estação.

C — Criar-se-ia igualmente um motor nuclear que servisse, em primeiro lugar, para propulsão de uma nave de «carreira» entre a estação em órbita terrestre e uma nova estação em órbita lunar. Essa nave de «carreira» seria um dos módulos da estação orbital terrestre, com capacidade para 12 tripulantes.

D — Os exploradores da Lua desembarcariam no satélite a partir da estação orbital lunar, com módulos reutilizáveis, e ficariam de duas a quatro semanas na superfície do planeta.

E — Bastaria acrescentar um ou dois «módulos marcianos» á estação terrestre para lançar a primeira missão humana com destino a Marte.

Colónias em Marte

Tudo quanto se refere á ida a Marte apresenta agora um aspecto de «ficção científica». Certos astrónomos mostram-se particularmente pessimistas quanto á sobrevivência do nosso velho planeta e preconizam as

(Continua na página seguinte)

O CONFLITO SINO-SOVIÉTICO OU A GUERRA IMPENSÁVEL

Os incidentes de fronteira tornaram-se decididamente um elemento permanente das relações sino-soviéticas. Reflectem, como é evidente, o agravamento da rivalidade entre os dois gigantes do comunismo e dos sentimentos de hostilidade que alastram entre as populações ainda que, de um lado e de outro, se proclame oficialmente que os povos continuam amigos e que só as «cliques» dirigentes estão em causa.

Haverá uma situação susceptivel de degenerar em guerra aberta? O mundo faz esta interrogação com crescente ansiedade e pergunta a si próprio quais as intenções e móbeis dos dois adversários.

Do lado chinês, apareceram avisos: «Preparar-se para a guerra e para as privações». Uma palavra de ordem prescreve economias de cereais. Hong-Kong ouve falar de uma intensificação do treino militar do povo. A Imprensa, retomando um tema desenvolvido pelo próprio marechal Lin-Piao, fala da possibilidade de uma guerra próxima, e mesmo de uma guerra nuclear. Eleva o tom, pois o último incidente do Singkiang parece-lhe mais grave que os da fronteira siberiana.

Do lado russo, a política e a estratégia transformaram-se em função daquilo que se denuncia como «a ameaça chinesa». Consideráveis reforços militares foram enviados para as fronteiras asiáticas. Uma atmosfera muitas vezes cheia de «chauvinismo» existe em Moscovo, desde, pelo menos, há dois anos. A U. R. S. S. não tem também os seus «falcões»? Não pregam eles uma guerra preventiva para ferir o potencial atómico da China, enquanto se estiver a tempo? Sem irem tão longe, os dirigentes podem fazer valer a pressão sobre o regime chinês que eles detestam, na esperança de o minar ou de o derrubar. Apesar destes motivos de alarme, devemos frisar que até agora não se notam, nem de um lado, nem de outro, a histeria guerreira que precede os grandes conflitos. Em Pequim, os dirigentes repetem, na sequela do próprio Mao Tsé-Tung, declarações moderadas: «Só atacaremos se formos atacados». Ao sair da revolução cultural, uma tensão militar pode servir politicamente à China, ajudando-a a refazer a sua unidade; mas, por cem razões evidentes, ela precisa de paz para levar a cabo a sua construção. O seu poder não é ofensivo. A sua força atómica nascente não é nada ao lado da da U. R. S. S.

Os dirigentes soviéticos devem calcular, por sua vez, todos os perigos evidentes de uma guerra contra a China Popular. A força de dissuação deste país, é a imensidade do seu território e o oceano da sua população. Se a isso acrescentarmos os métodos da guerra popular inventada por Mao Tsé-Tung, vemos que a China seria para os russos, em caso de guerra, aquilo a que poderemos chamar um «super-Vietnam». A China não se está a gabar, quando diz que, a longo prazo, é o país invencível, pois que, mesmo após um holocausto atómico, seria inocupável e ingovernável para os seus vencedores.

Além disso, a Rússia tem também os seus pontos fracos. Em caso de conflito, como impedir os chineses de ocuparem o Extremo Oriente Soviético, com Khabarovsk e Vladivostok?

Enquanto se estiver a tempo, cumpre, pois, repetir aos dois campos que a guerra sino-soviética seria pura e simplesmente catastrófica para ambos os contendores. Que o Ocidente, no entanto, não caia em supor que a catástrofe o pouparia a ele e que ele podia assistir, sem inconvenientes, ou mesmo com secreta satisfação, ao duelo mortal dos dois colossos do comunismo. Os «detritos» de um tal conflito, a começar pelos das armas atómicas, feririam a humanidade inteira.

(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA VISITOU AS INSTALAÇÕES DA HANDY PORTUGUESA — IMPORTANTE E DINÂMICA EMPRESA DE CANTONEIRAS E MÓVEIS METÁLICOS

No passado dia 8 o sr. Presidente da Republica, acompanhado por toda a sua comitiva, visitou em Águeda, a HANDY PORTUGUESA, que percorreu com o maior interesse, tendo dedicado especial atenção ao fabrico de cantoneiras e à linha de produção de móveis metálicos. Observou ainda a construção do novo pavilhão (8.600 m2.) destinado exclusivamente ao fabrico de móveis metálicos.

O sr. Presidente da Republica era aguardado pelos sócios da Empresa, dr. Manuel José Homem de Mello e Nelson Reis; eng.º João Pedro Homem de Mello e António Carlos Homem de Mello, tendo a visita sido conduzida pelo dr. Nelson Reis, na sua qualidade de Director-Geral. No final o sr. Presidente da Republica descerrou uma lápida comemorativa e o dr. Manuel José Homem de Mello, depois de anunciar a entrega, em nome da firma, de um importante donativo para a Fundação Salazar, saudou o Chefe do Estado, referindo o dinamismo da Empresa e o seu progresso espectacular, através da indicação de números e estatísticas que a todos os presentes muito impressionaram.

Ao meio da tarde o sr. Presidente da Republica, visivelmente satisfeito e no meio das aclamações gerais, deixou a HANDY PORTUGUESA.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

PROCOLOR
LABORATÓRIOS FOTOGRÁFICOS A COR, LDA.
AV DUQUE DE LOULÉ, 105-4 — LISBOA (elevador)
O MAIS MODERNO LABORATÓRIO A CORES DO PAÍS
EXECUTA TODOS OS TRABALHOS DE LABORATÓRIO E FOTOGRAFIA INDUSTRIAL A CORES

Controvérsia nos E. U. A. sobre a conquista de Marte

(Continuação da pág. anterior)

expedições a Marte, como um primeiro passo para uma emigração colectiva, á escala mundial.

Perante as recentes fotografias de Marte, tão decepcionantes, é de crer que os astrónomos passem a adoptar uma certa dose de optimismo quanto á sobrevivência da Terra, pois, para já, não se vê como poderíamos encarar a hipótese de uma emigração para um planeta aparentemente tão hostil...

No entanto, o engenheiro Robert J. Parks, director das missões de voo do J. P. L., acha que a colonização de Marte é possível. E, sem entrar nas previsões pessimistas de certos astrónomos, calcula que, pelo menos, o problema da população da Terra podia assim resolver-se.

Ouçamo-lo:

— «Creio que podemos converter o planeta em algo de habitável. A primeira coisa a fazer é conseguir ali uma fonte de energia, provávelmente atómica, a fim de originarmos alterações químicas no planeta, alterações essas que irão modificar as suas condições atmosféricas e a natureza do seu solo.»

Parks preconiza a exportação de vegetais para Marte: o processo natural de fotossíntese, que faz absorver o óxido de carbono e expelis oxigénio, poderá criar a atmosfera oxigenada de que o Homem necessita.

Utilizando o oxigénio e o hidrogénio — que se encontram na camada superior da atmosfera de Marte — pode fabricar-se água graças ao formidável poder da energia atómica.

Os problemas técnicos do empreendimento são fácilmente resoluveis — declara Parks — o que se requer é um maior conhecimento da atmosfera e do solo de Marte, para que este planeta se converta numa nova Terra.

À primeira vista poderíamos julgar, pois, que estamos embrenhados na leitura de um romance de ficção científica e que Parks é uma personagem desse livro. No entanto, as suas palavras são ditas com toda a seriedade...

Uma vida baseada em ciclos químicos diferentes do nosso

Um dos primeiros objectivos das missões «Mariner» foi o de tentar determinar a possibilidade de existência de vida em Marte.

Devido ao egocentrismo do ser humano e á sua incapacidade de formular interrogações sem pontos de referência, os cientistas restringiram as suas pesquisas a formas de vida já conhecidas na Terra — as que requerem oxigénio e água.

Contudo, o caso é que, se houver organismos vivos em Marte, a sua forma de vida será muito diferente da da vida terrestre. O dr. Charles A. Barth, da Universidade do Colorado, diz, por exemplo, que, se houver seres vivos, em Marte, eles viverão de monóxido de carbono, que está presente na atmosfera marciana.

As futuras missões a Marte deverão procurar formas de vida diferentes, baseadas em ciclos químicos diversos do nosso.

Embora Marte pareça, afinal de contas, mais semelhante á Lua que á Terra, há quem aponte diferenças entre esse planeta e o nosso satélite natural.

Marte, diz-se, será um planeta activo.

No entanto, estas questões só poderão ficar resolvidas a partir de um desembarque em Marte.

Até lá, a NASA prepara o envio de uma réplica aumentada do «Mariner», para meados do ano 1971: o engenho ficará em órbita marciana durante 90 dias.

Um dos «Mariner 71» explorará 70 por cento da superfície do planeta. Entre outras coisas, a sonda procurará os lugares prováveis para as missões tripuladas de 1973.

O mistério da «onda de escurecimento» que parece deslocar-se dos pólos para o Equador, bem como a recessão e crescimento das calotes polares e os efeitos luminosos em áreas, que agora se descobriu serem crateras, serão objecto de investigação do «Mariner» que se destina a ficar 90 dias em órbita.

Esta nave descreverá uma órbita de 32 horas, por isso, pode examinar certas áreas especiais do planeta, durante longos períodos de tempo e observar, assim, as mudanças que se verificarem.

Uma vez mais os «Mariners» remeterão, através da TV, centenas de fotografias de Marte e rimas de dados científicos, provenientes dos instrumentos que levam a bordo.

Para que em 1973 possa verificar-se o primeiro desembarque humano em Marte, a ciência terá ainda muito que aprender. Muito... e depressa.

A quarentena, por exemplo, poderá ter que vir a ser muito mais rigorosa que aquela a que os lunautas se sujeitaram agora.

Mas Marte é só o princípio da exploração dos planetas pelo Homem. Jupiter, Vénus, a «grande volta» nada disso assusta os mais ousados.

Há muitos americanos responsáveis, que, neste momento, não se importariam de mergulhar em pleno reino de ficção científica. Mas nem tudo é assim tão fácil. Basta que o Congresso não queira. Basta que os homens a quem cabe a ultima palavra, não o decidam.

Uma controvérsia nacional

No mês que vem, Nixon irá ponderar as propostas sobre o programa espacial de que temos vindo a falar. Pode muito bem acontecer que ele venha a aprovar a escolha do desembarque tripulado em Marte como o próximo objectivo espacial norte-americano. Se assim for, dará também o sinal para a explosão de uma das maiores controvérsias científicas que até hoje se levantaram nos E. U. A.

A controvérsia estabelecer-se-á entre, de um lado, a agência Espacial e a NASA, e, do outro, os membros do Congresso, aos quais — estranha aliança! — se juntam, neste caso, a maioria dos cientistas.

«Marte não foge», «É prematuro desembarcar em Marte» — eis alguns dos «slogans» utilizados pelos cientistas contrários ao programa.

Os argumentos dos congressistas filiam-se em razões orçamentais e prioridades governativas. «A necessidade de ir a Marte não se põe. Estamos á frente dos soviéticos em quase todos os aspectos da exploração espacial. Não há justificação para mais».

Este tipo de argumento não pode, naturalmente, encontrar eco nos cientistas que colocam a ciência acima dos interesses da rivalidade política, embora tenha sido feito por um cientista — Bruce Murray.

O que parece é não haver, de facto, uma justificação científica suficientemente decisiva para a ida a Marte. Essa a razão por que, no seio da própria NASA as opiniões se dividem. Na verdade, grande número de cientistas entendem que o desembarque tripulado em Marte seria um desperdício dos recursos espaciais da nação.

Muitos cientistas achariam preferível uma exploração e eventual colonização da Lua.

No mês que vem, Nixon dará o seu parecer. Favorável ao desembarque tripulado em Marte? Favorável á colonização da Lua? Nem ele próprio neste momento talvez o saiba ainda.

(Exclusivo «The Wahsington Post» - «Diário de Lisboa»).

ora diga-nos...

— Assistiu já a algum incêndio?

● *Disse-nos Manuel José Mendes Biscoito, aprendiz de talhante:*

— Nem na minha terra, que é Serpa, nem na cidade de Lisboa. Sei que todos os anos ardem matas e pinhais, mas tal é a minha pouca sorte que ainda não vi um fogo...

● *Seguidamente, o sr. Cândido Duarte Rato, empregado de escritório, falou-nos assim:*

— Nunca assisti a nenhum incêndio. Sei, por vezes, que há incêndio na cidade, mas, sinceramete, não corro para ir ver as chamas... Tenho a minha vida, os meus horários. Leio nos jornais, e basta.

● *Por fim, Carlos Manuel Rodrigues, aluno da Casa Pia, fechou esta breve série de entrevistas:*

— Já assisti, sim senhor.

— Onde?

— No Estoril.

— Uma casa?

— Um pinhal. Era divertido ver os bombeiros a lutarem com as chamas, e as chamas a fazerem negas aos bombeiros...

Começa no sábado em Lisboa um congresso europeu de antigos alunos dos Jesuítas

Começa depois de amanhã em Lisboa, prolongando-se até ao dia 26, o VIII Congresso da Federação Europeia dos Antigos Alunos da Companhia de Jesus em que participarão centenas de congressistas vindos de vários países da Europa.

O Congresso começa com uma concelebração, ás 19 horas, na igreja de São Roque e as inscrições estão abertas até ás 10 horas de domingo, no Colégio de São João de Brito, ao Lumiar, onde se realizarão as sessões de trabalho.

Dentro de uma perspectiva geral de «A promoção dos Direitos do Homem, caminho para a Paz», vão ser estudados os temas «Papel da Fé numa civilização técnica» e «A contestação juvenil», sendo o primeiro exposto pelo rev. Francisco Russo, redactor da revista «Études» e membro da Delegação Católica na U.N.E. S.C.O. Qualquer dos temas será dividido em subtemas, conforme os países representados.

A Federação Europeia dos Antigos Alunos da Companhia de Jesus faz parte de uma União Mundial que está representada na U.N. E.S.C.O. através da União Mundial dos Antigos Alunos das Escolas Católicas e tem por finalidade fomentar contactos e relações fraternas entre todos os antigos alunos, assim como estabelecer intercambios com os colégios e a Companhia e incentivar a criação de grupos humanos qualificados e dotados de verdadeiro dinamismo, de modo a poderem contribuir eficazmente para a solução dos problemas humanos á luz do Evangelho.

A escolha dos temas para este congresso encontra a sua justificação no facto de o Dia Mundial da Paz ter decorrido este ano, por indicação de Paulo VI, sob o signo de «A promoção dos Direitos do Homem, caminho para a Paz».

Festival Internacional de Folclore em Sintra

Com fins beneficentes a favor do Movimento Nacional Feminino e das Conferências Femininas de S. Vicente de Paulo, vai realizar-se depois de amanhã, ás 21 e 30 no Parque Municipal dr. Oliveira Salazar, em Sintra, com o patrocínio da Câmara Municipal e da sua Comissão de Turismo, um Festival Internacional de Folclore, sendo intervenientes os seguintes agrupamentos típicos: «Folk Dance and Song Society» (folclore inglês), Rancho «Os Saloios», de Maceira (Sintra), adulto e infantil) e o Rancho Lavadeiras, do Sabugo.

Os bilhetes estão á venda na Comissão Municipal de Turismo, Restaurante dos Arcos (S. Pedro) e Tabacaria Cajú (Estefânia).

†

General

Frederico da Conceição Costa

FALECEU

(CONFORTADO COM OS DIVINOS SACRAMENTOS)

Sua esposa e restante família. Participam com pesar o seu falecimento. Hoje, às 19 horas, na Capela do Hospital Militar Principal de Lisboa, será rezada Missa de corpo presente, realizando-se o funeral amanhã, pelas 11 horas, para jazigo de família, no cemitério dos Prazeres.

P. N. A. M.

AGÊNCIA BARATA

Arcebispo de Lourenço Marques

VISEU, 21 — O Arcebispo de Lourenço Marques, D. Custódio Alvim Pereira, encontra-se de férias, na sua casa de Braçal, em S. João do Monte, no Caramulo.

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

TSAI SISTERS
Vedetas chinesas do "music-hall" internacional

FREDIANI BROTHERS
originais acrobatas e fantasistas

NORBERTO MARTINHO

BLUEBELL GIRLS' SHOW

SHEGUNDO GALARZA e seu conjunto
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE e sua orquestra
no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21anos
STORMY SUMMERS
só no wonder bar

NO CINEMA, ás 17 e 21.30 h.
OS SEGREDOS DO IMPERADOR
(M. 12 anos)

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO AVIS

TÍTULO — «Ao sol com o meu amor».

REALIZADOR — Aldo Crimaldi.

INTÉRPRETES — Romina Power, Al Bano, Linda Christian, Carlo Giordana, Helen Chanel, Carlo Taranto, Nino Taranto, Antonella Steni, Franco Franchi e Ciccio Ingrassia.

Ter-se-á perdido mais um excelente ensejo para apresentar uma película em que, com autenticidade e audácia, fossem abordados alguns dos problemas que afligem a juventude. Em vez disso, preferiu-se a história simples, sem qualquer sintoma de singularidade.

De resto, o enredo do filme (de escasso interesse) situa-se na velha e relha tese das diferenças sociais e materiais. Banal, portanto, até porque nem sequer o realizador se preocupou em narrar a história numa linguagem cinematográfica aceitável sob qualquer ângulo, e o tema já por excessivamenciso. O filme apenas pretendia apresentar Al Bano. E te explorado, não oferece já muitas possibilidades de novas perspectivas a homens vulgares.

Estamos em crer, até, que nem sequer houve a pretensão de apresentar uma temática ou uma história. O propósito dos produtores não terá sido outro senão tirar partido do excelente cancionetista que é Al Bano, regalando o espectador com uma boa meia dúzia de magníficas interpretações daquele artista. O argumento, apenas, foi o pretexto encontrado, e cujo nível nem sequer interessou.

Por tudo isso, não se terá exigido muito dos intérpretes. E é evidente que foi o que aconteceu, porque a modéstia interpretativa dos intervenientes na película é uma das suas constantes.

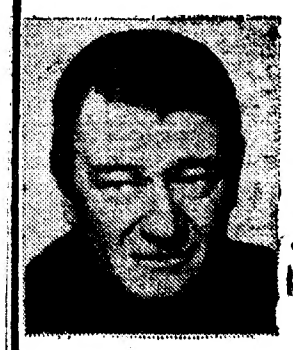
Herdeira de um nome célebre no mundo do celulóide, Romina Power não suporta o pesado fardo que essa herança representa. Não basta ser filha de Tyrone Power para se nascer artista. E Romina está muito longe do «estrelato», ainda que a possa ajudar a lá chegar o palminho de cara que possui. Mas é pouco, muito pouco, para triunfar, sobretudo no cinema europeu, onde, apesar de tudo, se exige um mínimo de sensibilidade artística, que a publicidade de Hollywood, por vezes, se não quase sempre, despreza para este tipo de filmes.

Mais discreta e segura esteve Linda Christian no curto papel que desempenhou, enquanto os «gags» dos cómicos Franco Franchi e Ciccio Ingrassia estiveram distantes daquela originalidade que provoca a gargalhada expontânea. Nem tal era pre-

(Continua na página seguinte)

A REPOSIÇÃO QUE SE IMPUNHA!
3 GRANDES NOMES DO CINEMA

JAMES STEWART



JOHN WAYNE

LEE MARVIN

na obra-prima de
JOHN FORD

O homem que matou Liberty Valance
THE MAN WHO SHOT LIBERTY VALANCE

um filme de JOHN FORD
com VERA MILES · EDMOND O'BRIEN · WOODY STRODE · JOHN CARRADINE · ANDY DEVINE · KEN MURRAY
PARAMOUNT
ADULTOS

AMANHÃ SENSACIONAL REPOSIÇÃO NO EDEN

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

■ **Depois de uma longa ausência, o actor Joseph Cotten regressa ao cinema, contratado pelos produtores Jerry Belson e Garry Marshall, para desempenhar um papel no filme «The Rasshoppers». Cotten contracenará com os artistas Jacqueline Bisset e Jim Brown.**

■ **Jack Valenti, que foi conselheiro d presidente Johnson e preside, agora, a Motion Picture Association of América, considera «trapaceiros sem arte» os produtores e realizadores daqueles filmes que estão, «inutilmente, imersos numa atmosfera sexual».**

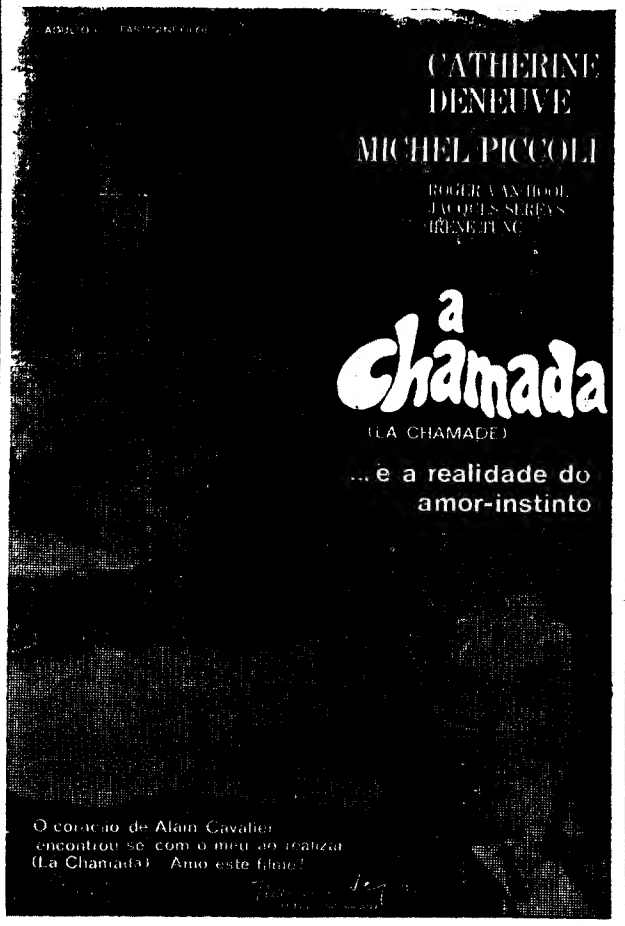
SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO BANK

ASSINALADO COM INSOFISMÁVEL INTERESSE O

2.ª SEMANA

CICLO de CINEMA Francês

PARA O NOTÁVEL FILME DE
ALAIN CAVALIER • FRANÇOISE SAGAN



«..."A Chamada" resulta um filme extremamente interessante, uma obra adulta e amadurecida, que analisa com uma evidente seriedade um tipo de relações humanas estabelecidas nos altos escalões da sociedade francesa do pós-guerra.»
LAURO ANTÓNIO — «D. Lisboa»

«...A discutida, mas sempre lida, escritora Françoise Sagan, foi a inspiradora deste filme sublime, ao escrever o romance "La Chamade".»
C. — «D. Notícias»

«..."La Chamade" é um filme que vale a pena ser visto... Catherine Deneuve excede-se a si própria...»
V. — «D. Manhã»

«...Saliente-se como ponto positivo a interpretação de Catherine Deneuve, um traço psicológico excelente, num filme que pretende o exame instantâneo das relações entre um casal e os seus amigos.»
H. — «Capital»

«..."A Chamada" é um hino à vida, arrojado na sua concepção e desconcertante pelo seu epílogo.»
P. C. — «D. Popular»

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da pág. anterior)

nesse aspecto conseguiu o seu objectivo. É uma voz de agradável audição.

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «Bye, Bye, Barbara» («Bye, Bye, Barbara»).

REALIZADOR — Michel Deville, 1969 (França).

INTÉRPRETES — Ewa Swann, Philippe Avron, Bruno Cremer, Alexandra Stewart, Michel Duchaussoy, etc.

«Bye, Bye, Barbara é um poema, uma canção, uma balada irrealista dedicada a uma jovem mulher tão misteriosa como bela» — Michel Deville.

Apetece começar por alertar os espectadres estivais: ontem, no Império, estreou-se uma (quase) obra-prima do cinema francês. Michel Deville e Nina Companeez, depois de «A mentirosa», «O Homem do Chapéu Mole», «Roubaram a Gioconda» ou «Martin Soldat» (que vimos) e depois de «A Cause, à Cause de une Femme», «Une Balle Dans le Canon», «Ce Soir ou Jamais deram-nos um filme quase perfeito, uma obra admirável (em tudo e por tudo prevista como consequência lógica das suas anteriores produções). Explique-se que Michel Deville assinou algumas das mais notáveis e subtis comédias francesas dos últimos dez anos, no que contou quase sempre com a colaboração imprescindível de Nina Companez (argumentista, dialoguista, compositora, cantora, intérprete, tudo isto em «Bye, Bye, Barbara»). Desta dupla inspirada esperavam-se coisas. Uma delas aí está, esperando a visita do espectador português. «Bye, Bye, Barbara» é certamente uma das «coisas» mais belas que o cinema nos reservou neste ano de 1969.

Michel Deville e Nina quando constroem as suas obras fazem-nas depender normalmente de ossaturas vagamente policiais que servem ùnicamente de suporte a tudo o resto que é verdadeiramente importante e essencial ao seu cinema: a análise de figuras humanas e as relações que entre elas se estabelecem. Também «Bye, Bye, Barbara» não foge á regra, parte de uma história vagamente policial (com mortes, raptos, suicídios, chantagens, jogo e drogas) e atinge, no entanto, um plano de tragédia onde os sentimentos e as emoções humanas adquirem dimensão e intensidade insuspeitadas que fácilmente tocam o sublime. Que outra coisa se poderá dizer de Paula (Ewa Swann), mulher-flor, mulher-maçã, sequestrada por Hugo (Bruno Cremer), aprisionada por Jérôme (Philippe Avron) que a salva para a perder? E de Hugo, figura violenta que faz do amor cela de prisão e, no entanto, se degrada por amor da sua prisioneira e escolhe finalmente o suicídio como forma unica de libertação (numa cena verdadeiramente de antologia, extremamente bem conduzida por um Bruno Cremer surpreendente)? E de Eva (Alexandra Stewart), drogada e viciada, terceiro vértice de um triangulo de amor e morte, cujas relações recíprocas fazem pensar em *Fedra*? Que dizer ainda de Jérôme (Philippe Avron), jornalista desportivo, boémio, cínico e indiferente que o amor de Paula faz regressar á existência, a uma vida atravessada por grandes amores, furiosamente misturados com o ódio, a angustia, o desespero, a morte?

«Bye, Bye, Barbara» é um filme notável que nós gostariamos de desenvolver em muitas das direcções nele anunciadas e que, no entanto, a estreiteza de uma noite e a presença ainda quente das emoções tidas a quando da sua visão, nos impedem de uma mais prolongada análise. «Bye, Bye, Barbara» é, porém um filme para conviver, habitar, possuir. Conduzido com um humor delicado e subtil, «Bye Bye Barbara» possui a contenção e o rigor das obras maturamente concebidas, sem que todavia tenha perdido por isso a espontânea alegria do acto criador. Conserva, pelo contrário, uma frescura que se reflecte ao longo de toda a sua projecção, mantendo um ritmo inventivo insuspeitado e uma narração fluente que continuamente se contradiz, se ultrapassa, se nega.

Extremamente belo «Bye, Bye, Barbara» é uma obra notável. Notável pela justeza das anotações que caracterizam personagens e ambientes; notável pela conjugação desses elementos; notável pela fotografia de Claude Lecomte; notável pela balada de Nina Companeez (que ela própria canta com uma voz ao mesmo tempo frágil e obcecante); notável pelos *décors* de Claude Pignot, notável ainda pelos intérpretes, desde a revelação de Ewa Swann, passando por Alexandra Stewart (que há muito não viamos e lamentávamos...), Bruno Cremer e Philippe Avron. Se Michel Deville é um autor particularmente sensível na escolha de actrizes e no posterior tratamento das figuras que lhe são distribuidas, não é menos verdade que tanto Bruno Cremer («O Desconhecido Desejado») como Philippe Avron («Festas Galantes») se excedem, dirigidos com uma inteligência e uma percepção do gesto invulgares.

Fàcilmente se compreende, pelo que atrás dissemos, que o nosso entusiasmo foi grande, ontem á noite, á saída de «Bye, Bye, Barbara». Trata-se, na verdade, de uma película de que se gosta muito de uma forma um tanto ou quanto intuitiva por «razões que a razão desconhece» (ou é incapaz de distinguir completamente e de imediato). Por isso mesmo não foi definitivo o nosso «adeus a Barbara». Regressaremos. Esperamos, entretanto, que os leitores sigam o nosso conselho e não percam este ultimo filme de Michel Deville, agora em exibição no cinema Império e que marca definitivamente a entrada deste autor na galeria dos grandes realizadores do actual cinema europeu.

LAURO ANTÓNIO

• NO MUNDIAL

TÍTULO — «Uma carreira sensacional» («Il medico della Mutua»).

REALIZADOR — Luigi Zampa.

INTÉRPRETES — Alberto Sordi, Bice Valori, Sara Franchetti, Evelyn Stewart.

Alberto Sordi é todo um espectáculo. Basta o seu nome para atrair o público. Contudo, não se trata de um caso único no cinema italiano ou no cinema francês. Outros comediantes têm sido utilizados da mesma maneira, para impingir películas que, sem eles, pouco interesse despertariam. No entanto, «Il médico della Mutua» não é apenas Sordi mas também uma crítica mordaz á classe médica, a certos tipos de doentes e á assistência social italiana, a Mutua, equivalente ás nossas caixas de previdência.

O filme escalpeliza aquele sistema e expõe o dilema do médico perante a perspectiva de socialização da assistência. Tema perfeitamente actual, que já se pôs em Inglaterra e se porá inevitàvelmente noutros países, com o seu cortejo de problemas criados por egoismos de classe e falta de mentalização relativamente ao aproveitamento eficaz de novas facilidades.

A «carreira sensacional» do dr. Tersilli (Sordi) lembra igualmente «O que faz correr Sammy» e o médico assim retratado representa bem os inúmeros «Sammys» sem escrúpulos que pululam nas mais diversas actividades, fazendo carreira á custa dos outros, sob uma fachada de falsa dedicação á defesa dos interesses dos seus semelhantes.

Sordi encarna bem o «Sammy» á italiana, visto pelo seu lado ridículo, se bem que a personagem tenha na vida real aspectos menos susceptíveis de fazer rir.

N. V.

O CARTAZ LUMINOSO DA CIDADE

CONTINUA A SER

A REVISTA

DOS

PARODIANTES DE LISBOA

UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO

NO

MONUMENTAL

T. 55 51 33 (ADULTOS)

Teatro c/ AR REFRIGERADO

2 SESSÕES: 20.45 e 23 H.

UM CORPO DE BAILE

25 LINDAS MULHERES

CAMILO FLORBELA

OCTÁVIO DE MATOS

DELFINA CRUZ

AS ATRACÇÕES

PAULA RIBAS

o conjunto musical

HY-KDOY

e agora também

RUI DE MASCARENHAS

LUGARES DESDE 10$00

10.ª SEMANA de enchentes

HOJE, RÉCITA DOS AUTORES

Poema de RUY ANDRADE, JOSÉ ANDRADE e MANUEL PUGA. — Musica de CARLOS DIAS e JOSÉ MESQUITA

TEATRO VARIEDADES

2 ARTISTAS A SÉRIO FAZEM RIR O MAIS SISUDO...

HENRIQUE SANTANA e LIA GAMA

NA COMÉDIA DE ALFONSO PASO

OS DIREITOS DA MULHER

HOJE, ás 21.45 horas (ADULTOS)

UM ÊXITO DA C.ª TEATRO ALEGRE com

IRENE ISIDRO • COSTINHA • MARIA HELENA • HENRIQUE SANTOS • LUÍSA DURÃO • HELENA ISABEL e BENJAMIM FALCÃO

SE FOR ALÉRGICO ÀS GARGALHADAS NÃO DEVE VER ESTA COMÉDIA

UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO

A

FEIRA POPULAR de LISBOA

Organizada a favor da COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

É UM PARQUE DE AMBIENTE TÃO AGRADAVEL QUE DIÀRIAMENTE O ENTUSIASMO AUMENTA

BONS RESTAURANTES — ÓPTIMOS DIVERTIMENTOS — BELOS STANDS DE EXPOSIÇÃO — MUITA EXPECTATIVA — EXPLENDIDOS PRÉMIOS

O PASSATEMPO DESPORTIVO

A VOLTA VISTA DA FEIRA

CONTINUA A MERECER O MAIS ALEGRE ENTUSIASMO DE TODOS OS VISITANTES DA FEIRA, JOVENS OU ADULTOS

HOJE OS VATICÍNIOS VÃO PARA A ETAPA

AVEIRO (METALURGIA CASAL) - CALDAS DA RAINHA

O prémio que é oferecido pela conceituada firma FRIPOLO, LDA. consta de UMA CAFETEIRA ELÉCTRICA PARA CAFÉ

Habilitando-se a este util prémio também com o bilhete de entrada receberá outra senha para o sorteio mensal da METALURGIA CASAL, de Aveiro, UMA MOTORIZADA CASAL

A FEIRA ESPERA-O E A SORTE TAMBÉM

ABERTURA ÀS 19 HORAS

NA PRAÇA MAIS CASTIÇA DE PORTUGAL

A CORRIDA DOS ASES

4.ª-FEIRA 27 ÀS 22 HORAS — M/12 ANOS

CAVALEIROS:

MESTRE BATISTA

LUÍS M. DA VEIGA

ESPADAS:

MANOLO CORTÉS

JOSÉ FALCÃO

FORCADOS AMADORES DE LISBOA

DE SALVAÇÃO BARRETO

4 — TOIROS DE FRANCISCO DE GOES

4 — TOIROS DE PINTO BARREIROS (HERD.)

XIII FESTIVAL DE SINTRA

Amanhã, 22 de Agosto 21,30 horas

RECITAL DE CANTO

pelo barítono JOSÉ LOPES

acompanhado ao piano por OLGA PRATTS

PALÁCIO NACIONAL DE SINTRA

PROGRAMA

1.ª PARTE

Romance de Dom Fernando — ARMANDO JOSÉ FERNANDES

Santa Luzia — ARTUR SANTOS

Tenho barcos, tenho remos — JORGE CRONER DE VASCONCELOS

El paño moruno — FALLA

Canción — FALLA

Polo — FALLA

Cinco melodias populares gregas — RAVEL

Os jardins de Sally — BRITTEN

Oliver Cromwell — BRITTEN

2.ª PARTE

Amores do poeta, 48 — SCHUMANN

piano STEINWAY da casa VALENTIM DE CARVALHO

Os bilhetes para os espectáculos estão à venda: Agência do S. E. I. T., Praça dos Restauradores, Lisboa; Junta de Turismo da Costa do Sol, Estoril; e no Turismo de Sintra.

No próprio dia poderão ser adquiridos desde as 20 horas no local onde se realiza o espectáculo. Estão assegurados os transportes, de ida e volta, entre Lisboa-Sintra ou Queluz.

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua do Costa Cabral, Constituição. Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

NEM O SANTO ESCAPOU...

VISEU, 21 — Esta vem de Igarei, que é lugar de trabalho e de boa gente, pegado a Queirã de Bodiosa. Houve ali festa rija. Mas sem foguetes, que pelos vistos estavam interditos em festa não avezada a dispensá-los. Pois onde se viu já festa do povo, nas Beiras, Minho, Trás-os-Montes, sem foguetório?

Musica e fogo são, com a pipa e o bailarico, conjunto de instituição nacional. Mas, repita-se, a procissão ia em bom andamento e eis se não quando um «engraçado» se lembrou de deitar foguetes.

Cremos, todavia, que «deitou foguetes antes da festa». E houve certa gente que não levou tal inconformismo a bem. Parou tudo. Bofetada que ferveu. Mas o pior é que «não semeies ventos para não colheres tempestades»... E foi logo ali, no pacato e laborioso povo de Ingarei o bom e o bonito!

Nem o santo escapou! Ficou em bocados e contaram-nos que vieram com «potin» — ou destroços — da «batalha» á cidade, apresentá-los mais á indignação popular, ainda com assomos de exigir «justiça» contra quem, afinal teve a péssima ideia de interromper a festa. E não se queixam — os queixosos, já se vê — contra o homem dos foguetes. Mas sim contra quem «embirra» com o foguetório.

O míldio ataca as vinhas

ARMAMAR, 21 — A produção vinícola nesta região mostra-se muito comprometida em consequência dos sucessivos ataques de míldio, este ano de difícil prevenção. Calcula-se em trinta por cento da produção o prejuízo, mas há lavradores que a perderem na totalidade; e além disso, o preço não é compensador.

NAZARÉ

SÁBADO 23 ÀS 22 H.

GRANDIOSA CORRIDA NOCTURNA, À PORTUGUESA

(M. 6 anos)

Cavaleiros:

JOSÉ M. CORTES
ALFREDO CONDE
GUSTAVO ZENKL

e o amador

SOMMER DE ANDRADE

Forcados:

AMADORES DO RIBATEJO
e
AMADORES ACADÉMICOS DE VILA FRANCA

7 LINDOS TOIROS

de J. Lima Monteiro e Herdeiros de Paulino da Cunha e Silva

Nota oficiosa do Ministério dos Negócios Estrangeiros

Do Ministério dos Negócios Estrangeiros recebemos a seguinte nota oficiosa:

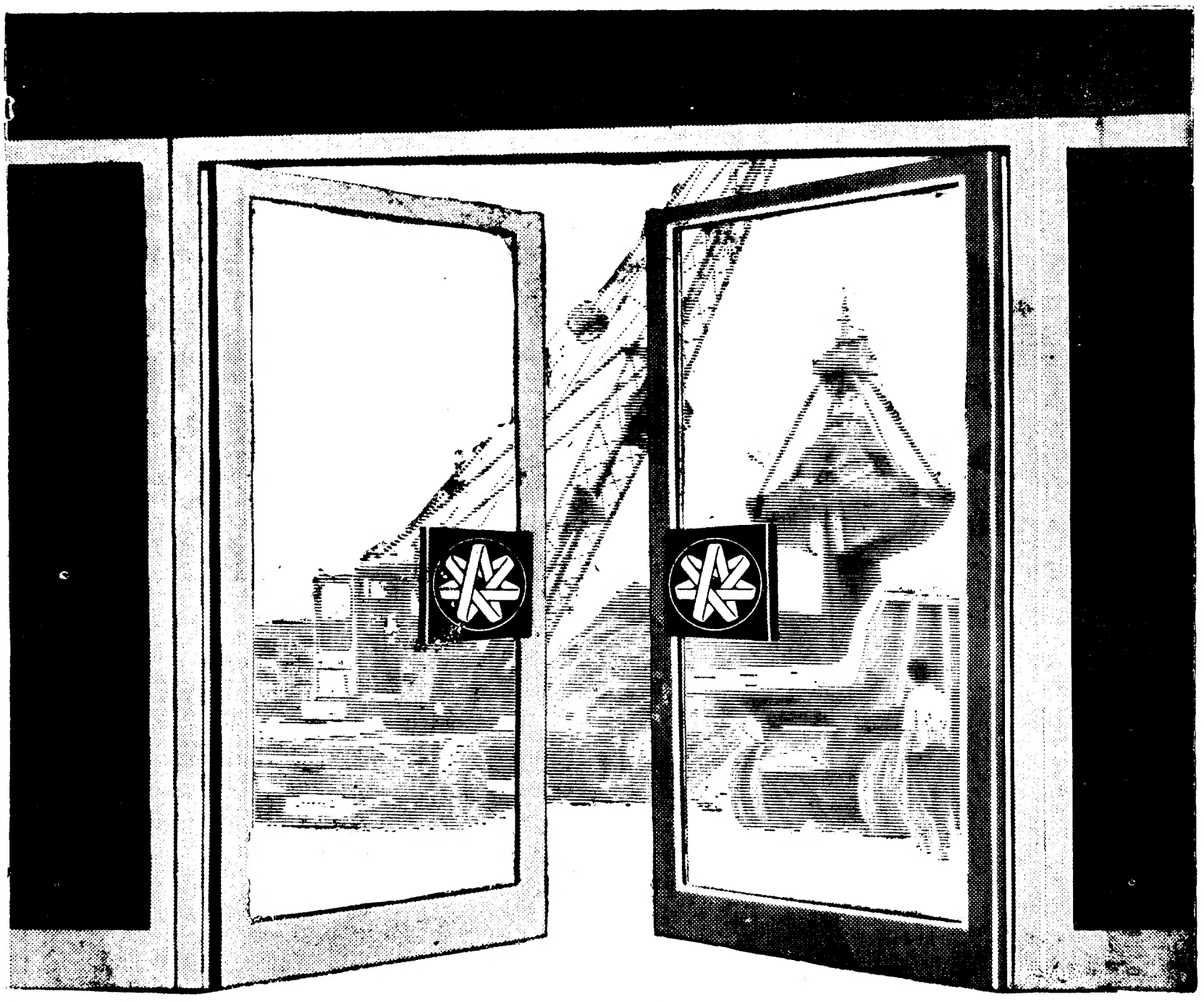
«A revista semanal americana «Newsweek» publicou, no seu último número, uma local onde se afirma que, contra a renovação do acordo relativo á utilização pelas forças americanas da base aérea das Lajes, que foi assinado em 1947 e expirou em 1962, Portugal pediria uma soma de 200 milhões de dólares, a ser paga no espaço de cinco anos. Acrescenta a mesma revista que o auxílio militar norte-americano a Portugal seria de um milhão de dólares por ano.

Deseja-se esclarecer que a notícia difundida pela revista «Newsweek» não tem fundamento. Desde 1947 que as forças militares americanas beneficiam do uso da Base das Lajes a título gratuito, sem que Portugal haja pedido ou recebido qualquer compensação monetária ou outra. Em fins de 1968, e conforme já foi tornado público, o Governo português notificou o Governo dos Estados Unidos do seu desejo de rever, á luz dos interesses actuais dos dois países, a situação de facto existente, de forma a dar-lhe uma base contratual que neste momento não tem.

Nenhum pedido, da natureza indicada pela «Newsweek», ou de qualquer outra, foi, todavia, apresentado ao Governo americano.

Por outro lado, Portugal não está recebendo qualquer auxílio militar dos Estados Unidos. Possivelmente, a revista quererá referir-se á colaboração americana no âmbito da N. A. T. O., mas esta enquadra-se no plano da defesa da Aliança Atlântica.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros tem a certeza de que, tanto a Secretaria de Estado de Defesa dos Estados Unidos como o Departamento de Estado corroborarão á revista «Newsweek» as afirmações acima, se esta publicação quiser ter o cuidado de se informar conscienciosamente junto daqueles organismos oficiais do Governo americano.»



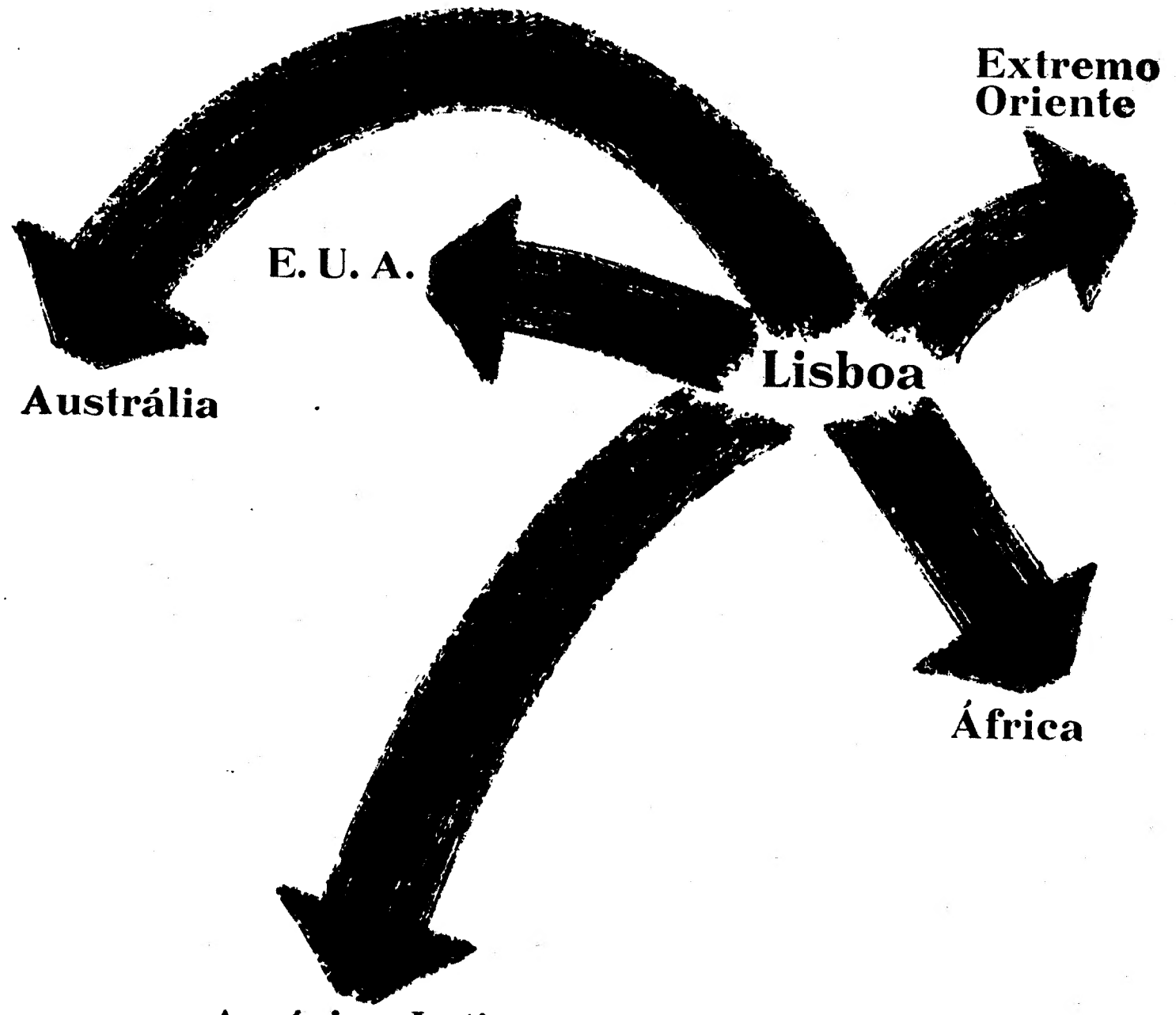
JUNTOS,
ABRIMOS TODAS AS PORTAS

No caminho do progresso,
participamos de um
esforço comum,
para construir realidades
perduráveis.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

Só a Pan American pode transportar as suas mercadorias desde a origem até ao destino em qualquer parte do mundo.



A Pan Am® liga Lisboa ao resto do mundo através dos seus aviões a jacto que voam para 122 cidades em 84 países dos 6 continentes. Isto significa que há apenas uma Companhia transportadora envolvida e portanto um único responsável pelos seus serviços de exportação e importação.

Mais uma vantagem Pan Am: O Serviço de Mercados Mundiais. Os nossos escritórios existentes em quase todo o mundo dão-lhe informações pormenorizadas sobre as possibilidades locais. Por outro lado, a revista que lhe oferecemos grátis «Worldwide Marketing Horizons» está cheia de novas ideias sobre a maneira de conquistar os mercados estrangeiros.

A Pan Am vai muito além dum simples transportador de carga — é como que uma associada sua no campo dos negócios.

Dirija-se ao seu Agente habitual de Carga Aérea ou à Pan American em Lisboa, Praça dos Restauradores, 46 Telef 36 21 81 ou Aeroporto da Portela — Telef 72 64 62

Na Pan Am encontra a solução que procura

PAN AM

Transporta mais carga aérea em todo o mundo

A Suíça poderá restringir a entrada de trabalhadores estrangeiros

ZURIQUE (Suíça), 21 — (A. N. I.) — Tudo leva a crer que, por referendo nacional, o número de estrangeiros autorizados a viver e a trabalhar na Suíça será restringido.

O referendo foi proposto pelo deputado independente dr. James Schwarzenbach, que em Maio recolheu 71 000 assinaturas a favor do referendo cuja petição propunha a chamada «excessiva influência estrangeira». A lei suíça exige apenas 50 000 assinaturas para se proceder a referendo nacional sobre qualquer assunto e, uma vez conseguido esse mínimo, o referendo efectuar-se-á dentro de dois anos.

Schwarzenbach e os seus partidários pretendem que o número de estrangeiros que vivem e trabalham na Suíça seja limitado a dez por cento da população nacional, em cada um dos cantões. Por sua vez, opositores alegam que essa proposta não pode ser aplicada, pois levaria a uma situação económica terrível.

Na falta de estrangeiros, não haverá suíços em número suficiente para fazerem funcionar as fábricas, os hoteis e restaurantes, construir edifícios e abrir estradas.

A Suíça tem a maior percentagem de estrangeiros de todos os países. No fim de 1968, havia 933 124 estrangeiros e seis milhões de nacionais.

Entre os estrangeiros que trabalham na Suíça, 509 930 são italianos, seguindo-se os espanhóis, com 11 945, os alemães, os franceses e os austríacos.

Schwartzenbach excluiria da sua percentagem os velhos e os doentes, os turistas, as pessoas que trabalham em hospitais e organizações internacionais, trabalhadores com ocupações sasonais, estudantes, cientistas e artistas, além dos chamados trabalhadores fronteiriços, isto é, os que trabalham na Suíça mas residem noutro país.

Se o projecto fosse aprovado, mais de 450 000 pessoas seriam obrigadas a abandonar a Suíça, mas a esta ideia opõem-se todos os partidos políticos, os sindicatos e as firmas comerciais e industriais

Comunicado final das conversações Tito-Manescu

BELGRADO, 21 — (A. N. I.) — «Só conseguirá obter-se no mundo uma paz duradoira se forem respeitados e devidamente aplicados os princípios da independência, soberania, igualdade e não-interferência nos assuntos internos dos outros países» — afirma-se num comunicado oficial publicado em Belgrado, a encerrar a visita do ministro romeno dos Negócios Estrangeiros, Corneliu Manescu, á Jugoslávia.

Durante a sua permanência neste país, Manescu conferenciou com o presidente Tito e com o ministro jugoslavo dos Negócios Estrangeiros, Mirkp Tepavac.

Antes de partir para Bucareste, Manescu afirmou aos jornalistas que estava «plenamente satisfeito com o resultado da sua visita e das suas conversações».

Actualidade internacional

Condenação de Brizzola

RIO DE JANEIRO, 21 — (F. P.) — O antigo deputado brasileiro Leonel Brizzola, actualmente exilado no Uruguai, foi condenado, na terça-feira, por um tribunal militar, do Rio de Janeiro, a três anos de prisão, por actividades subversivas.

O jornalista João Cândido de Maia Neto foi condenado à mesma pena, enquanto oito outras pessoas acusadas de cumplicidade foram absolvidas. Segundo o procurador militar, os condenados entregavam-se a manifestações subversivas pela rádio, sob o Governo de João Goulart.

Julgamento de um padre espanhol

BURGOS, 21 — (F. P.) — Luis Maria Bereciartua Irastorza, vigário de Berriz, de 28 anos, foi condenado ontem a oito anos de prisão pelo Conselho de Guerra da 6.ª Região Militar reunido secretamente, por «rebelião militar», em virtude da lei relativa ao banditismo e terrorismo.

Tinha sido preso em Julho ultimo perto da localidade de Durango, quando viajava num automóvel em companhia dum outro religioso, tendo sido encontrados no veículo manifestos considerados subversivos.

O veredicto deverá ser confirmado pelo capitão-general da 6.ª Região Militar (Burgos).

UMA FORÇA DE INTERVENÇÃO da Polícia francesa exibe, durante um desfile na Prefeitura de Paris, as últimas inovações em matéria de equipamento.

ESMAGAR AS TENTATIVAS PARA AFASTAR A CHECOSLOVÁQUIA DO BLOCO SOCIALISTA

— OBJECTIVO DA INTERVENÇÃO DE HÁ UM ANO SEGUNDO O JORNAL SOVIÉTICO «PRAVDA»

MOSCOVO, 21 — (R.) — A «Pravda» diz hoje que a invasão da Checoslováquia por tropas do Pacto de Varsóvia teve como efeito esmagar as tentativas imperialistas de afastar o país do bloco comunista.

Um editorial publicado na primeira página do jornal «Sovietskaya Rossiya», órgão da comissão central do Partido Comunista, refere-se apenas a comentários directos sobre o aniversário, como aliás quase todos os matutinos soviéticos.

Tanto os jornais como Rádio Moscovo ignoraram por completo as demonstrações anti-soviéticas que há dois dias lavram na cidade de Praga.

O editorial do órgão da comissão central do Partido, sob o titulo «Cooperação e unidade», reitera o ponto de vista do Kremlin de que as relações entre os países comunistas são um caso puramente interno e vergasta as tendências para o nacionalismo.

O mesmo editorial diz que o «internacionalismo proletário», a tecla mais batida pelo Governo de Moscovo, «assume incondicionalmente a fraternal de todos os povos dos países socialistas, a não interferência nos assuntos internos de cada um, a amizade e solidariedade

Manifestações

LONDRES, 21. — (F. P.) — Mais de um milhar de manifestantes munidos de letreiros em que se lia «Dia de Vergonha» e «Soviéticos fora de Praga» dirigiram-se ontem, á noite, á Embaixada da União Soviética nesta cidade para protestar contra a invasão da Checoslováquia, há um ano.

A CHECOSLOVAQUIA COMPARADA AO VIETNAM

ROMA, 21. — (F. P.) — A noite passada, o Partido Radical Italiano organizou uma manifestação defronte da Embaixada da U. R. S. S., tendo os manifestantes, que empunhavam cartazes dizendo «O Vietnam é para o liberalismo o que a Checoslováquia é para o comunismo» queimaram um soldado em efígie co o distico «U. R. S. S./Vergonha».

LUIGI LONGO DISCORDA

LONDRES, 21. — (F. P.) — São vários os jornais britanicos que dedicam ao primeiro aniversário da invasão da Checoslováquia os seus editoriais.

O «Times» considerando que a invasão «semeou os germes de uma desintegração explosiva do império soviético» diz que o desenvolvimento politico da Europa Ocidental carece de um «leque politico que vá da direita á esquerda». A esquerda tem, porém, sofrido com o ter-se associado aos malogros comunistas, e a politica da Checoslováquia teria podido ser muito util á esquerda e «teria talvez contribuido para trazer a concepções mais democráticas certo numero de jovens na Europa que, actualmente, não encontram nem partido nem sistema politico que valha a pena ou seja capaz de reflectir as suas aspirações».

O «Guardian» examina as consequências da invasão entre os intelectuais soviéticos, para dizer que o numero destes que protestaram contra a invasão «é particularmente elevado, só um pequeno numero tendo sido castigado por esse protesto». «A confusão, a impressão de não ter acertado e o medo» explicam o comportamento do Kremlin.

«Não julgamos que a intervenção militar decidida pelos países do Pacto de Varsóvia tenha sido um meio de ajudar os camaradas checoslovacos a sairem das suas dificuldades» — escreve Luigi Longo, secretário-geral do P. C. italiano, no órgão deste, «L'Unita». Num extenso artigo, Longo reitera as suas posições contrárias á intervenção. «A audaciosa acção de renovação empreendida na Checoslováquia, depois de Janeiro de 1968, estava conforme a evolução indicada pelas decisões do vigésimo congresso do Partido Comunista da U. R. S. S.» — salienta. E mais adiante declara: «Temos de rejeitar o conceito de poder haver um modelo unico de socialismo válido para todos os países...».

Base de mísseis albanesa

LONDRES, 21 — (F. P.) — Engenheiros e peritos chineses dirigem a construção de uma base de mísseis em Scutari, na Albânia, escreve esta manhã o «Daily Telegraph» em correspondência datada desta cidade.

Os trabalhos aproximam-se do fim nesta base, que será a mais setentrional de uma série de seis similares destinadas a controlar a entrada do Mar Adriático. A sua construção teria sido decidida depois da invasão da Checoslováquia, devido ao receio de um ataque soviético contra os portos albaneses, em especial contra a base naval de Valona.

A base de Valona e uma outra, em Durazzo, estariam já equipadas com mísseis de concepção soviética S.A. 2 «Guideline», com um alcance de cerca de 45 km fornecidos pela China.

Índios brasileiros poderão ser transferidos das suas regiões

RIO DE JANEIRO, 21 — (R.) — A tensão existente entre as tribos primitivas das selvas brasileiras e os colonos que se apossam das suas terras veio novamente chamar a atenção do publico para o problema dos índios do Brasil.

O ano passado, o país ficou emocionado ao tomar conhecimento de acusações oficiais segundo as quais, na Amazónia, brancos sequiosos de se apoderarem de terras, dinamitaram, envenenaram, abateram á metralhadora e torturaram milhares de índios, para ficarem com as suas reservas.

O actual Governo brasileiro dissolveu o serviço de protecção aos índios e substituiu-o por uma nova fundação, mas os recursos de que este organismo dispõe não têm sido suficientes para impôr a paz nos terrenos tomados á força pelos colonos.

No curso superior do rio Xingu, bem no interior do Estado de Mato Grosso, colonos brancos começaram a ocupar as terras ancestrais dos índios Gavião, há pouco tempo pacificados, e espancaram os seus chefes.

Os índios responderam com o assassínio de seis brancos e uma declaração de guerra. Em seguida, internaram-se nas selvas deixando flexas cravadas ao longo do caminho que seguiram, como um aviso dirigido aos brancos.

Foram iniciadas conversações mas, ao mesmo tempo, um grupo de brancos, partiu de uma localidade próxima para realizar uma expedição punitiva. Os brancos foram detidos pelas autoridades no preciso momento em que começavam a internar-se na selva.

A Fundação dos índios está agora a encarar a possibilidade de os transferir para outra região onde os animais selvagens, que os índios caçam com arcos e flechas, são mais abundantes. Nas áreas até agora habitadas pelos índios, os caçadores brancos mataram quase toda a fauna selvagem.

Afirma-se, também, que os colonos brancos têm estado a invadir os territórios das tribos dos Nhambiquaras, Mamaindes, Galeras e Parecis.

Missionários que se encontram na Amazónia reuniram-se recentemente com funcionários da Fundação dos índios para estudarem o problema. O grupo chegou á conclusão de que muitas das invasões das terras dos índios foram organizadas por «políticos que têm tanto poder como falta de escrúpulos».

Apresentada na Grécia a lei de Imprensa

ATENAS, 21 — (F. P.) — O texto dum volumoso projecto de decreto-lei relativo à Imprensa — com 180 artigos — foi distribuído ontem à noite ás organizações de jornalistas gregos e estrangeiros, as quais «deverão dar a sua opinião acerca deste texto até 15 de Setembro próximo».

Como se sabe, as disposições da Constituição grega que proíbem a censura e proclamam o princípio da liberdade da Imprensa foram suspensas nos seus efeitos simultâneamente com a promulgação da constituição no ano passado.

A Imprensa local grega vive portanto actualmente sob um regime de censura prévia, enquanto os correspondentes de jornais, periódicos, emissoras e agências estrangeiras não estão sujeitos a censura.

O projecto de decreto-lei declara que «a Imprensa é livre e constitui uma missão publica», mas enumera ao mesmo tempo uma longa lista de delitos previsto.

Deste modo, poderão ser intentados processos penais contra jornalistas por «falta de apego à pátria aos ideais acionais», por «tentativa de mudança do regime social estabelecido», por «má fé», «publicação de falsas informações com conhecimento de causa», «exploração duma informação para benefício próprio ou benefício de terceiro».

Quanto aos orgãos da Imprensa propriamente ditos, serão tornados responsáveis por um certo nummero de delitos, nomeadadamente por ofensa à pessoa do rei, do príncipe herdeiro, de suas esposas e de seus filhos. Por outro lado será proibida sob pena de prisão a publicação de propaganda dos partidos ou organizações proibidas. No caso dum jornal, no prazo de cinco anos, ser duas vezes condenado por um delito de Imprensa, o tribunal deverá ordenar o encerramento provisório ou definitivo da empresa proprietária.

Um ponto posto em destaque é «a protecção da juventude», prevendo-se castigos severos para qualquer atentado contra a moralidade dos jovens.

Sociedade «ESTORIL»
VENDA DE BILHETES
VENDA DE SÉRIES DE 20 BILHETES
SEM DATA
PARA OS DOMINGOS
Todos os dias e em todas as estações.

Faleceu no Porto Santo o dr. Pestana Júnior antigo ministro da República

Personalidade de relevo na vida política portuguesa, o dr. Pestana Júnior, que ontem foi a enterrar naquela mesma ilha do Porto Santo, onde nascera, era dos poucos ministros sobreviventes da República, na sua fase democrática. E, como quase todos esses governantes — honra lhes seja! — desaparece mantendo a mesma integridade moral, a mesma firmeza de carácter e intransigência na defesa da democracia e a mesma generosidade de ideal que os caracterizou em vida.

Pode enquadrar-se a vida pública do dr. Pestana Júnior entre a greve académica de 1907, em Coimbra, quando frequentava Direito, e a presença continuada no Tribunal Plenário da Boa Hora, quando roçava já pelos oitenta anos, ao ser julgado seu filho, o major Pestana de Vasconcelos. O activista de Coimbra revia-se, a quase sessenta anos de distância, na coragem e na decisão do filho, por ele educado na melhor escola de civismo. Vencedor ou vencido, que interessa, se o que conta verdadeiramente é a chama interior que nos alumia e se os alcatruzes andam e desandam!

*

O dr. Manuel Gregório Pestana Júnior, de seu nome completo, morreu com 83 anos, pois nascera em 16 de Agosto de 1886, na vila do Porto Santo. Descende a família de gentes radicadas há séculos na pequena ilha; e ao falar sobre Cristóvão Colombo, em livro que fez eco, o dr. Pestana Júnior como que compulsava genealogias e ambientes que eram os da sua infância e mocidade. Os mesmos onde repousa para sempre desde ontem.

Feita a instrução primária, matriculou-se no Liceu do Funchal, mas só ali fez o primeiro ano. Matriculava-se no Colégio de Campolide, dirigido pelos Jesuítas. Lá esteve de 1899 a 1905, ano em que entrava para a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Em 1907, com Ramada Curto, Campos Lima, Alberto Xavier, Pinto Quartim, estes dois últimos ainda vivos, foi dos elementos preponderantes da Greve Académica, que tanto afectaria a Ditadura de João Franco. Preso e processado, seria absolvido no tribunal.

Concluída a formatura em 1910, o dr. Pestana Júnior seguia logo para o Funchal, onde iniciaria a sua vida de advogado de renome e de político activo, sempre na primeira fila dos combatentes.

Proclamada a República, nesse mesmo ano era nomeado administrador do concelho do Funchal. Conservou o cargo até ser eleito deputado, nas primeiras eleições suplementares após as Constituintes. Seria eleito sucessivamene até á Ditadura de Sidónio Pais.

Militando no Partido Republicano Português, o dr. Pestana Júnior voltou á Câmara dos Deputados, em 1922, nela se mantendo até á Ditadura Militar de 1926. Fez parte do directório do seu partido e acompanhou, depois, a Esquerda Democrática do dr. José Domingues dos Santos.

Quando este organizou Governo, o dr. Pestana Júnior, que sempre se destacara pelos seus estudos económicos, tomou conta da pasta das Finanças.

A actuação do dra. Pestna Júnior no Ministério caracterizou-se pelo esforço no sentido do restabelecimento do equilíbrio orçamental, esforço iniciado no Governo do dr. Álvaro de Castro, gerindo este as Finanças, meses antes, e que prosseguiria com os ministros Vitorino Guimarães, este afectado com a revolta do 18 de Abril dos elementos que depois haviam de fazer o 28 de Maio, com Lima Basto, Torres Garcia e com Marques Guedes, que ocupava a pasta em 1926.

No volume do prof. Marques Guedes, «Páginas do Meu Diário», mais ainda do que nos «Cinco Meses de Governo», se vê como era a situação ecnómica e financeira do País. Os números falam bem claro e com mais objectividade do que todas as palavras atiradas ao vento.

Nesse período, fez, ainda, o dr. Pestana Júnior parte da Câmara Municipal de Lisboa.

Voltou ao Funchal, e á sua banca de advogado, depois de 1926. Foi presidente da delegação da Ordem dos Advogados na Madeira. E, desde 1945, participou em todos os movimentos oposisionistas e, nas eleições legislativas, interveio sempre na Imprensa, em manifestos e, e duas delas espesialmente. Nas de 1961, apresentou-se candidato, juntamente com os srs. dr. Brito Câmara, já falecido, e Aníbal Trindade. Os manifestos então podem servir de modelo de literatura política, pelo conhecimento que mosram da situação do círculo e da situação política geral.

O dr. Pestana Júnior esteve sempre muito ligado á Imprensa, e nela colaborou assíduamente. Fundou e dirigiu «O Radical», órgão do P. R. P. na Madeira, de 1912 a 1916. Colaborou, também, no «Diário de Notícias» e no «Diário da Madeira», do Funchal, e, em Lisboa, no «Diário de Notícias» e no «Mundo», na «Luta» e noutros. Sobre questões económicas deixou muitos artigos no semanário «O Sol», do falecido coronel Lelo Portela.

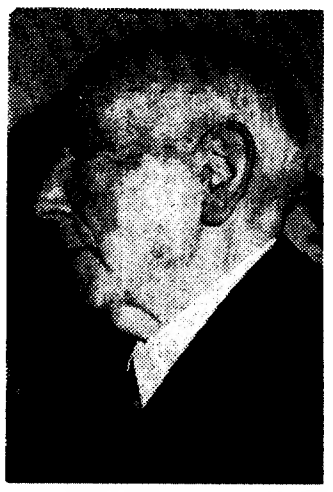
Além de algumas minutas jurídicas, o dr. Pestana Júnior publicou o volume «Simão Palha», a defender a nacionalidade portuguesa de Cristóvão Colombo.

*

Doente há tempos, o dr. Pestana Júnior expirou, anteontem, na sua casa do Porto Santo, tendo-se realizado o funeral ontem, á tarde, a que assistiu toda a população da ilha, que tanto o estimava.

O dr. Manuel Gregório Pestana Júnior era casado com a sr.ª D. Ângela Rego dos Santos Pestana e pai das sr.as D. Maria da Luz Pestana Carvalho Pereira, casada com o dr. Guilherme de Carvalho Pereira, D. Teresa Maria Pestana Santa Rita, viúva do dr. José Santa Rita, D. Maria Emília Pestana Garcia Pereira, casada com o dr. Aníbal Garcia Pereira, e do major Francisco António de Vasconcelos Pestana, casado com D. Maria Fernanda Freitas de Vasconcelos Pestana.

À família enlutada apresentamos sentidas condolências.



DR. PESTANA JÚNIOR

TEMPO DE FOGOS

REACENDEU-SE O FO NA SERRA DO CARAM

O fogo reacendeu-se na área da serra do Caramulo, entre Castanheira de Vouga e Avelar de Cima. Às 12 e 40 foram reclamados para o local os bombeiros de Aveiro, Águeda e Albergaria.

A povoação de Paul esteve ameaçada durante a noite

Mantém-se a vigilância no resto da serra, onde, ao princípio da madrugada, o fogo foi considerado extinto.

Os bombeiros e militares recolheram já aos respectivos quartéis, tendo estampado no rosto o cansaço de horas e horas a fio atacando as chamas, debaixo de uma temperatura escaldante.

De madrugada, as chamas ameaçaram a povoação de Paul, que conseguiu salvar-se, pois os Bombeiros Voluntários de Águeda tinham, a sul e a norte desta povoação, dois carros de prevenção. Dado que o rio Águeda passa perto, o ataque ao fogo foi mais rápido e mais eficiente.

Milhares de contos de prejuízo em árvores (pinheiros e eucaliptos) colmeias — uma riqueza da região — campos de lavradio, em que o fogo destruiu tudo, é o resultado do que, para já, parece ser o maior incêndio do País.

Os lavradores, madeireiros, etc., da região esperam uma comparticipação do Governo, a fim de poderem subsistir, uma vez que só as aldeias ficaram de pé.

Duzentos ou trezentos quilómetros quadrados de pinheirais verdejantes há dias são agora uma extensa área de esqueletos de árvores calcinadas.

Mais uma vez, os militares colaboraram abnegadamente no com bate ás chamas. A gravura mostra-nos um ferramentas, a caminho de uma das zonas mais afectadas

O incêndio no poço de petróleo de Quenguela-Norte

LUANDA, 21. — Todas as corporações de bombeiros de Luanda e arredores estão a combater o incêndio do poço de petróleo de Quenguela-Norte, o mais importante explorado pela Associação Angol-Petrangol.

O fogo irrompeu de madrugada e desconhecem-se por enquanto as causas que o ori-

JAPÃO...

...e ainda

TAIPÉ
HONG KONG — Macau
BANGUECOQUE
TEERÃO
BEIRUTE
ATENAS

25 MARAVILHOSOS DIAS NO FASCINANTE ORIENTE

PARTIDA DE LISBOA
— em 19 de Setembro —

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU A:

SAS

Rua Joaquim António de Aguiar, 41 — LISBOA — Telef. 4 93 74

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Ourivesaria da GUIA
UM NOME NA OURIVESARIA PORTUGUESA
FUNDADA EM 1919
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

A INCÓGNITA DO ESPAÇO

Apesar do grande avanço da ciência, o Universo continua a ser uma incógnita para o homem. Assine «CICLOPE — La incógnita del Espacio» e ficará apto a compreendê-lo melhor, lendo depoimentos dos grandes cientistas Von Braun, Lovell, Faget entre outros, e dos astronautas Komarov, Glenn, Scott Carpente, etc. Cada fascículo, Esc. 15$00.

Peça a: DISCO — Distribuidora Comercial de Revistas e Publicações, Lda., Rua Azedo Gneco, 78-B — LISBOA 3.

Ford à fre
O Escort s cu
E é mais c
Não se conten
.Escort – Escort DeLux
Utilitárias (Estate Car
Ford Esc
A SUA DISPOSIÇÃO NO CONCE

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

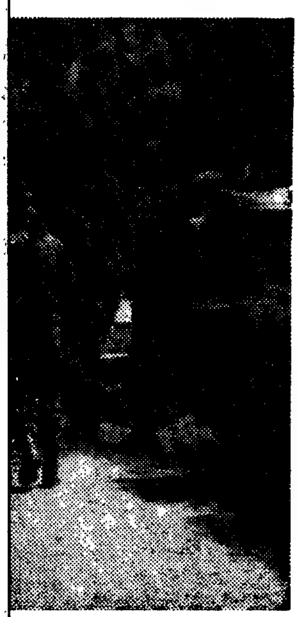
FOGO MULO

g:naram. A sonda que se encontrava no local, avaliada em milhares de contos, ficou completamente destruída.

Foi já chamado o famoso técnico norte-americano Red Air, que esteve a combater o incêndio no Pande, em Moçambique.

Prejuízos elevados em Santa Comba

SANTA COMBA DÃO, 21. — São elevados os prejuizos do incêndio ocorrido próximo da povoação de Cagido, deste concelho. Cerca de 20 km2 de mato, pinhais e eucaliptos — pertencentes a diversos proprietários — foram pasto das chamas, que seis corporações de bombeiros voluntários da área combate-



s um pelotão, munido de

am durante 12 horas.

O incêndio chegou a meaçar sériamente a povoação de Cagido, onde xistem diversas arrecadações de palha, e os voluntários de Santa Comba Dão montaram um serviço de prevenção na vila, que também se receou viesse a ser tingida.

Desconhecem-se, por enquanto, qual a origem do inistro. Os bombeiros entregam-se, agora, aos trabalhos de rescaldo.

A serra do Caramulo, depois de considerado extinto o pavoroso incêndio, oferecia imagens desoladoras como a que a gravura documenta

Mais de 50 toneladas de resíduos de borracha (e algumas oliveiras) arderam em Camarate

Cerca das 10 e 30, os bombeiros começaram os trabalhos de rescaldo de um incêndio ocorrido em Camarate, na Quinta da Cruz do Tanque. Arderam mais de 50 toneladas de resíduos de borracha, que se encontravam empilhados ao ar livre perto do local onde termina uma das pistas do Aeroporto da Portela.

As chamas destruíram também, algumas oliveiras, e outras foram cortadas pelos bombeiros, para que o fogo não se propagasse aos terrenos vidinhos, nomeadamente á Quinta do Casalinho, onde existem barracas que servem de habitação a gente humilde.

Cerca de 120 bombeiros pertencentes ás corporações de Camarate, Sacavém, Moscavide, Odivelas e Loures, e ao B. S. B., lutaram desde a 1 e 30 da manhã, aproximadamente, contra as chamas. Compareceram no local 15 viaturas (autotanques e prono-socorros) e foram utilizadas diversas agulhetas de nevoeiro.

Os bombeiros do aeroporto fizeram a prtecção á pista localizada próximo da pilha de borracha, impedindo que as chamas se propagassem a restolho que ali existe.

A origem do incêndio é desconhecida supondo-se que o mesmo tenha sido causado por negligência. Os trabalhos foram orientados pelos srs. Emílio Salgado Moreno e Carlos Costa, respectivamente, 2.º comandante e chefe de secção dos Bombeiros Voluntários de Camarate.

Várias culturas destruídas nos concelhos de Tomar

TOMAR, 21 — Terminaram os trabalhos de rescaldo do fogo que anteontem queimou grandes áreas vegetais e barracões nos concelhos de Tomar e Ferreira de Zêzere. O incêndio, que devastou uma área de mais de cinquenta quilómetros quadrados, destruiu olivais, culturas de feijão e milho, barracões e uma casa de habitação, localizada no meio de um pinhal, mas, felizmente, desocupada.

Não se registaram desastres pessoais.

DOIS MIL CONTOS DE PREJUÍZO NO INCÊNDIO DE UM PRÉDIO EM GUIMARÃES

GUIMARAES, 21 — Cerca das 8 horas da manhã, os bombeiros desta cidade, de Vizela, Fafe e Taipas, deram por concluidos os trabalhos de rescaldo do violento incêndio que deflagrou, cerca das 2 horas da madrugada, num prédio de construção antiga, na Rua da Rainha, propriedade da Santa Casa da Misericórdia.

O sinistro alarmou àquela hora a população, que acordou sobressaltada pela violência de uma explosão, seguida de chamas muito altas, que envolveram o imóvel, constituido por rés-do-chão, primeiro e segundo andares, e do qual só ficaram as paredes. Nos dois andares estava instalado o estabelecimento de artigos electrodomésticos pertencente á firma Fernando G. Almeida. Assim, encontravam-se ali centenas de frigoríficos e de televisores, e outros utensílios, que ficaram completamente calcinados. Foram, também, atingidos pela explosão três automóveis e uma furgoneta estacionados na via pública.

O rés-do-chão do prédio sinistrado é ocupado pela Tipografia Ideal, que sofreu grandes prejuizos causados pela água das agulhetas.

De destacar a acção dos bombeiros (comandados pelo sr. Manuel Paulino Ferreira Leite), que evitaram a propagação das chamas á igreja da Misericórdia, e, ainda, a outros prédios vizinhos.

No Hospital da Misericórdia recebeu tratamento o sr. Fernando Gomes de Almeida, proprietário do estabelecimento de electrodomésticos, o qual ficou queimado nas mãos.

Os prejuizos estão calculados em cerca de dois mil contos.

Está a decorrer em Xabregas o oitavo curso de ajustagem do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra

No Centro n.º 1 de Formação Profissional Acelerada, em Xabregas, está a decorrer o oitavo curso de ajustagem ministrado pelo Fundo de Desenvolvimento daMão-de-Obra através do Serviço de Formação Profissional. Frequentada por 15 alunos, a secção de ajustagem tem por finalidade formar operários na especialidade de serralheiro ajustador que passará a executar, montar, ajustar e regular os diversos elementos componentes de aparelhos ou máquinas fabricadas pela empresa.

O programa de ensino compreende: uma sólida formação de base sobre os materiais e processos de os trabalhar; o conhecimento dos diversos ajustamentos e sua utilização nas diferentes máquinas; noções de tecnologia e cálculo respeitantes à profissão; utilização intensiva das regras de segurança; conhecimentos de desenho para que possam, a partir dele, executar toda a variedade de peças ou conjuntos de peças.

A variedade de trabalhos que os operários executarão durante um período de cerca de seis meses habilitá-los-á a executar, ajustar, montar ou regular qualquer tipo de ajustamento com um rendimento em princípio correspondente a cerca de 80% do exigido a um operário médio.

Após o curso, e com o apoio do Serviço Nacional de Emprego, os operários ficarão habilitados a encontrar colocações compatíveis em diversas empresas.

Cursos de secções preparatórias

Entraram também em funcionamento no Centro n.º 3, no Seixal, os dois primeiros cursos de Secções Preparatórias com a frequência de 29 alunos.

Ministrados pelo Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra através do Serviço de Formação Profissional, estes cursos, que decorrerão num período de dois meses, terão por finalidade promover a revisão e o alargamento dos conhecimentos básicos de português e na matemática, bem como elevar o nível de cultura física dos estagiários.

As matérias a tratar ao longo dos dois meses encontram-se distribuídas em três grupos: Português, Matemática e Noções Gerais, abrangendo, respectivamente, o 1.º grupo — leitura, ortografia, flexologia nominal e verbal, redacção, sintaxe; o 2.º — as quatro operações e respectivas provas, geometria, números complexos e suas operações, números decimais, medidas, etc.; e o 3.º grupo — Noções Gerais e organização política, do corpo humano e higiene, de vida corrente, organização corporativa e leis de trabalho, e ainda de previdência.

PEDE A JACKIE QUE SE DIVORCIE

TEERÃO, 21 — (R.) — O jornal «Kayhan», desta cidade, publicava a noite passada uma carta de um funcionário da Embaixada norte-americana em Atenas pedindo a um ardente apaixonado persa de Jacqueline Onassis que a esqueça e procure outra mulher.

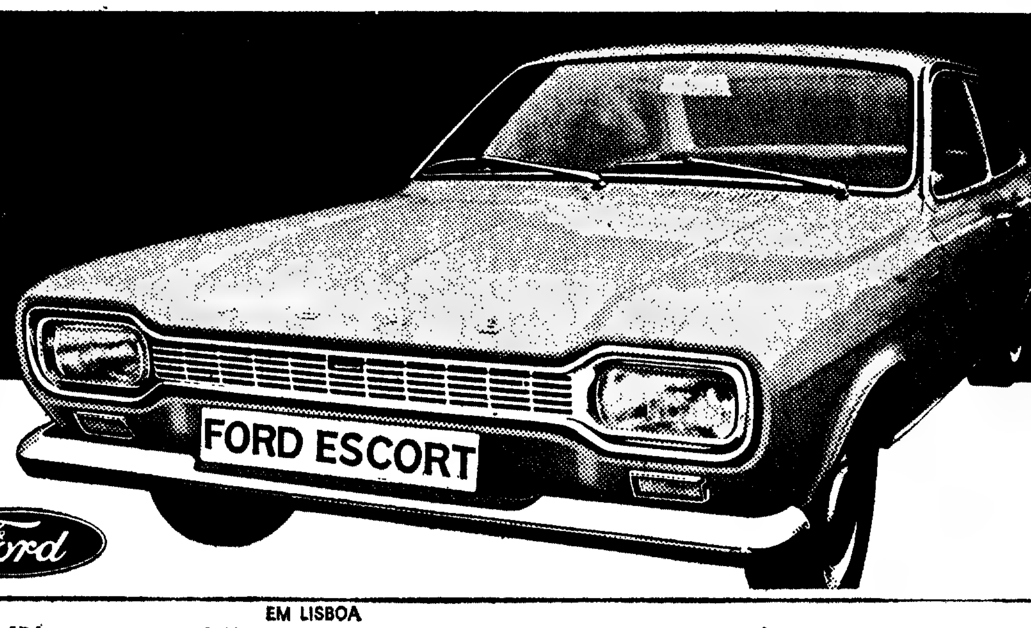
O «Kayhan» dizia que Abraham Simounian, antigo operário arménio-persa da industria petrolifera, nunca vira a sr.ª Onassis, viuva do falecido presidente John Kennedy, mas que se apaixonara por ela.

Simounian abandonara a noiva e escrevera á sr.ª Onassis cartas todos os dias, pedindo-lhe que se divorciasse do magnata grego da navegação Aristoteles Onassis e se casasse com ele.

O jornal publicou uma tradução em persa da carta do funcionário da Embaixada, James Lemont, escrita em nome do embaixador dos Estados Unidos em Atenas, que informava Simounian que um divórcio era impossível.

O «Kayhan» acrescentava que Simounian enviara, também, muitas cartas ás autoridades norte-americanas, incluindo o embaixador em Atenas, pedindo-lhes que persuadissem a sr.ª Onassis a casar com ele.

frente em preco
custa 56.704$10.
is carro.
tente com menos!



DeLuxe – Escort GT (1300 cc)
e Car e Furgoneta)
Escort só é pequeno no preço
Ford

CONCESSIONÁRIOS FORD
EM LISBOA
AUTO BOAVISTA, LDA. R. da Boavista, 81-B - Telef. 66 61 41 / J. MENDES COELHO, LDA. R. Alexandre Herculano, 6-A - Telef. 4 61 47 / AUTO RALI, S. A. R. L. Av. Almirante Reis, 130-A - Telef. 4 18 32 Av. Eng.º Frederico Ulrich - Telef. 28 05 37 - Cascais

Jóias antigas e modernas
Compramos pelo mais alto preço
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Diário do Porto

Estão bem as trigémeas ainda no hospital

O estado de uma das trigémeas, a qual, desde ontem e até hoje de madrugada, se temia não sobrevivesse, evoluiu satisfatòriamente e a criança considera-se livre de perigo. As duas irmãs e a mãe, sr.ª D. Maria da Conceição de Sousa Moreira, de 31 anos, casada com o sr. José da Silva Moreira, funcionário dos C.T.T., residentes na Rua Junqueira de Baixo, em Vilar do Paraíso (Vila Nova de Gaia), estão bem e ainda internadas no Hospital de Santo António.

O jovem casal, que já tinha três meninas e um menino, fica agora com seis raparigas e um rapaz.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Caminhos perigosos» (17 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «O dia mais longo» (12 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «Cartouche» (12 anos).
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Como se eu fosse um espião!» (17 anos)
AGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «007 — operação relampago» (17 anos).
ESTUDIO — Às 21 e 30: «Oliver» (12 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «O homem, a mulher e o dinheiro» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «A batalha de Ânzio» e «Os primeiros homens na Lua» (12 anos)
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «Mulheres perigosas» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «A terra dos mil aventuras» (12 anos).
CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «A pistola do mal» (12 anos).

Amanhã à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «Helga — O segredo da maternidade» (21 anos).
COLISEU — Às 15 e 30: «O esboroque elegante» (17 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «Cartouche» (12 anos)
ESTUDIO — Às 15 e 30: «Oliver» (12 anos).
BATALHA — Às 15 e 30: «O homem, a mulher e o dinheiro» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 15: «Quando o Mundo nasceu» e «Testamento de choque» (17 anos)
OLIMPIA — Às 15 e 30: «O roubo da prata» (17 anos).
AGUIA D'OURO — Às 15 e 30: «007 — Operação relâmpago» (17 anos)
VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «A terra dos mil aventuras»

Farmácias de serviço esta noite (3.º turno)

ALMEIDA CUNHA, LDA. — R. Formoso, 327 (Tel. 2-4874) * ANTAS, Av. de Magalhães, 1076 (Tel. 4-1158) * BARREIROS, Rua de Serpa Pinto, 8 (Tel. 4-0053) * CLÉRIGOS, Rua dos Clérigos, 36 (Tel. 3-5394) * GOMES CARNEIRO, Rua de Cedofeita, 348 (Tel. 2-3420) * GUERRA, Rua Costa Cabral, 42 (Tel. 4-0470) * GUIMARÃES, R. de Francos, 37 (Tel. 6-0103) * LIDADOR, Rua do Lidador, 171 (Tel. 68-3739) * LOUSADA, Largo do Campo Lindo, 62 (Tel. 4-0353) * ORIENTAL, Rua do Bonjardim, 727 (Tel. 2-7878) * S. ROQUE DA LAMEIRA, Rua de S. R. da Lameira 1111 (Tel. 5-1739) * SOEIRO, R. de Santos Pousada, 71 (Tel. 5-3703) * VASQUES, Rua dos Candoninhas, 794 * CAMPOS, R. P.e L. Cabral, 943 — Foz (Tel. 680113).

Notícias diversas

Foi transferido para o 2.º juizo criminal desta comarca, no cargo de chefe de secretaria, o sr. Abílio Augusto Garibaldi, que exercia o cargo de escrivão de direito na 1.ª secção do Tribunal de Polícia.

— O sr. capitão José Maria de Melo Parente foi nomeado comandante de divisão da P. S. P.

Bispo da diocese

A retribuir cumprimentos, esteve no Governo Civil o bispo da diocese, D. António Ferreira Gomes, que foi recebido pelo chefe do distrito, sr. major Paulo Durão.

Concurso de Arte Dramática

No salão de festas do Grupo dos Modestos, representa, esta noite, o seu grupo de teatro a peça «Os Demandistas», de Racine, que serve de prova para o Concurso de Arte Dramática, organizado pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo.

Operação «stop»

Durante uma operação «stop», organizada pelo comando distrital da P. S. P. e que abrangeu os concelhos do Porto, de Gaia e de Matozinhos, foram fiscalizados 7936 veículos automóveis, havendo 43 transgressões.

Secção de teatro na Associação dos Cegos

A Associação dos Cegos do Norte de Portugal, por iniciativa de um grupo de sócios, pretende criar uma secção de teatro. Devem, assim, os interessados comparecer hoje, na secretaria da prestimosa instituição ás 18,30 horas. Estará presente nessa reunião o sr. dr. Manuel Dinis Jacinto, conhecido especialista.

A direcção reune-se sábado ás 15 horas, e no dia 30, á: 14 e 30, haverá a anunciada visita aos Serviços Psicotécnicos da Carris.

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Ofer.	Compra	Vende
Consolidado 4 3/4%	—	—	525$
Consolidado 3%	540$	—	540$
Consolidado 3 1/2%	—	—	—
Centenários 4%	1 480$		—
Obrig. Tesouro 5%	1.002$	1.001$	1.003$
Externo 1.ª Série	—	—	790$
Externo 1.ª Série C.	830$	—	—
Externo 3.ª Série	—	720$	—
Externo 3.ª Série C.	—	—	900$
Cautelas 3 Série	—	175$	190$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	490$
A. P. T. 5% 56	—	925$	—
A. P. T. 5% 58	—	920$	—
C. P. 4 1/2 65	—	900$	—
C. P. 3 1/2% 57	—	1.010$	—
C. U. 5%	1.010$	1.010$	1.012$
C. U. 5% 58	995$	993$	997$
Gás Elect 4% 48	—	—	—
Gás Elect 4 1/2 % 51	—	—	—
Gás Elect 5% 54	—	—	915$
Gás Elect 5% 58	—	—	915$
Gás Elect 5% 59	—	—	915$
Gás Elect 5% 62	—	920$	926$
Gás Elect 5% 63	—	920$	926$
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	1.015$	—
H. E. A. Alentejo 5%	—	820$	830$
H. E. Cávado 5%	820$	815$	820$
H. E. Cávado 6%	1.003$	1.002$	1.003$
H. E. Douro 5%	—	815$	820$
H. E. Douro 6%	1.000$	995$	1.000$
H. E. Norte Port 5%	—	—	—
H. E. S. Estrela 6%	999$	998$	999$
H. E. Zêzere 5% 55	—	830$	860$
H. E. Zêzere 5% 57	—	830$	860$
Lisnave 6%	—	1.000$	1.002$
Metropolitano 4%	—	899$	900$
Metropolitano 5 3/4%	—	—	1.020$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac. Electr. 5%	—	850$	—
Nitratos 5%	820$	820$	—
Nitratos 5% 60	—	820$	—
Petroquímico 5%	—	—	880$
Port. Celul. 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	930$	—
Sacor 5% 60	—	866$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	820$	830$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	—	—	—
T. A. P. 4%	—	—	—
Termoelect. Port. 5%	—	815$	820$
U. E. P. 3 3/4%	—	83$	—
U. E. P. 4%	—	83$	—
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	—	—	84$
U. E. P. 5% 60	—	—	—
U. E. P. 5% 63	—	—	870$
AÇÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.590$	1.580$	1.630$
Alentejo	975$	970$	980$
Angola	3.300$	—	2.400$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	3 550$	3.550$	3.560$
E. Santo	—	—	20.000$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S.	—	20.000$	—
L. G. Açores pi.	—	—	7.000$
L. G. Açores n.	—	—	—
P. Atlântico pi.	6.550$	6.500$	6 600$
Portugal n.	—	3.050$	3.200$
Portugal p.	—	3.600$	—
Totto Allança	—	6.280$	6.300$
Ultramarino n.	3.000$	2.960$	2.990$
Ultramarino o.	3.200$	3 180$	3.250$
Seguros			
Alentejo	76$	76$	—
Douro	—	—	—
Mundial	—	—	—
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarina	—	—	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	760$	770$
Ag. Cassequel	—	715$	725$
Ag. Incomati	—	—	—
Ag. Neves	350$	330$	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	280$	325$
Boror	—	—	170$
Buzi	—	79$	81$
Cabinda	215$	210$	220$

Ultramarinas	Ofer.	Compra	Vende
Diamantes Angola	1.920$	—	1.925$
H. E. Revué	—	—	—
Ilha do Príncipe	590$	585$	500$
Moçambique	121$	121$	122$
Sonete n.	—	—	—
Sonete p.	380$	378$	380$
Zambézia	77$	76$5	79$
Angolana	—	—	—
Diversas			
Cidla	—	7 500$	7.550$
Cim. Leiria	4 100$	4.050$	4 250$
Cim. Tejo	—	6.050$	—
Col. Navegação	1.650$	1.600$	1.680$
C. U. F.	1.620$	1 600$	1 630$
Ind. Aliança	—	—	—
Nac. Navegação	—	3750$	4.000$
Petroquímica	2.300$	2 280$	2.300$
Port. e Colónias	—	1560	1 610$
Port. Celulose	4.550$	4.550$	4600$
Port. Pesca	—	1.100$	1 200$
Port. Tabacos	830$	830$	835$
Sacor	—	4 600$	4 750$
Siderurgia Nac.	1.830$	1 820$	—
Sacor	3 000$	2 950$	3 000$
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	—	—	9 000$
U. F. Azeite	890$	890$	900$
Aguas Electr. e Gás			
Aguas Lisboa p.	—	405$	—
Aguas Lisboa 34	—	410$	—
Aguas Lisboa 36	—	1.620$	—
Elect. Beiras	428$	427$	428$5
Gás Electr.	—	—	—
Hid. Alto Alentejo	159$	158$5	59$
Hid. Cávado	—	1.300$	1.320$
Hid. Douro	1.288$	1.285$	1.288$
Hid. Norte Portugal	—	305$	—
Hid. Estrela	—	—	—
Hid. Zêzere	1.300$	1.295$	1.300$
Nac. Electricidade	—	1.320$	—
Termoelectr. Port.	—	—	1.320$
U. E. P.	200$	199$5	201$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. Atlântico	—	190$3	196$
C. D. E. S.	—	120$2	123$8

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez 65 100)

	13/8/69	19/8/69	20/8/69
GERAL	141,5	143,3	142,8
METROPOL.	138,1	139,8	139,4
ULTRAM.	166,8	169,1	167,8

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul:		
— Rands de 1 e 2	34$00	36$50
— Rands de 5 e 20	35$00	37$50
Américas:		
— Dollars de 1 e 2	28$ 5	28$55
— Dollars de 5 e 1000	28$35	28$75
Canadá — Dollar	26$ 0	26$60
Alemanha — Marco	7$05	7$30
Austria — Schilling	1$08	1$ 5
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	7$50
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$00	69$00
Itália — Lira	$04,42	$04,62
Marrocos — Dirham	4$50	5$10
Bélgica — Franco	$50	$54
França — Franco	4$80	5$30
Suíça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	315$00	330$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	38$00	39$50

J. BURNAY, L.DA — RUA DO OURO, 72 — Notas estrangeiras — Papéis de crédito — Tel. 321273

DE COIMBRA

Visitantes brasileiros na Universidade

Entre as muitas centenas de turistas que, agora, visitaram a Universidade, inclui-se um numeroso grupo de brasileiros. Quando esse grupo, acompanhado por um guia da agência de viagens, atravessava o pátio, um dos visitantes inquiriu onde era a Faculdade de Direito. Depois de informado, dirigiu-se aos «Gerais» e pediu para que lhe fosse mostrada uma sala de aula.

Um empregado levou-o a uma das salas, por sinal a mais bonita, e aquele brasileiro, dirigindo-se ao quadro, escreveu:

«Para nós, os brasileiros, o maior publicista ou administrativista de Portugal é, sem dúvida, o Ex.mo Prof. Marcello Caetano».

Depois, voltou ao seu grupo, dizendo: — «Ali deixei minha mensagem a Marcello Caetano!».

Obras no Mercado D. Pedro V

Terminaram as obras de cobertura do pavilhão de peixe do Mercado D. Pedro V. Há muitos anos que esse melhoramento era reclamado, dado o lamentável estado da cobertura que era em zinco e, toda esburacada, chovia ali como na rua.

Depois de diversas tentativas, procedeu-se à substituição da antiga cobertura por outra em aluminio, que, além de evitar que chova lá dentro dá mais luz ao interior do pavilhão e tem outro aspecto exterior muito melhor.

As obras prosseguem, para mudança das salas de inspecção do peixe e dos sanitários.

Médicos da Previdência

Está aberto, até 8 de Setembro, concurso, documental de habilitação, para médico de clínica geral da delegação clínica de Sepins, da Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família. A documentação deve ser entregue na Zona Centro, Rua Antero de Quental, 180, em Coimbra, ou a sede, Avenida Manuel da Maia, 58, 2.º, Esq.º, em Lisboa.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

TIVOLI — Às 21 e 30: «O caso Strange» (17 anos).

ESPLANADA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS — Às 21 e 45: «Os maus também amam!» (17 anos).

Farmácias de serviço

MIRANDA — Praça do Comércio (Tel. 23261).

VIEGAS & COELHO — Rua da Sofia (Tel. 22080).

SANTA ISABEL — Avenida Sá da Bandeira (Telefone 24916).

SILVA SOARES — Rua Mouzinho de Albuquerque (Telef. 26554).

Morte trágica de um jovem por distracção

SETUBAL, 21. — O pequeno José Guerreiro Dias, de 11 anos, natural de Minas de São Domingos, filho da sr.ª D. Maria Guerreiro e do sr. Dionísio Bento Dias, acidentalmente nesta cidade, por ter vindo ao casamento de uma sua irmã, quando ia atravessar a Rua António José Baptista, não se apercebeu da aproximação de um camião, e embatendo num dos taipais do veículo, ficou estatelado no solo.

Socorrido imediatamente, foi levado para o Hospital de São Bernardo, onde faleceu, pouco depois. Sofrera fracturas do cranio e do braço direito. A P. S. P. tomou conta da triste ocorrência.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

CRUZEIRO MUSICAL
Partida de Lisboa a 2/9/69
a bordo do magnífico paquete Francês
«RENAISSANCE»
com a colaboração dos melhores artistas da actualidade:
ISAAC STERN, WALLEZ, RICHTER, MARGOT FONTEIN, RUDOLF NOUREEV, ETC.
ÚLTIMOS DIAS DE INSCRIÇÕES
PARA INFORMAÇÕES CONTACTE
SOC. COM. OREY ANTUNES & C.ª L.da
Praça Duque da Terceira, 4
Telef.: 36 93 46 — LISBOA

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

PORTUGAL ALÉM EUROPA

A Agência-Geral do Ultramar apresenta pelas 20 e 30 o seu programa «Portugal Além Europa» sob orientação e coordenação de Manuel Osório.

É exibido o filme «Facim 69», último trabalho do malogrado realizador e operador cinematográfico João Terramoto, seguindo-se uma entrevista com o director da Facim (Feira Agrícola, Comercial e Industrial de Moçambique) dr. Félix António Pires.

Maria José Valério canta no TV Clube desta noite

PARADA DA INDÚSTRIA

O programa do Gabinete de Divulgação Económica «Parada da Indústria», apresentado pelas 20 e 30, é dedicado ao termalismo.

Neste programa é debatida a situação actual e o desenvolvimento das termas no nosso País. Além de uma entrevista com o dr. Sereno de Almeida é exibido o filme intitulado «Águas vivas»

TV CLUBE

com MARIA JOSÉ VALÉRIO, PAULO JORGE e MIRENE CARDINALLI

Pelas 21 e 35 é transmitida a rubrica musical TV Clube com Maria José Valério que canta «Lisboa da cor da Ponte» de Ferrer Trindade e César de Oliveira, e «Como eu Sonho Lisboa» de Frederico Valério e Silva Tavares; Paulo Jorge interpreta «Vou à sorte» e «É proibido sonhar» e, finalmente, Mirene Cardinalli canta «Mal de Amor», de José Mesquita e Jerónimo Bragança e «Cantiga só», de Nóbrega e Sousa e Jerónimo Bragança.

AMANHÃ — **I Programa** — Às 19: Abertura e Nos bastidores da aventura, programa para jovens; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: A criança perante a vida, por Ana Maria Varela Cid; 20 e 05: Cantaz TV — Os principais programas da próxima semana apresentados por Jorge Alves; 20 e 35: Conheça um Portugal desconhecido; 21: Telejornal — inclui o Boletim Meteorológico; 21 e 35: Noite de cinema — «O órfão perdido», filme de grande metragem com Dan Dailey, Diana Lynn, Chet Allen; 23 e 20: Volta a Portugal em Bicicleta — Reportagem dos enviados especiais da RTP; 23 e 35: — Marcha do mundo. Serviço Informativo; 23 e 50: Meditação e fecho.

II Programa — Às 21: Telejornal (Simultaneahmente com o 1.º programa); 21 e 31: Folhetim — David Copperfield — de Charles Dickens, adaptado á televisão por Anton Giulio Majano, 22.º episódio; 21 e 55: «Zip-Zip» n.º 8 — Programa realizado no Teatro Villaret. Produção de Raul Solnado, Carlos Cruz e Fialho Gouveia. Realização de Luís Andrade; 24 e 5: Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

2.º PROGRAMA

A emissão do programa é totalmente dedicada à repetição das rubricas «Notícia do Espectáculo», magazine de teatro, cinema, música e bailado, apresentado no 1.º Programa em 17 do corrente. Segue-se mais um episódio da série dramática «Desilu Playhouse», exibido já no dia 30 de Junho de 1963; vem depois «Em Foco», apresentado no 1.º Programa no dia 13, e, por último, «Imagens da Poesia Europeia», do dr. David Mourão Ferreira, também apresentado no dia 18 no Programa Nacional.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

EUROVISÃO Festival de Música de Bergen

Cerca das 20 e 5 a R. T. P. tranemite numa gravação directa da Eurovisão o Festival Internacional de Música de Bergen, com Ingrid Bjoner que interpreta: «Chants sous les étoiles», de Doerumagaard, e «Chants tziganes», de Dvorak.

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

APÓS a reportagem do exterior é apresentada a rubrica dedicada à 32.ª Volta a Portugal em bicicleta, com os habituais comentários do jornalista Amadeu José de Freitas, sobre a etapa do dia, seguindo-se um apontamento filmado enviado pela equipa da RTP que segue na prova.

REPORTAGEM DO EXTERIOR

A partir das 22 horas aproximadamente, o programa nacional apresenta uma transmissão do exterior que se deve prolongar pela noite, ocupando assim grande parte da sua emissão.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 45 m — 665 kc/s — Às '6: Noticiário, 6 e 05: Luz no Horizonte; '6 e 30: Que quer ouvir?; 17. Ginástica de Pausa, pelo dr Marques Pereira; Programa da tarde; '7 e 35. Do Choupo até á Lapa, 8 e '0: Programa da Mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; '8 e 40: Musica e sonho; '9. Cartaz dos Espectáculos; '9 e '0: Orquestras ligeiras, '9 e 25: Transmissão da Pista de Sangalhos da reportagem da 12.ª etapa da Volta a Portugal em Bicicleta; 19 e 45: Rádio Rural — Musica só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Diário da Volta — Solistas ligeiros; 20 e 40: 7.º Episódio do Folhetim «Amor Supremo»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: A orquestra Norman Newell; 21 e 40: Canções de Portugal; 22 e 20: Noite de Teatro: «As Duas Cartas» de Julio Dinis; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 2.º e 3.º Actos da Ópera «La Traviata» (Verdi) — intérpretes principais: tenor Gianni Raimondi, soprano Renata Scotto, Coro e Orquestra do Scala de Milão dirigida por Antonino Votto; 18: Musica do Século XX; '8 e 27: Musica religiosa — Loctatus sum — para cinco instrumentos e seis vozes (Monteverdi); 19: Crítica literária, pelo dr João Bigotte Chorão; 19 e 0: Folclore Português — Cantos e Danças de Trás-os-Montes; 19 e 25: O pianista Sviatoslav Richtter, 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica instrumental Abertura «Bocacio» (Suppé) — Orquestra Sinfónica de Viena dirigida por Paul Walter; 20 e 30: Concerto pelo Orfeão do Seminário Conciliar de Filosofia de Braga, dirigido por José de Sousa Marques preenchido com musica dos séculos XVII e XVIII; 20 e 48: Abertura «O Corsário» (Berlioz) — Orquestra Sinfónica de Detroit dirigida por Paul Paray; 21: Quarteto n.º 4 em dó menor op '8 n.º 4 (Beethoven) — Quarteto Schäffer; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr João Ameal; 21 e 50: 1.ª parte de um recital de canto e piano pelo soprano Eva Rehfuss, e pela pianista Noémia de Brederode, realizado no Cinema Tivoli em Lisboa; 21 e 10. Concerto a Sete n.º 10 em ré maior op. 3 (Festing) — Orquestra do Festival de Lucerna dirigida por Rudolf Baumgartner; 22 e 20: Poemas sinfónicos — «Mazzepa» (Liszt) — Orquestra Sinfónica de Bamberg; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho

2.º Programa (MF 2) — 94,3 mc/s — Às 23: Musica de Tecla — obras de Raneau e Schubert por Emile Guillels e Istvan Nadas; 23 e 30: Intercâmbio Musical — Musica Francesa — um programa cedido pela Radiodifusão — Televisão Francesa — obras de Jacques Ibert e Maurice Duruflet; o h.: Magnificat, em sol menor (Vivaldi) — solistas, Coro e Orquestra do Teatro Fenix de Veneza dirigida por Vittorio Negri; 0 e 24: Bachianas Brasileiras N.º 4 (Villa-Lobos) — Orquestra Nacional da Radiodifusão - Televisão Francesa dirigido pelo autor; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290, 13 m — 1034 kc/s — Às 6: Programa C. D C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde: '9: Noticiário; '9 e 15: No mundo aconteceu; '9 e 30: Rádio jornal; Entre as 20 e as 21: Hoje convidámos..., 20: Nota de abertura; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 2 e 09: Portugal de hoje; 2' e 32: Impacto 22 e 30: Quando o telefone toca, 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas, 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P B X»; 2: Contacto; 3 e 02. A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s — Às '6 e 04: Programa C D C.; '7. Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips, 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20: Nota de abertura; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo, 22 e 15: Cristo para todas as nações, 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radioramo; '8: A orquestra de Caravelli 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Leitura; do programa e boletim do S. C R.; 19 e 30: Página 1; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Artistas portugueses; 21 e 45: Canções por Adamo; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1'69 kc/s. — Às 16: Radioramo; 18: Uma orquestra; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso, 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 e 19 e 30

canal da crítica

NO FUNDO SÃO BOAS PESSOAS

Não é forçoso que as fitas de còboiada, ou aparentadas com elas, discutam ou tratem «problemas». Não. Às vezes será até melhor que se deixem ficar pelo roubo de cavalos ou pela vinda do xerife novo, stewartiano, que vem restabelecer a lei, a ordem, e outras coisas. Perante o que se passou ontem no «Grande Vale», cheguei a ter saudades das ingenuidades convencionais do Tom Mix e do seu cavalo «Raio». Aliás, não é a primeira vez que o tema do perdão aos carrascos serve em fitas de consumo corrente vindas de Hollywood,

Eu conto.

1 — Apresenta-se para trabalhar no «Grande Vale» um indivíduo acompanhado da esposa, uma esposa amantíssima. Heath Barckley, porém, descobre que se trata de um antigo chefe da cadeia de Carterson, durante a guerra do Norte contra o Sul. Pensa matá-lo mas a mãe tira-lhe a ideia da cabeça. É uma nobre dama e, se fosse mais criança, decerto receberia o prémio «Plus ultra».

2 — O tal carrasco, Matt Bentell, fizera algumas lindas coisas, como por exemplo, matar 18 homens que procuravam fugir do campo.

3 — Agora, não só o Heath lhe deseja mal, mas também os irmãos Cordon. Estes procuram abater Bentell.

4 — Bentell revela-se um grande carácter, uma grande consciência, grande valentia, amigo de seu amigo e de sua esposa a quem deseja, acima de tudo, dar um lar feliz.

5 — Heath impede que os Cordon consumam o criminoso acto.

6 — Bentell explica a Heath que era mau, matava os prisioneiros, maltratava-os, dava-lhes fome porque cumpria o seu dever. Explica também que se os Cordon querem matá-lo é com medo que ele, Bentell, os denuncie, pois foi um dos irmãos quem lhe comunicara, em tempos, a fuga dos 18 homens; os tais que ele Bentell, tivera de matar, com a dor no coração, com a alma despedaçada. A amantíssima esposa afirma que o seu marido «é um homem tão gentil, tão generoso...»

7 — No incêndio da floresta, por causa de uma explosão de nitroglicerina os irmãos Cordon morrem (bem feito, bem feito, bem feito!) enquanto Bentell fica vivinho, herói, feliz e acaba a fita a rrrirrr diante de um lobo monumental, todos amigos uns dos outros e assim é qui é bonito, mai nada!

... ...

Vá, leitor, com mil diabos, não estejas para aí a pensar cobras e lagartos do carrasco Bentell. Na verdade, ele matara 18 homens só de uma vez; ele castigava os prisioneiros do Norte sádicamente, ele matava-os á fome, ele açulava-lhes os cães ás tíbias, mas no fundo era uma boa pessoa, um justo, uma alma recta, quase um anjo e além disso a gente não deve querer mal ás pessoas, deve amá-las a todas, trazê-las ao bom caminho, afinal todos semos irmãos ou não semos?

Passa da meia-noite. Abafa-se, dentro da sala. O melhor é sair, apanhar o fresco ar que vem da serra, encostar o rosto ao tronco do plátano cujos píncaros tocam as estrelas.

PROGRAMA FEMININO

Foi um programa de crise. De mudança? De retorno a velhas fórmulas, a processos antiquados? Não se sabe. Sabe-se que todo o tempo foi devorado com penteados, vestidos e imperatriz Josefina, vocês sabem, a mulher do Napoleão.

Aos penteados esteve o cabeleireiro Casimiro, e — coisa estranha! — consegui ouvi-lo até ao fim e desta vez, imaginem!, com proveito.

Casimiro glorificou as plantas e o benefício delas no

(Continua na página seguinte)

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Concurso para atribuição de casas em Lisboa

Está aberto concurso até ao dia 18 de Setembro de 1969, para atribuição de habitações construídas pela Caixa Geral de Aposentações, nos Olivais-Sul, Lotes n.os 439, 440 e 441, destinadas a funcionários do Estado e dos Corpos Administrativos, em regime de propriedade resolúvel.

As condições constam do «Diário do Governo, III Série, n.º 194, de 20 do corrente, e encontram-se patentes no Serviço do Património, em Lisboa, Largo do Calhariz, Palácio Palmela, com entrada pela Travessa das Mercês, n.º 3, onde deverão ser obtidos e entregues os boletins deincrição.

Caixa Geral de Depósitos, 20 de Agosto de 1969.

O ADMINISTRADOR-GERAL
(a) Ulisses Cruz de Aguiar Cortês

SENHORES CAPITALISTAS

DESEJAM COLOCAR O VOSSO CAPITAL NAS MELHORES CONDIÇÕES

A NORTENHA é uma organização devidamente autorizada pelo Decreto-Lei n.º 43.767, colocando dinheiro com TODA A SEGURANÇA, SIGILO E RAPIDEZ sobre hipotecas de propriedades a juro compensador permitido por Lei.

Prestamos toda a assistência até reembolso total do capital emprestado, nada cobrando de comissão aos srs. Capitalistas, tratando também de toda a documentação, registos, etc.

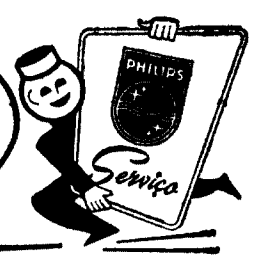
EMPRESA PREDIAL NORTENHA

MEDIADOR OFICIAL

LISBOA	PORTO	COIMBRA
P. da Alegria, 58-2.º	P. D. João I, 25-1.º	Av. Fernão de Magalhães, 288-2.º
Telef. 3 33 08	Telef. 2 00 85	Telef. 2 90 45

SERVIÇOS TÉCNICOS PHILIPS

REPARAÇÕES DOMICILIÁRIAS
LISBOA — 38 28 44 - 68 31 21 - 56 02 00
PORTO — 6 76 62
FARO — 2 38 99



MÃO-DE-OBRA ESPECIALIZADA
ACESSÓRIOS DE ORIGEM

A QUALIDADE PHILIPS MERECE SERVIÇO PHILIPS

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

S. R.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Serviços Administrativos
Secção de Pessoal

CONCURSO DOCUMENTAL PARA AJUDANTES DE FOGUEIRO

Nos Hospitais Civis de Lisboa — Secção de Pessoal no Hospital de S. José aceitam-se inscrições até ao dia 30 de Agosto corrente para o concurso documental para ajudantes de fogueiro.

Os candidatos deverão obedecer ás seguintes condições:

a) Idade: mais de 18 e menos de 35 anos.

b) Habilitações literárias: 2.º grau de instrução primária.

c) Atestado de bom comportamento moral e civil, passado pela Junta de Freguesia ou pelo Pároco.

d) Os candidatos deverão entregar documento comprovativo da sua aptidão profissional e experiência anterior.

A admissão será feita em regime eventual, á experiência durante três meses, findos os quais serão incluídos no quadro ou dispensados do serviço, conforme as informações prestadas pelos serviços de instalações e equipamentos, sobre as qualidades de adaptação e trabalho.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR
A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

tratamento do cabelame. Condenou o uso frequente do «shampoo», dado que enfraquece o adorno capilar (é assim que se diz, não é!). Em sua substituição, Casimiro aconselha o chá de urtigas para o cabelo oleoso, de chagas (por maceração de pétalas e sementes), óptimo para a queda do cabelo, e, muito especialmente, o chá de tomilho, que, além de impedir a queda do cabelo, lhe dá macieza e brilho.

Podemos garantir que terá sido este apontamento um dos maiores serviços prestados desde sempre á causa pública pela televisão portuguesa. Todos aqueles de nós que têm ainda algum cabelo (que não seja o do relógio) vão acender uma vela a Casimiro no caso do conselho resultar. Em especial nestes dias mais chegados, as ervanárias vão fazer grande negócio de chagas, tomilhos e urtigas. Não percas tempo, leitor. Ervanária contigo!

Não há nada para abrir crédito na alegria como a esperança. E a lição da pobreza alegre diz-me que, se o programa feminino não nos defende a cabeça por dentro, acho muito bem que, ao menos, nola defenda por fora. Tenho dito.

MÁRIO CASTRIM

GEFO — Gabinete de Estudos de Economia, Finanças e Organização, Lda.

Rua do Rosário, 104, 5.º, Dto. — P O R T O
Telef. 3 76 76

SERVIÇO DE RECRUTAMENTO E SELECÇÃO DE PESSOAL

SECRETÁRIA DE ADMINISTRAÇÃO

PRETENDE-SE: **Completa e perfeita fluência em Inglês e Francês falado e escrito; estenografia e dactilografia, pelo menos Português e Inglês; experiência do lugar; admitir prestação de trabalho, sempre que necessário, para além das horas normais de serviço, no país ou estrangeiro; idade não superior a 35 anos.**

OFERECE-SE: **Lugar estável em empresa de projecção internacional; remuneração de acordo com os conhecimentos e experiência.**

Enviar resposta manuscrita em papel liso com «curriculum vitae» detalhado ao GEFO.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL

COMPAE 69/DSM

Faz-se publico que na Secretaria da Comissão do Plano de Aquisições do Exército da Direcção do Serviço de Material, Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 180-C, 3.º, em Lisboa, se encontram abertos os Concursos Publicos seguintes:

CONCURSO N.º	AQUISIÇÃO DE	CAUÇÃO PROVISÓRIA	ABERTURA DE PROPOSTAS	
			DATA	HORA
7PAE/69	Viat. Auto TG classe 1 ton. e sobressalentes.	400.000$00	27/10/69	15.30
8PAE/69	Viat. Auto Basculantes 5 a 8 ton. 4×4 e sobressalentes.	300.000$00	23/10/69	15,30
9PAE/69	Viat. Auto, Tácticas, 1/4 a 1/2 ton. (Diesel) 4×4 e sobressalentes.	200.000$00	16/10/69	15,30

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias uteis das 15 ás 18 horas e aos Sábados das 10 ás 12 horas.

As propostas devem ser entregues até ás 15 horas do dia acima marcado para a abertura das mesmas.

O PRESIDENTE DA COMPAE69/DSM
LUÍS BORGES RAMOS
Ten. Cor. Eng.º do S. M.

†

MARIA ISAURA MATIAS SERRA DIAS DA CUNHA

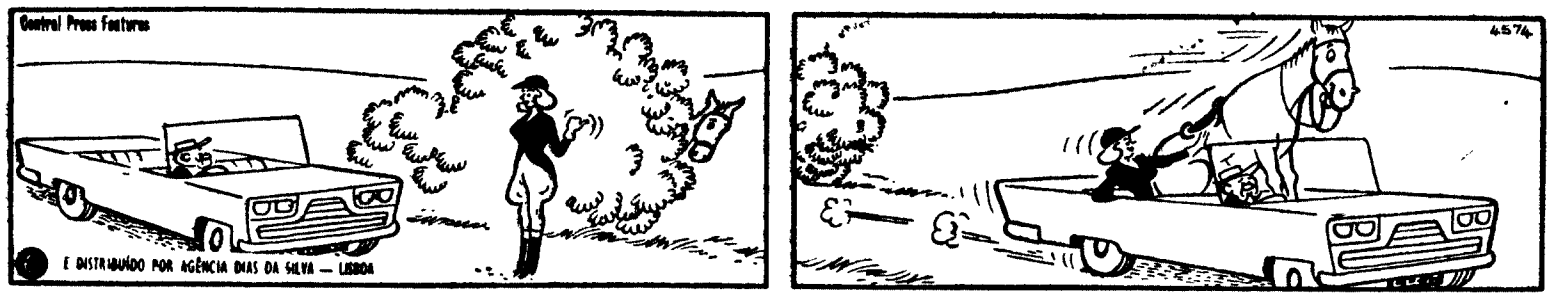
MISSA DO 7.º DIA

Sua família participa que amanhã, dia 22, às 12 horas, na Igreja de S. Domingos, em Lisboa, e no dia 23, às 12 horas, na Igreja Paroquial de Cascais e às 8 horas, na Igreja Paroquial de S. Martinho da Cortiça, serão celebradas missas pelo eterno descanso da sua alma, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem associar a estes piedosos actos.

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

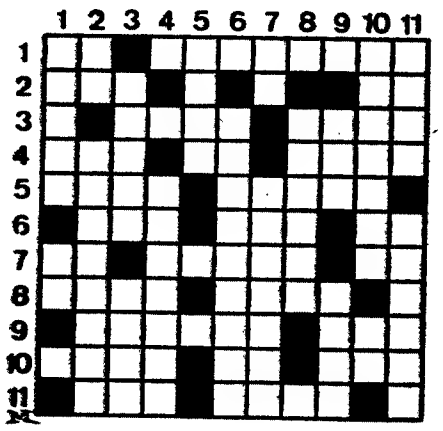
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5274

HORIZONTAIS: 1 — Entrega. Rebuscar. 2 — Furor. Rio da Guiné Portuguesa. 3 — Além disso. Autêntico. 4 — Sufixo que exprime reunião, grande quantidade. No caso de. Doente. 5 — Gracejará. Exalação. 6 — Malícia. Guinde. Carta de jogar. 7 — Pertences. Simples. Apenas. 8 — Veja. Partiria. 9 — Imaginar. O qual. 10 — Vontade. Divisa. Grito. 11 — Grande quantidade. Estimai.

VERTICAIS: 1 — Pronunciar. Preposição. 2 — Aspecto. Desvanecer. 3 — Fruto da silva. Grande rio da Europa Norte-ocidental. 4 — Enteitar. 5 — Vereadores. 6 — Maltratava com desumanidade. 7 — Pretexto. Incitem. 8 — Recusei. 9 — Eu (latim). Neste lugar. 10 — Seguras. Localidade do concelho de Oliveira de Azeméis. 11 — Cilindro. Refrecu.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5273

HORIZONTAIS: 1 — Colejadas. 2 — Uma. Iman. Nu. 3 — Sulca. Luz. 4 — Oder. Sela. 5 — OBEDECE. Má. 6 — Tu. Soro. Mar. 7 — E. Ócio. Vaga. 8 — SABERÁS. Nó. 9 — Abonar. Idas. 10 — Rédi. Brado. 11 — Gasoso. Aros.

VERTICAIS: 1 — Luso. Tesa. 2 — Mudou. Abra. 3 — Colab. Oboés. 4 — Crescendo. 5 — Lia. Dorrais. 6 — Em. Seroar. 7 — Jaleco. 8 — Anule. Ira. 9 — Zé. MANDAR. 10 — An. Magoada. 11 — Sustora. Sós.

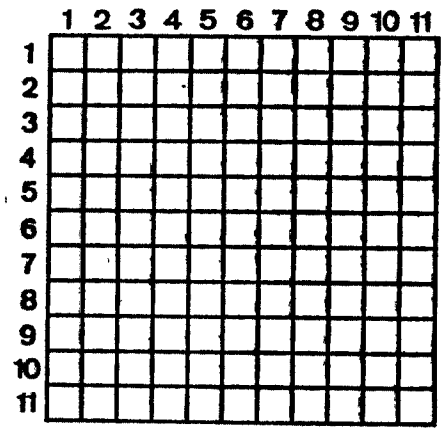
(**Provérbio:** OBEDECE E SABERÁS MANDAR).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9717

HORIZONTAIS: 1 — Rio do Canadá. Homem excluído da sociedade. 2 — Move os remos. Filtras. 3 — Doutora. Botequim. Rio de Portugal. 4 — Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Cidade de Itália. Nesse lugar. 5 — Matemática (abrev.). Variedade de carbonato de cálcio, com que se escreve no quadro preto. 6 — Oculta. Arma curta um pouco maior do que o punhal. 7 — Prendo. Anel. 8 — Povoação do concelho de Condeixa. Liga. Estimo. 9 — Solitário. Vila e sede de concelho (Vila Real). Ouro (s. q.). 10 — Inquietação da consciência por culpa ou crime cometido. 11 — Velho. Espécie de andorinha.

VERTICAIS: 1 — Manda. Pronome demonstrativo. 2 — Possuirá. Grande extensão de água cercada de terra. 3 — Governanta. Freguesia do concelho de Castelo Branco. Letra grega. 4 — Fútil. Primeiro estômago das aves. Rente. 5 — Espécie de roupão abotoado na frente. Emblema. 6 — Madeira (abrev.). Tempo do verbo seguir. 7 — Plica. Nome de mulher. 8 — Antes de Cristo. Ópera de Verdi. Empunhei. 9 — Lista. Forma antiga de Sara (deserto). Sufixo que designa estado. 10 — Lagoa do estado da Baía, Brasil. Espécie de tambor. 11 — Aprova. Escuto.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9116

HORIZONTAIS: 1 — Agita. Mafra. 2 — Coral. Arais. 3 — Álamo. Piora. 4 — Be. Pr. Am. II. 5 — Água. Ocas. 6 — Ar. Cão. Am. 7 — Ovo. Pás. 8 — AC. Ornam. Al. 9 — Leal. Isso. 10 — Raiva. Amais. 11 — Oiras. Metro.

VERTICAIS: 1 — Acaba. Palro. 2 — Golegã. Ceoi. 3 — Ira. Uro. Air. 4 — Tampa. Volvo. 5 — Alor. Cór. Às. 6 — Dá. Ni. 7 — Mapa. Opa. Má. 8 — Anima. Amime. 9 — Fão. Cós. Sal. 10 — Ririam. Asir. 11 — Asais. Cioso.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS COMBUSTÍVEIS

EDITAL

Eu, Mário da Silva, eng.º-chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis, faço saber que SURLS — Serviço Ultra-Rápido de Limpeza a Seco, Lda., pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de «fuel-oil», com a capacidade aproximada de 2500 litros, sita em Lisboa, Rua dos Lusíadas, 29, freguesia de Alcântara, concelho e distrito de Lisboa.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do Decreto n.º 36 270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas, a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, na Rua da Beneficência, 241, em Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, 10 de Julho de 1969.

O eng.º-chefe da 2.ª Repartição,

Mário da Silva

LOTES DESDE 45 C.
VENDEM-SE. SESIMBRA

Em pinhal a 4 km da praia, com licença de construção. A 100 metros da estrada principal. Informa: tel. 229513, Curado Ribeiro, Venda Nova, Cotovia, Sesimbra.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 21 de Agosto de 1939 publicava:

«O «Excelsior» refere:

«Em Berchtesgaden, como em Roma, o conde de Czaki encontrou-se perante um verdadeiro ultimato: a Hungria deve permitir às tropas alemãs a passagem pelo seu território, e isto no caso da Yugo-Eslávia adoptar uma atitude hostil contra o eixo. As tropas italianas tentariam, por sua vez, invadir a Yugo-Eslávia pela Albânia. Roma e Berlim oferecem entregar a Croácia à Hungria, enquanto a Itália anexaria a Dalmácia.»

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Portimão em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo» o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve para o estabelecimento, na freguesia e concelho de Portimão, de uma linha mista a 15 kV com 7381 m parte aérea com 7293 m e subterrânea com 88 m, da subestação de Porto de Lagos á dos Serviços Municipalizados de Portimão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 14 de Agosto de 1969.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

Policlínica do Rossio

L. D. João da Câmara, 19, 2.º, Esq.º — Telef. 32 06 60

Dr. Almada e Melo — Crianças — 2.ª e 5.ª — 7 h.
Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª — 15.30 h.
Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ª e e 5.ª — 15 h.
Dr. A. Pita Negrão — Clín. cirur. — Operações — 3.ª 5.ª e sáb. — 16 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar. e Ouv — 14 h.
Dr. Ferreira Malaquias — Estom., Intest., Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorróidas — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 19 h.
Dr. Foutoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h.
Dr. Freitas de Sousa — Doen. Reumát. — 3.ª e 5.ª — 17 h.
Dr. Luís Abecassis — Coração, Electrocardiografia — 3.ª, 5.ª e sábados — 14 h.
Dr. Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.
Dr. Macedo Costa — Assis. do Disp. de Prof. Mental — 3.ª e 5.ª — 18.30 h.
Dr. M. Freire da Cruz — Endocrinologia — 3.ª, 5.ª e sáb.ª — 15 h.
Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.ª, 18.30 h., Sáb., 14.30 h.
Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.
Dr. Nelson R. Viegas — Pele e Sífilis — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 15 h.
Dr. Mesquita Guimarães — Raios X.
Dr. Reis Valle — Análises clínicas.

32.ª Volta a Portugal em bicicleta

ENTRE PORTO E VISEU (210 KM)

FUGITIVOS SEM «GERARDS»

• ANTÓNIO TEIXEIRA, DO GINÁSIO DE TAVIRA

UM SENSACIONAL «CAMISOLA AMARELA»

O tavirense António Teixeira corta a meta no Estádio do Fontelo.

VISEU, 21 — Sem pretender meter a foice na seara do Castrim, permitam-me a recordação daquele outro e televisivo fugitivo o «Kimble doutor» que anda sempre com um tal Gerard à canela, danadinho para o apanhar. Pois a diferença entre essa história interminável e o que aconteceu na 10.ª etapa da «Volta» a Portugal em bicicleta, foi que os «fugitivos», daqui, que eram três, não tiveram Gerards. Eles fugiram e pronto. Não houve perseguição, caça ao homem, aparatosas diligências para a captura. Não houve nada dessas coisas...

REPORTAGEM DE
MÁRIO ZAMBUJAL
Enviado especial do
«DIÁRIO DE LISBOA»

Sèriamente falando, há que dividir em duas partes o que se passou nesta etapa entre o Porto e Viseu: a actuação dos três da frente e a do pelotão em que marchavam as vedetas: quanto aos primeiros, não há duvida que fizeram uma corrida admirável, muito especialmente o algarvio António Teixeira, um «fraca figura» de espantosa energia, que subiu de trigésimo segundo para primeiro e hoje tomou o caminho de Aveiro enroupado de amarelo.

No que respeita ao pelotão a coisa é um bocadinho intrigante e não é fácil o diagnóstico imediato, firme, sem hesitações. No fundo, a grande interrogação é só esta: na sua indiferença pelo avanço do Teixeira e do Lino Santos, que chegou a passar dos vinte minutos, terá havido o regresso á passividade deliberada, como protesto?

Sinceramente, pareceu que sim. E tanto pareceu que o delegado do Sangalhos, Alcides Silva, decidiu entrar no caminho das chamadas medidas drásticas: mandou parar o corredor João Fonseca, ordenando-lhe que recolhesse ao carro vassoura. Ele não desistiu — desistiram-no.

Por outro lado, deve ter-se em conta o andamento velocíssimo de todos nas primeiras duas horas da corrida e um vigoroso final de etapa (ultimos 25 quilómetros) do pelotão que assim pôde tirar grossa fatia ao seu atraso. Além disso, a extensão e o acidentado do percurso, o calor tórrido da tarde, tudo isto leva a aproximar do admissível a média de 33,3 km/hora, que foi a do pelotão. E que não é nada inferior a algumas apresentadas em outras Voltas, quando não havia este grande «trinta-e-um» de agora.

No entanto, custa a encontrar outras razões para que os corredores do Benfica, do Sporting e do F. C. Porto (este tinha a defender uma camisola amarela) tenham continuado, durante tanto tempo, indiferentes ao avanço dos da frente. Até certa altura, era natural que pensassem que do Teixeira, do Tavira, do Lino Santos, do Sangalhos, e do Freitas, da Ambar, não viria mal ao mundo, e que mais tarde ou mais cedo, eles haviam de «rebentar». Aliás, era o que tinha acontecido com todos os outros fugitivos em anteriores etapas desta curiosíssima Volta: o Joaquim Moreira, da Coelima, o Manuel Castro, da Ambar, o José Viegas e o Manuel Mestre, do Ginásio de Tavira. Porém, o pelotão devia estar informado que cada vez era maior o seu atraso, ao passo que cada vez eram menores o tempo e o espaço para o anular.

Pois só a cerca de vinte e cinco quilómetros de Viseu o pelotão desatou a andar — e de que maneira!

Por mero acaso, assisti ao nascimento desse novo ritmo, pois vinha ao lado do carro do Sporting e ouvi a ordem de Manuel Graça: «*Tudo para a frente, o Sporting todo na cabeça! Vamos andar!*»

Foi então que se viu pela primeira vez nesta Volta, o famoso Joaquim Agostinho a pedalar com extraordinário vigor, puxando a bom puxar. Ele e o Leonel Miranda, revesando-se na frente, fizeram com que a corrida do ex-vagaroso pelotão ganhasse velocidade de quarenta para cima. E mesmo acontecendo isso em vinte e cinco quilómetros só teve dois efeitos espectaculares: reduzir cerca de seis minutos o atraso que se verificava nessa altura; e fazer com que treze ciclistas chegassem atrasados á meta, dois dos quais (Fernando Vieira, do Benfica e Cosme de Oliveira do F. C. Porto) seriam eliminados. Mas o caso do portuense é todo um episódio de infortunio, de sofrimento e de esforço vão.

*

Entretanto o assunto dos ultimos dias continua a ser o assunto do dia. A etapa finda em Viseu deu pano para mangas, a interpretações diversas. As diferentes fases da actuação dos corredores de maior nomeada e seus acompanhantes, deu azo a muitos comentários E há toda uma onda de boatos, de mexericos, diz-se que isto e mais aquilo.

Ontem á noite por exemplo, corria com insistência a versão de que o Sporting e o F. C. Porto teriam retirado as suas equipas da prova. Tal não se confirmou, mas inegávelmente, subsiste um clima de tensão a envolver a caravana. O melhor é esperar.

ELIMINADOS

57 — Fernando Brito (Ambar); 64 — João Lopes (Tavira); 65 — José Nunes (Tavira); 80 — António Carvalho (Porto); 81 — Francisco Machado (Coelima); 83 — Mário Miranda (Coelima); 85 — Serafim Dias (Coelima); 87 — Armindo Mendes (Coelima); 90 — António Domingos (Coelima); 22 — Fernando Vieira (Benfica) e 73 — Cosme de Oliveira (F. C. Porto).

DESISTENTES

52 — Albino Alves (Ambar); 70 — Rogério Domingus (Tavira); 79 — Duarte Ribeiro (Porto); 7 — João Fonseca (Sangalhos).

VENCEDORES DAS ETAPAS

1.ª — Emiliano Dionísio
2.ª — António Graça
3.ª — Emiliano Dionísio
4.ª — Vítor Rocha
5.ª — Joaquim Coelho
6.ª — João Pinhal e Hubert Niel
8.ª — Leonel Miranda
9.ª — Fernando Mendes.
10.ª — António Teixeira

Esse incrível Teixeira

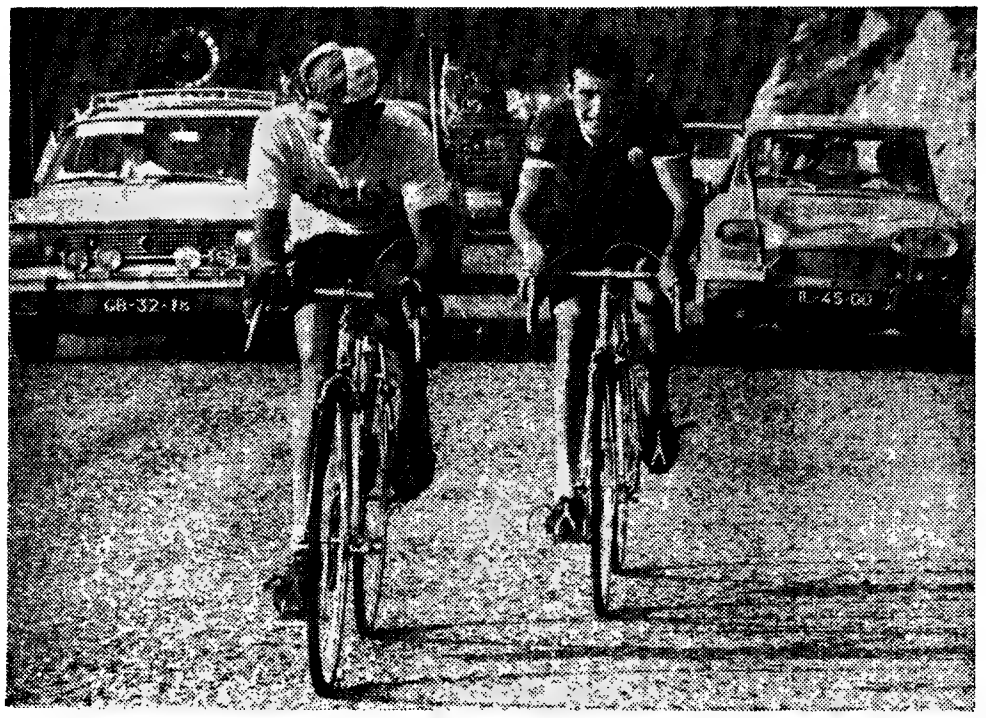
Tem umas orelhas grandes, uma cara magra, corpo franzino na aparência. Meteu-se-lhe na cabeça dizer adeus aos outros quando Viseu ainda estava longe de mais de centena e meia de quilómetros, e lembrei-me que ele — o António Teixeira, do Ginásio de Tavira — também o ano passado se metera noutra cavalaria destas, caminho de Loulé. Apanharam-no já muitos quilómetros andados e aplaudidos no seu Algarve, matando-lhe o sonho.

Talvez ontem pudesse acontecer o mesmo, se não viesse juntar-se-lhe o Lino Santos, do Sangalhos. A companhia deu-lhe uma alma nova, os dois entenderam-se perfeitamente, repartindo o esforço, a água e os alimentos.

Nas duas ultimas horas da prova, mais ou menos, a despesa toda foi, no entanto do António Teixeira. Numa pedalada de excelente vigor, depois de tantos quilómetros percorridos ele viajou para a meta rebocando o companheiro. Para a meta e para uma camisola amarela que lhe fica, certamente, como o troféu mais querido da sua ainda curta vida de ciclista. O António Teixeira foi o primeiro a passar nas quatro metas oficiais (incluindo a da chegada) e ganhou ainda prémios particulares por ser o da frente em Merles, Várzea do Douro, Régua e Castro Daire.

Entretanto, o seu companheiro Lino Santos (vítima de uma queda na perigosa entrada para o Estádio do Fontelo, em Viseu) teve o prémio de passagem em Santa Rainha do Zêzere.

E Joaquim Freitas, o terceiro homem do dia, que fez todo um longo e enérgico contra-relógio individual entre o duo da frente e o pelotão, ganhou tudo quanto havia para o terceiro.



António Teixeira, levando na sua roda o sangalhense Lino Santos, prossegue na temerária fuga para Viseu, onde conquistaria (com o seu quê de sensação) a camisola amarela.

Este é António Teixeira, o novo «leader» da «Volta a Portugal». Nasceu há 22 anos em Moncarapacho, foi canalizador e está a cumprir o serviço militar.

Cosme de Oliveira: uma queda atirou-o para a berma da estrada, roubando-lhe o contacto com o pelotão e obrigando-o a receber assistência médica. Tentou prosseguir na «Volta», lutou bravamente para isso, mas acabou por chegar a Viseu já depois de encerrado o «contrôle», de nada servindo todos os auxílios e incitamentos que recebeu no decorrer da sua esgrima **com a estrada.**

na berma da estrada

COSME: O AZAR TOTAL

O Cosme de Oliveira, do F. C. Porto estatelou-se aparatosamente num ponto onde a estrada estava molhada pela rega com que muita gente ia refrescando os corredores. O carro do «Diário de Lisboa» vinha apenas uns metros atrás, o Cosme acabou de explicar os motivos porque repetidamente se atrazara: «já tive dois furos!».

Estávamos ainda, praticamente, no princípio da etapa e o Cosme parecia assim, encontrar-se no seu dia de azar. Logo a seguir veio a queda e a confirmação: Gritando de dor, chorando, o jovem ciclista, depois de assistido pelo médico atirou-se para a odisseia da recuperação.

Foi um longo martírio, o seu, durante mais de quatro horas pedalando sózinho com as suas mágoas. Quando chegou à meta, era quase noite, quase uma hora depois dos dois primeiros. Não só fechara o controle como a possibilidade regulamentar de repescagem, pedida pelo seu clube e apaiada em exposição do médico de prova. Mas tolerância — quando há razões fortes como era o caso — pode ir até ao dobro do tempo estabelecido. Não mais. E o Cosme chegou um minuto depois desse último limite...

O «leader» da competição para o «Prémio da Montanha» (de parceria com Fernando Mendes) um dos melhores corredores da sua equipa e da prova, não pode continuar. Seria até ao fim o seu dia de azar, o seu ultimo dia de participante na Volta.

Teve, aliás, um amargo prémio: por ser o ultimo a passar na Régue deram-lhe cem escudos e uma garrafa de vinho.

A «VOLTA» PODERÁ SER ORGANIZADA PELO S.N.I.?

O presidente do Congresso federativo, sr. João Damasceno Covão, emite uma judiciosa opinião sobre o actual momento do ciclismo nacional:

— «Antes do mais, não pode deixar de prestar-se justiça ao esforço desenvolvido pelos dirigentes federativos que ao ciclismo consagram o melhor da sua dedicação e entusiasmo. Tudo quanto se tem feito ultimamente pelo desenvolvimento da modalidade deve-se, incontestàvelmente, ao trabalho realizado por esse punhado de homens, à carolice com que se entregam às árduas tarefas de fomentar o ciclismo em Portugal.

«Mas a expansão que o ciclismo adquiriu nestes últimos tempos e que se traduz, essencialmente, pelo considerável aumento do número de provas que preenchem o calendário nacional, não se compadece já com o estilo de improvisação em que se trabalha no sector oficial. O ciclismo não pode mais estar à mercê da carolice de um punhado de entusiastas da modalidade, que sacrificam as horas livres das suas ocupações profissionais e até com prejuizo destas, na tarefa de assegurar a continuidade de um movimento de provas, cuja sequência se processa hoje a um ritmo que ultrapassou já as suas possibilidades. Não surpreende, por isso, que a «Volta» revele algumas insuficiências de organização.

«Perante o actual estado de coisas, que não é possivel persistirem sem graves prejuizos para a modalidade, permita-se-me uma sugestão. Creio que no vasto plano de promoção turistica em que o País está empenhado, teria inteiro cabimento a inclusão da «Volta a Portugal em Bicicleta», reconhecido como está mesmo pelas entidades responsáveis pelo nosso turismo, que o ciclismo, pela sua extraordinária popularidade e pelo clima apaixonante que cria à sua volta, constitui um incomparável veículo de propaganda — neste caso de propaganda turística.

«Estou absolutamente convencido de que tanto o turismo como o próprio ciclismo recolheriam preciosos benefícios, se o Secretariado Nacional de Informação chamasse a si a organização da «Volta a Portugal» com o apoio técnico da Federação Portuguesa de Ciclismo.»

COMUNICADO DO JÚRI

O júri reunido em Viseu, deliberou, entre outras coisas, multar em 25$00 cada, os corredores Manuel Luís, Paulino Domingues, Emiliano Dionísio Firmino Bernardino, João Roque, Joaquim Agostinho, José Vieira, Leonel Miranda, Norberto Timóteo, Sérgio Páscoa, Vítor Tenazinha, Vítor Rocha, Manuel Castro, Hubert Niel, Mário Silva e Cosme de Oliveira, por estarem incursos no n.º 1 da Tabela de Penalidades (assinatura atrasada no ponto)

Multar em 25$00 cada, os corredores Américo Silva, Emiliano Dionísio e Joaquim Moreira, por estarem incursos no n.º 15 da mesma Tabela (não estar munido de tubo de reserva e bomba de ar).

Deliberou conceder um prémio especial de 500$00 a cada um dos ciclistas: Lino Santos, Joaquim Freitas e António Teixeira, pelo interesse demonstrado na disputa da etapa de ontem.

Atribuir o prémio «Seguros Tranquilidade» aos corredores Lino Santoss e Cosme de Oliveira.

Eliminar os corredores Fernando Vieira do Benfica, e Cosme de Oliveira, do F. C. Porto, por atrasarem na meta depois do «contrôle» encerrado. Não considerar o pedido de repescagem apresentado pelo director desportivo do F. C. Porto, por motivo do exposto no art. 23.º do Regulamento. «Nenhum corredor poderá ser repescado, AINDA QUE SE TRATE DE UM DOS DEZ PRIMEIROS DA CLASSIFICAÇÃO GERAL, se o tempo que lhe for atribuido ultrapassar o dobro das percentagens de tolerância.»

Eliminado Cosme de Oliveira o portista

O QUE FALTA PERCORRER

Viseu-Metalurgia Casal	122
Pista de Sangalhos	2
M. Casal-C. da Rainha	181
C. da Rainha Lisboa	119
Pista de Alvalade	9
Lisboa-Grândola	143
Grândola-Loulé	163
Circuito de Loulé	2
Loulé-Tavira	125
Pista de Tavira	8
Tavira-Évora	206
Évora-Alcains	195
Alcains-Seia	102
Seia-Avelar	157
Avelar-Abrantes	78
Abrantes-Cartaxo	86
V. F. Xira-Lisboa	35

FRIGORÍFICOS
IGNIS
· Maior capacidade em menor espaço
· A maior e melhor linha
Uma marca de prestígio ao seu dispor nas melhores condições de aquisição em:
ELGA, LDA.
AV. ALMIRANTE REIS, 104-B
T. 42175 — LISBOA

S.I.S.-SACHS

a victória da técnica!

FUTEBOL
ESTÁDIO DO RESTELO
TAÇA DE HONRA
I DIVISÃO
Quarta-feira, 27 de Agosto de 1969
I JORNADA
Às 20.45 horas
ATLÉTICO-BENFICA
Às 22.30 horas
BELENENSES-SPORTING
Preços dos Bilhetes:
BANCADA CENTRAL (Poente) ..... 60$00
BANCADA LATERAL (Poente) ..... 40$00
SUPERIOR (Bancada Nascente) ..... 30$00
GERAL (Cabeceiras) ..... 20$00
Locais de Venda:
ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE LISBOA
Travessa da Trindade, 25-3.º
Das 10 ás 13 e das 15 ás 18.30 horas (aos sábados das 10 ás 13)
ATLÉTICO CLUBE DE PORTUGAL
CLUBE DE FUTEBOL «OS BELENENSES»
SPORT LISBOA E BENFICA
SPORTING CLUBE DE PORTUGAL
E NAS AGÊNCIAS HABITUAIS
Espectáculo para maiores de 12 anos

QUEIJO TIGRE
AO PÚBLICO
A SENHA COM O N.º 13 445 REFERENTE A JULHO DE 1969 FOI PREMIADA COM O TELEVISOR «NATIONAL»
Foi contemplada a Ex.ma Sr.ª D. Valentina Firmino
Rua da Angra, 206 — Foz do Douro — PORTO

HÓQUEI EM PATINS

Benfica e Paço de Arcos no comando do regional

Prosseguiu, ontem, a quinta jornada do Campeonato de Lisboa de hóquei em patins (Divisão de Honra) que, entre outros, oferecia ao público um magnífico despique: o jogo entre a Juventude Salesiana e o Sport Lisboa e Benfica.

Beneficiando do facto de a partida se ter disputado no seu recinto, e, também, da sua melhor valia técnica, os benfiquistas venceram por 7-2, continuando no comando da classificação geral, honra que partilham com o Paço de Arcos, que bateu o Sporting por 7-5.

Outros jogos: C. Ourique-Oeiras, 3-10; Parede-Cascais, 4-3; Sintra Belenenses, 6-7; e E Física-C. U. F., 1-2

Classificação geral:

Benfica e Paço de Arcos, 13 pontos; J. Salesiana, Belenenses, Sintra, C. U. F e Oeiras, todos com 11; Sporting, 10; C. Ourique e Parede, 9; Cascais, 8; e Educação Física, 5.

Amanhã, realiza-se outra jornada, que comporta os seguintes jogos:

Salesiana-E. Física, Oeiras-Benfica Cascais-C. Ourique, Sporting-Parede, Belenenses-P. Arcos e C. U. F.-Sintra, nos rinques dos primeiros, ás 21 e 15 (reservas) e ás 22 e 15 (honra).

Para o torneio da II Divisão, o Cimento Tejo foi derrotado pelo Estremoz por 0-3

Dinis, o lagolineo angolano que o Sporting recrutou esta época, foi a grande figura do treino dirigido ontem Por Fernando Vaz, Aqui o vemos

NOTICIAS DE FUTEBOL

BELENENSES EM ANGOLA: OITAVO JOGO, OITAVA VITÓRIA

• Os «azuis» chegam amanhã a Lisboa

O Belenenses venceu por 4-0 a selecção de futebol de Angola, no encontro realizado ontem, á noite, no Estádio dos Coqueiros, na cidade de Luanda. Deste modo, a equipa de Belém encerrou da melhor maneira a digressão por Angola, em que disputou oito encontros sem sofrer qualquer derrota. Oito jogos: 25 golos marcados e 5 sofridos.

As equipas:

SELECÇÃO DE LUANDA — Sol; Celestino, Cardona, Garrido e Faria; Valente, Inguila e Virgílio; Gomes, Benje e Queirós.

BELENENSES — Mourinho; Rodrigues, Quaresma, Freitas e Esteves; Luciano, Saporiti e Quinito; Laurindo, Ernesto e Godinho.

Depois, jogaram Cardoso e Djalma.

Os golos foram obtidos por Virgílio (na própria baliza), Ernesto (2) e Saporiti. Foi expulso o belenense Cardoso. Ao encontro assistiram 11 000 pessoas, proporcionando uma receita de 230 contos.

O Belenenses parte de Luanda amanhã, pela 1 e 45 horas, prevendo-se que chegue á Portela de Sacavém ás 9 horas e 45 minutos.

●

Gomes, que pertenceu ao Belenenses, já treina no Vitória de Setubal.

●

O Futebol Clube do Porto defronta, na noite do próximo sábado, a turma do Desportivo da Corunha.

●

O Leixões está interessado em conseguir o concurso do portista Lemos.

●

Guerreiro continua no Vitória de Setubal. O novo compromisso é por três épocas. Também Alfredo prossegue ao serviço do clube treinado por José Maria Pedroto. O acordo tem a duração de uma temporada.

●

Rui (guarda-redes portista) terá de ficar inactivo cerca de um mês. Razão: uma rotura dos ligamentos internos no joelho lesionado em África. Prevê-se que seja necessário proceder-se a uma intervenção cirurgica

●

Amanhã, ás 19 e 30 horas, o Chefe do Estado recebe a Junta Directiva do Belenenses, que lhe vai entregar uma mensagem contendo 50 000 assinaturas em que se solicita a doação ao clube do Estádio do Restelo.

Camolas um novo belenense

Tem 21 anos de idade e está um pouco anafado. Mas o Belenenses confia nele: e Camolas (que trocou os ares da Póvoa de Varzim pelo emblema do «team» (dirigido por Mário Wilson) quer fazer uma boa temporada no Restelo. Foi cinco vezes «internacional» na categoria de juniores e alinhou uma vez na selecção de «esperanças».

ESTA NOITE, EM ALVALADE

SPORTING (de Fernando Vaz) contra o CÓRDOVA (de Eizaguirre)

Esta noite, pelas 21 e 45, no Estádio de Alvalade, o Sporting enfrenta o Córdova, em jogo de carácter particular, que tem como objectivo fundamental apresentar aos associados do «leão» a nova equipa de futebol da colectividade, que, treinada sob as ordens de Fernando Vaz, venceu o torneio de Lourenço Marques (após derrotar o Benfica e empatar com o Racing) e, em Luanda, venceu novamente, de modo concludente, a turma do Sport Lisboa e Benfica.

Está previsto que as duas equipas alinhem assim:

SPORTING — Damas; Pedro Gomes, Alexandre Baptista, José Carlos e Celestino; Gonçalves, Pedras e Peres; José Morais, Nelson e Lourenço. Suplentes: Carvalho, Hilário, Caló, Armando, Mário, Chico, Oliveira Duarte e Dinis.

CÓRDOVA — Garcia; Ponce, Toledo, Muñoz e Rodri; Jaen e Diego; Rojas (paraguaio), Cuesta, Jara (paraguaio) e Luís Costa. Suplentes: Ruiz, Berdugo, Alvarez e Alfonso.

A turma do Córdova é treinada por Eizaguirre, que na defesa da baliza espanhola criou grande notoriedade e chegou a ser um ídolo dos estádios ibéricos. Eizaguirre foi 18 vezes «internacional», tem 49 anos de idade e já orientou as equipas do Osasuna, Múrcia, Celta de Vigo, Granada, Córdova, Sevilha, outra vez o Granada, novamente o Celta de Vigo e, esta época, pela segunda vez, o Córdova.

Jogadores do Córdova em Lisboa. Esta noite a equipa comandada por Eizaguirre vai ter pela frente o renovado» Sporting

HOJE, À NOITE

FUTEBOL — Jogo particular: Sporting-Córdova, no Estádio José Alvalade, ás 21 e 45.

NATAÇÃO — Torneio de Agosto, promovido pela Associação de Lisboa, na piscina do Pedrouços, ás 21.

NO PORTO

FUTEBOL DE SALÃO — Torneio infantil do Académico: Rapazes de S. Roque, Titãs da Sé, Bairro de S. Roque-Fábrica do Amial e Olímpicos de Fernão de Magalhães Vanzeleeres. Jogos a partir das 21 e 30, no pavilhão do Lima. Torneio senior do F. C. da Maia: Pintense-D. de Santana, L. Balio-Abafas, B. Mota-E. T. S. L. e A. Vilanovense-Grupo 112. Partidas com início ás 20 e 30, no pavilhão da Maia

Posse dos dirigentes do andebol lisboeta

Na sede da Associação de Andebol de Lisboa realiza-se amanhã o acto de posse dos novos dirigentes daquele organismo recentemente eleitos em assembleia geral.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

XADREZ

UMA VITÓRIA DE VÍTOR LEAL

ESTOCOLMO, 21 — (F. P.) — No campeonato mundial de xadrez (juniores) que se está a disputar em Estocolmo, verificaram-se ontem á noite os seguintes resultados nas finais do grupo «C»: Vítor Leal (Portugal)-Fridjonsson (Islândia), 1-0; Seret (França)-Hug (Suíça), 1-0; Bellon (Espanha)-Sumiacher (Argentina), 1-0; Moles (Irlanda)-Ristoja (Finlândia), 1-0; Uddenfeldt (Suécia)-Harandi (Irão), 1-0; Weber (Luxemburgo)-Meulders (Bélgica), 0-1 e Sznapik (Polónia)-Macropoulos (Grécia) partida interrompida.

BENFICA - CUF (em reservas) NA MALVEIRA

Antecedendo a disputa do Circuito Ciclista da Malveira realiza-se no dia 7 de Setembro, naquela localidade, um encontro de futebol entre as equipas de reservas do Benfica e do Desportivo da CUF.

ATLETISMO NO BENFICA

Nos dias 24 e 27 respectivamente às 10 e 21 e 30 horas, realizam-se nas instalações do Benfica no Campo Grande torneios de captação de atletismo para sócios e simpatizantes daquele clube com mais de dez anos.

CARTAZ DOS CINEMAS

MUNDIAL
Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
UMA CARREIRA SENSACIONAL
(Il Medico Della Mutua)
Às 18.30 (M. 12 anos)
QUEM ROUBOU A COROA?
AR CONDICIONADO

TIVOLI
(M 12 anos) Tel. 50595
Às 3 da tarde e 9.30 da noite
63.ª SEMANA
do maior êxito de todos os tempos:
MÚSICA NO CORAÇÃO
com Julie Andrews e Christopher Plummer
Exclusivo desta sala

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
em Technicolor
O BASTARDO
«THE BASTARD»
c/ Rita Hayworth e Giuliano Gemma

EDEN
(Adultos) Tel 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
O super agente Upperseven nas mais perigosas aventuras
A MINHA PROFISSÃO É MATAR
Technicolor — Techniscope

SÃO JORGE
(M 17 anos) Tel. 54153
Às 15.15 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
A iniciar o ciclo do cinema francês, um filme de Alain Cavalier-Françoise Sagan
A CHAMADA
com Catherine Deneuve e Michel Piccoli

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
O GRANDE AMOR
TEMPESTADE NA JAMAICA

CONDES
Telefs. 322523 - 326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
(Adultos)
Uma grande história de amor
ÂNSIA DE AMAR
Scope — Metrocolor
(AR CONDICIONADO)

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Tel. 260729
OS SEGREDOS DO IMPERADOR
com Noel-Noel e Pascale Andret

IMPÉRIO
(Adultos) Tel 555134
Um filme de Michel Deville
BYE, BYE BARBARA
com Ewa Swann, Bruno Cremer, Philippe Avron e Alexandre Stewart

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30 18.30 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
A obra fundamental de Roman Polansky
REPULSA
com Catherine Deneuve e Ivonne Fucueaux

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 21.45
Um filme de alta espionagem
HOMENS DESESPERADOS
com Ty Hardin, Michael Rennie e Graziella Granata
Eastmancolor
AR CONDICIONADO

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
O CASAMENTO
(Le Mariage ou Masel Tov)
com Claude Berri e Elisabeth Wiener
EASTMANCOLOR
AR CONDICIONADO

ALVALADE
(M. 6 anos) Tel. 763080
Às 21.45
Uma migalha de gente ao pé de um colosso!
O BOM GIGANTE
c/ Dennis Weover, Vera Miles, Ralph Meeker e o urso Ben

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
A aventura de espionagem ao mais alto nível!
CAÇADOR DE ESPIÕES
com
Paul Manter e Sue an Sangton

ODEON
Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p.r.) e 21.30
De tarde e á noite para maiores de 6 anos
O 1.º FESTIVAL DE GARGALHADA DO CINEMA PORTUGUÊS
A CANÇÃO DE LISBOA
com Vasco Santana, Beatriz Costa e António Silva

VOX
(M 21 anos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
de lotações esgotadas
HELGA
(O segredo da maternidade) comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade àquelas pessoas cuja aparência possa suscitar dúvidas

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
JOGO PERVERSO
Às 21 h.
A 6. TESTEMUNHA

LIDO
Praça D João I AMADORA
As 21.30 (M. 12 anos)
THE FOLK DANCE AND SONG SOCIETY
Espectáculo especial em benefício da Obra de Assistência da Junta de Freguesia de Queluz

POLITEAMA
HOJE, ás 21.30
Novamente o ídolo dos ídolos MONTGOMERY WOOD
no seu melhor filme de sempre
UM DÓLAR FURADO
A história de uma sinistra vingança
Tecnicopio — — Eastmancolor
HOJE, ás 18.30 (M 17 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

AVIS
(M 17 anos) Tel. 47163
Às 21.45
ESTREIA DE UMA COMÉDIA MUSICAL DE GRANDE SENSAÇÃO
AO SOL COM O MEU AMOR
com ROMINA POWER
e os impagáveis cómicos
F. FRANCHI e C. INGRASSIA
EASTMANCOLOR

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
A HONRA DE UM HERÓI
c/ Yul Bryner, Robert Mitchum

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VARIEDADES — Às 21 e 45: «Os Direitos da Mulher» (17 anos).
TEATRO GIL VICENTE — Às 22: «A maçã» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Ri-te, Ri-te» (17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «A presa humana» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Viva Djanco» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Braços de veludo» (17 anos)
ROYAL — Às 21: «Madame X» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «As montanhas da luz» (12 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Os libertadores» (12 anos).
IDEAL — Às 21: «Duas raparigas em Londres» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Khartoom» (12 anos)
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «A partilha» (17 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «Rainha do Nilo» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «A ultrapassagem» (17 anos).
SPORT L. BENFICA — Às 21 e 15: «Os espiões matam em Beirute» (12 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «As espingardas do Far-West» (12 anos)
B ENCARNAÇÃO — Às 21: «O ultimo trunfo» (17 anos).
BOM V DE LOURES — Às 21 e 45: «O cinto da castidade» (17 anos)

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «A presa humana» e «Forte barreira» (12 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Os complexos» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e 21 e 30: «Os segredos do imperador» (12 anos). CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «D Camilo monsenhor» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Caminho perigoso» (17 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «O melhor de Bucha e Estica» (6 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Nada de rosas para OSS-117» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Filhos de ninguém» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «Forte Utah» (12 anos)
ERICEIRA — CASINO — Às 21: «Oliver» (12 anos).

● Outra Banda

COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Dois irmãos sicilianos» e «A minha última condessa» (17 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21: «Fantasma da ópera» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 30: «O solitário de Nevada» (12 anos)

António Mourão em Moçambique

No próximo dia 1 de Setembro, estreia-se em Lourenço Marques (Cinema São Miguel) o cançonetista António Mourão) que em Moçambique vai efectuar 25 espectáculos. António Mourão gravou recentemente um disco de 45 rotações que inclui as composições «Sou Campino» e «Eu e a Cigana» (de Jorge Fontes e Castro Infante), «Agora que me encontrei» (Ferrer Trindade-Jorge Rosa) e «Só tu és o meu caminho» (Pedro Jordão-Pedro Gonçalves). No regresso ao continente, o popular intérprete gravará um L. P. (com fado clássico, fado-canção e modas populares portuguesas) e logo partirá para a Holanda em cuja Televisão se apresenta pela segunda vez. Mais tarde (em meados de Janeiro) estará nos Estados Unidos da América do Norte e Canadá, para efectuar a sua terceira temporada perante as plateias portuguesas ali radicadas. «Teatro? Só em fins de 1970» — disse-nos hoje António Mourão, que continua a recusar intervir em espectáculos teatrais e (sobretudo) participar em filmes. «As propostas são todas muito baixas» — **comenta.** «E eu sou um profissional a quem não faltam contratos. »

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno L

ALAMEDA — **Esperança**, R Carlos Mardel, 101-B (722868)
ALCÂNTARA — **Nogueira**. R do Creche, 2 (63 635)
ALTO S. JOÃO — **Oriente**, R Lopes, 20 (84338) * **Teles**, R João de Barros 2 (638249)
ALVALADE — **Brisália**, Av Rio de Janeiro, 66 (722368) * **Cartaxo**, Av da Igreja, 21-C (776358)
AMOREIRAS — **D. João V**, R D João V, 6-C (682772)
ANJOS — **Matos**, R Álvaro Coutinho, 0 (4047)
AREEIRO — **Avis**, Av de Roma, 56-B-C (7 5370) * **João XXI**, Av João XXI, 6-A (726462) * **Nova Lisboa**, Rua Gulhermino Suggia, 2 (727721).
AVENIDAS NOVAS — **Fátima**, Av 5 de Outubro, 147-A (763107) * **Avenidas**, Av da Republica, 27-A (533688) * **Império**, Rua Filipe Folque, 40-A-B (48002) * **Palma**, Av Duque de Ávila, 25 (47088)
BAIRRO AZUL—**Bairro Azul**, Av Ressano Garcia, 7-A (5145).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Ascenso**, R 27, n.º 41 (3112 6).
BAIXA — **Americana**, Calç de Santana, 3 (863984) **Costa**, Praça do Figueira, 6-B/C (32838)
BELÉM — **Remisio**, R dos Jerónimos, 4-C (63 699) * **Sepol**, Calçada do Boa Hora, 94-A (63 958)
BENFICA — **Lisboa**, R Claudio Nunes, Lote, 2 (703393) * **Sousa**, Est de Benfica, 429-48 (780027)
CAMÕES — **Combro**, Calç do Combro, 18 (326059) * **Azevedo Irmão & Veiga**, R da Misericórdia, 24 (323540).
CAMPO DE OURIQUE — **Castro Fonseca**, Rua 4 de Infantaria, 28-A (688857) * **Ourique**, Rua Freitas Gazul, 32-B (671667).
CAMPOLIDE — **Lab.**, R Rodrigo da Fonseca, 101-101 A (682333) * **Pátria**, Calçada dos Mestres, 30-A (680627)
CARNIDE — **Leal de Matos**, Rua Neves Costa, 33-35 (780181).
CONDE REDONDO — **Capuchos**, Rua Luciano Cordeiro, 2-A (52076)
ENTRECAMPOS — **Galeno**, Av Óscar Monteiro Torres 38-A (774920)
ESTEFÂNIA — **Estefânia**, R Pascoal de Melo, 90 (44438).
ESTRELA E LAPA — **Central da Lapa**, R dos Navegantes, 10 (66 734)
GRAÇA — **Monte**, R Senhora do Monte, 30-A-B (867842) * **Rosa & Viegas**, R de S Vicente, 31 (864351) * **Bastos Andrade**, Calç de St.º André 107-111 (860450) * **Santo António**, R Leite de Vasconcelos, 12-C (862333)
LUMIAR — **Alameda**, Av das Linhas de Torres 20-B (790942) * **S. Tomé**, Est do Desvio, Lote 2-C (790704)
MADRAGOA — **Lealdade**, R do Olival, 226 (66344)
OLIVAIS — **Olivais** R Alves Gouveia, 9 (3 237)
PALHAVÃ — **Aguiar**, Av Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (764629)
PATRIARCAL — **São Marçal**, R de S Marçal, 00 (325318)
PENHA DE FRANÇA — **Carrondo**, Rua Padre Sena Freitas, 10-A (8425 8)
PICHELEIRA — **Luzmar**, R João Nascimento Costa, 6-A (728395 e 720703)
SÉ — **Nacional**, R de S João da Praça, 26 (863632)
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — **Salter**, Rua de Xabregas 63-65 (381 85)
MOSCAVIDE — **Império** — Rua Olivença, 44 (Tel 25 820).

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Miramar**, R Ernesto da Silva 8 (212048)
CAXIAS — **Nova** — Rua Bernardim Ribeiro, -A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — **Godinho da Silva**, Avenida Patrão Lopes, 4 (2432039)
OEIRAS — **Central**, R João Teixeira Simões, 8 (2430058)
PAREDE — **Macau**, R Elias Garcia, 62-B (247 785)
ESTORIL — **S. João** (Tel 261186)
MONTE ESTORIL — **Ostende**, Rua de Espinho, (260391).
CASCAIS — **Cordeiro** — Av Comb. G. Guerra 40 (Tel 280170-28 4 9); **Nova** — Estrada de Alvide—Fontainha, (T 281044)

● Linha de Sintra

AMADORA — **Amadora**, Praceta 28 de Maio 3-A (935518) * **Carmelo**, R Elias Garcia, Lote 28 (933303) * **Helénica**, Rua Elias Garcia, 2 (933613) * **S. Jorge**, R Pedro del Negro, 5 Reboleira (938703)
DAMAIA — **Confiança**, Estrada Militar, Lote D (971023)
QUELUZ — **Correia**, L do Mercado, 3 (950905) * **«Zeller**, R da Republica, 83 (950045)
CACÉM — **Central** — R Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — **Quimia** — Est Mem Martins, 285 (T 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (Tel 980456)
SINTRA — **Simões**, R Heliodoro Salgado, 26 (980832).
COLARES — **Colares** — **Abrelo** (Tel 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — **Nunes** — L. Coronel Ramos da Costa 10 (Tel. 234 37)
ALHOS VEDROS — **Portugal**, Av.ª do Bela Rosa 8 (224250)
ALMADA — **Cristo Rei** — Av. Cristo Rei 3-A (Tel 273498).
BAIXA DA BANHEIRA — **Nova Fátima**, Estrada Nacional 221-8 (224 4)
BARREIRO — **Soares** — Av da Republica, (Tel 2273023).
COVA DA PIEDADE — **Império**, Rua da Boa Esperança, 31-A (274356)
MOITA — União Moitense, Av.ª Dr Teófilo Braga (239025).
MONTIJO — **Moderna**, Rua Bulhão Pato 60 (230 56)
SESIMBRA — **Leão** Av.ª Salazar (22947)
SETÚBAL — **Marques**, R Arronches Junqueiro (2 27 83) * **Bonfim**, Av Rodrigues Manitto, 12
SEIXAL — **Soromenho** — R Paiva Coelho, 38 (Tel 22 8560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — **Companhia das Águas 361358** * **Companhias Reunidas, 537011** * **Gazcidla 538821** * **Gazcidla (dom. e feriados 382069.**
BOMBEIROS — **Sapadores 322222** * **Voluntários 538524**
POLÍCIA e G. N. R. — **Serviço de emergência, 115** * **Segurança Publica, 366141** * **Judiciária, 535380** * **Maritima, 326456** * **Internacional, 362721** * **Viação e Trânsito, 42205** * **G.N.R. (área rural), 36865**
SAÚDE — **Cruz Vermelha, 665342** * **Enfermagem permanente, 766161** * **Enfermagem de urgência, 43738** * **Hospital de Santa Maria, 775171** * **Hospital de S. José, 860131** * **Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169** * **Transfusões, soros e oxigénio, 538524** * **Centro de Intoxicações (informativo), 767777 761176 e 763456.**
TRANSPORTES — **Aeroporto, 720111** * **Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029** * **Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121** * **Estação fluvial (T Paço), 325345** * **Estação Marítima de Alcântara, 663195** * **Estação Marítima da Rocha, 672445** * **Estação fluvial (Belém), 638531**

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(M 15 anos)

RESTAURANTE
antónio
COZINHA PORTUGUESA
Diàriamente açorda de lagosta
AR CONDICIONADO
R. TOMÁS RIBEIRO, 63

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 15 anos)
aos sábados e domingos
JANTARES DANÇANTES
c/ conjunto privativo
(Encerrado às 3.as-feiras)

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
CANTINHO ALENTEJANO
Rua D. Luís de Noronha, 32-A (Junto à Av de Berna)
Telefone 77895
SERVE DIARIAMENTE OS DELICIOSOS PRATOS CARACTERÍSTICOS ALENTEJANOS

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

AGOSTINHO VENCEU NO ALTO DO CARAMULO

DURANTE A 11.ª ETAPA DA «VOLTA»

(Continuação da 1.ª página)

em «massa», no que foram estorvados por omens do Porto, Benfica e Tavira.

Próximo de Tondela, uma passagem de nivel encerrada fragmentou o pelotão. Já se aproximava uma automotora e, mesmo assim, trinta ciclistas lograram atravessar a linha, voltando imediatamente a montar nas suas máquinas e a prosseguirem na corrida.

Em Campo de Besteiros, uma nota sensacional: o «camisola amarela» António Teixeira tentou uma «fuga», mas os homens do Sporting neutralizaram-na imediatamente

Agostinho venceu a contagem da «Montanha»

Na subida para o Caramulo, toda a coluna estava fragmentada. No alto da serra, onde se localizava a contagem (de segunda categoria) para o «Prémio de Montanha», passou em primeiro lugar Joaquim Agostinho (Sporting) logo seguido por Mário Silva (Porto), Fernando Mendes (Benfica) e o sangalense Joaquim Andrade. Tempo destes corredores: 1 hora 23 minutos e 52 segundos.

Muito fraccionado, o pelotão começou a passar com 1 hora 24 minutos e 27 segundos. O «camisola amarela» vai enquadrado por outros elementos do Ginásio de Tavira

Perto do Caramulo, o sangalhense Celestino de Oliveira deu uma queda, ferindo-se bastante no lado esquerdo do corpo

Entretanto, a aproveitarem a descida da serra sete ciclistas empreenderam uma «fuga»; Joaquim Agostinho e Firmino Bernardino (Sporting), Mário Silva e José Luís Pacheco (Futebol Clube do Porto), Herculano de Oliveira e Joaquim Andrade (Sangalhos) e o benfiquista Fernando Mendes. Mas, em S. João do Monte o sangalhanense Herculano de Oliveira «furou» e ficou na estrada, enquanto os seus companheiros de fuga prosseguiam em ritmo verdadeiramente impressionante.

Os fugitivos ganham, ràpidamente, avanço sobre um primeiro pelotão de dez homens que os perseguem. O «camisola amarela» perde contacto com este grupo e passa em Bolfiar já com 4 minutos de atraso de Joaquim Agostinho e dos seus companheiros da vanguarda. Muito mais para trás, na cauda de uma extensa fila de ciclistas, pedalam com grande dificuldade os sangalhenses Manuel Lote e Norberto Duarte

Em Águeda, na «mata volante», os seis fugitivos passaram pela ordem seguinte: Firmino Bernardino, Joaquim Andrade, José Luís Pacheco, Joaquim Agostinho, Fernando Mendes e Mário Silva, todos com o tempo de 2 oras 6 minutos e 41 segundos.

Um minuto e trinta segundos depois passam alguns perseguidores comandados pelo benfiquista Manuel da Costa

Cá para trás, o tavirense António Teixeira (camisola amarela) pedala com extrema dificuldade, ressentindo-se da caminhada de ontem. O seu colega de equipa António Graça, atrasou-se para o rebocar até ao segundo pelotão e, quando Teixeira parecia recompor-se, sofreu um «furo». Manuel Mestre cedeu-lhe logo a bicicleta, mas Teixeira continua a evidenciar grande sacrifício para se manter nesse segundo pelotão.

Em Oiã, os seis homens da frente passaram com 3 minutos e meio de vantagem sobre um grupo de oito ciclistas, que são comandados por Américo Silva (Benfica) e Leonel Miranda (Sporting) que, por seu turno, já tem 5 minutos e 20 segundos de avanço sobre o «camisola amarela». Os ciclistas atravessam um panorama inédito: florestas desbaratadas pelos fogos destes últimos dias.

A 40 quilómetros da chegada, os ciclistas da frente continuam a aumentar o seu avanço, graças á iniciativa de Joaquim Agostinho que tem sido o grande animador da etapa.

Aveiro assistiu á chegada dos ciclistas vindo em peso para as ruas. O benfiquista Fernando Mendes bate ao «sprint» o sportinguista Agostinho e o sangalhense Andrade e ganha a etapa.

Classificações gerais à partida de Viseu

INDIVIDUAL

1	Teixeira (Tav)	24	39	46
2	J. Freitas (Amb.)	24	48	17
3	Azevedo (Porto)	24	48	45
4	E. Dionísio (Sp.)	24	48	50
5	F. Mendes (Bf.)	24	48	54
6	H. Niel (Porto)	24	49	09
7	V. Rocha (Sp.)	24	49	21
8	Andrade (Sang.)	24	49	23
9	Pacheco (Porto)	24	49	36
10	M Silva (Porto)	24	49	37
11	L. Miranda (Sp.)	24	49	38
12	J Leão (Porto)	24	49	40
13	Agostinho (Sp.)	24	49	43
	Am. Silva (Bf.)	m. t.		
15	Oliveira (Sang.)	24	49	50
16	P. Moreira (Bf.)	24	49	51
17	José Vieira (Sp.)	24	50	13
18	A. Graça (Tav)	24	50	17
19	J Pinhal (Bf.)	24	50	24
20	Man. Costa (Bf.)	24	50	32
21	A. Fortes (Bf)	24	50	34
22	D. Vitorino (Bf.)	24	50	39
23	Tenazinha (Sp.)	24	50	46
24	Rodrigues (Bf.)	24	50	50
25	Bernardino (Sp.)	24	50	55
26	Oliveira (Sang.)	24	51	03
27	V. Cardoso (Sp.)	24	51	27
28	Domingos (Sp)	24	51	41
29	Duarte (Sang.)	24	51	44
30	J. Leite (Porto)	24	51	57
31	J. Pereira (Coel.)	24	52	01
32	S. Vieira (Amb.)	24	52	44
33	E. Santos (Bf.)	24	53	24
34	J. Roque (Sp.)	24	53	58
25	L. Santos (Sang.)	24	54	01
36	M. Sousa (Porto)	24	54	14
37	Man. Luís (Bf.)	24	55	47
38	S. Páscoa (Sp.)	24	55	48
39	Martins (Tav.)	24	56	50
40	M. Santos (Tav.)	24	57	30
41	J. Coelho (Amb.)	24	57	50
42	Pereira (Coel.)	24	59	37
43	H. Silva (Amb.)	24	59	58
44	Moreira (Coel.)	25	01	36
45	J. Diogo (Tav.)	25	02	27
46	A. Salazar (Tav.)	25	03	30
47	M. Castro (Amb.)	25	05	18
48	N. Timóteo (Sp.)	25	06	22
49	Wil. Sá (Amb.)	25	06	25
50	Rodrigues (Coel.)	25	09	42
51	M. Mestre (Tav.)	25	10	05
52	M. Lote (Sang.)	25	11	56
53	J. Viegas (Tav.)	25	22	25

EQUIPAS

1	Sangalhos	74	17	57
2	Gin. Tavira	74	20	42
3	Benfica	74	26	41
4	F. C. Porto	74	27	01
5	Sporting	74	27	07
6	Ambar	74	30	46
7	Coelima	74	40	02

PONTOS

1	Em. Dionísio (Sp.)	47
2	F. Mendes (Bf.)	30.6
3	Vítor Rocha (Sp.)	30
4	Hubert Niel (Porto)	22.5
5	J. Andrade (Sang.)	20.6
6	Ant. Graça (Tav.)	20
7	J. Coelho (Amb.)	20
8	L. Miranda (Sp.)	20
9	A. Teixeira (Tav.)	20
10	João Pinhal (Bf.)	17,5
11	J. Freitas (Amb.)	17
12	C. Oliveira (Sang.)	15
13	L. Santos (Sang.)	15
14	S. Vieira (Amb.)	10
15	J. Agostinho (Sp.)	7
16	Firmino B. (Sp.)	7
17	P. Moreira (Bf.)	5
18	Henr. Silva (Amb.)	5

COMBINADO

1	Fern. Mendes (Bf.)	8
2	Manuel Costa (Bf.)	36

METAS VOLANTES

1	Pedro Moreira (Bf.)	11
2	Joaq. Moreira (Coel.)	4
3	Ant. Teixeira (Tav.)	3
4	Man. Mestre (Tav.)	3
5	José Viegas (Tav.)	3
6	F. Bernardino (Sp.)	3
7	Vald. Cardoso (Bf.)	1
8	Ant. Graça (Tav.)	1
9	Vitor Rocha (Sp.)	1

MONTANHA

1	Fern. Mendes (Bf.)	8
2	C. Oliveira (Porto)	8
3	Manuel Costa (Bf.)	1
4	V. Tenazinha (Sp.)	1

— A «ÁGUA DA BELA VISTA» À FRENTE DAS ÁGUAS DE MESA

A VENDA EM TODO O PAIS EM LISBOA:
LISÁGUA DISTRIBUI
Pedidos — Telefs 553336 - 553809

De vez em quando

Desde o tempo dos populares Companheiros da Alegria (ou desde o tempo em que o «Diário de Lisboa» descobriu um galã?) **tem sido longa e nem sempre fácil a tarefa que Igrejas Caeiro a si próprio se impôs, em prol da arte de representar, no palco ou ao microfone. Agora, o seu nome aparece ligado à construção e exploração de uma nova casa de espectáculos destinada à arte de Talma. Dinâmico, persistente, o «companheiiiro amigooo» conseguiu que o deixassem fazer um teatro. Oxalá aconteça o mesmo quando quiser fazer Teatro.**

V. D.

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava limpo e o vento era fraco ou havia calma

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Fonte Boa, 39°; mínima: P. Salgadas, 2°,5

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Penhas Douradas e Funchal, 22°; Lisboa e Porto, 25°; Coimbra e Portalegre, 26° Faro, 27°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 23°,5; na água do mar, 18°

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo, excepto na faixa costeira ocidental, onde podem ocorrer períodos de céu muito nublado ou bancos de nevoeiro, em especial durante a madrugada e manhã. Vento geralmente fraco.

Amanhã
Nascer às 6 e 57
Ocaso às 20 e 23

Dia 27 Dia 3 Dia 11 Dia 19

MARÉS.

PREIA-MAR: Dia 21 — 9 e 38 (3,4 m); 22 e 18 (3,3 m). Dia 22 — 11 e 02 (3,3 m); 23 e 50 (3,2 m). Dia 23 — 12 e 40 (3,4 m). BAIXA-MAR: Dia 21 — 3 e 08 (1,5 m); 15 e 50 (1,6 m). Dia 22 — 4 e 25 (1,7 m); 17 e 21 (1,7 m) Dia 23 — 6 e 01 (1,7 m); 18 e 50 (1,5 m).

A REUNIÃO DO MUNICÍPIO

(Continuação da 1.ª página)

blica? Quando prosseguem as obras do Metropolitano para além da zona dos Anjos?

O sr. general França Borges, quanto á primeira pergunta disse que a Câmara já tinha concluído o projecto e contratado um empreiteiro.

— *O ministro das Comunicações* — sublinhou — *está de acordo com o projecto, mas a Direcção-Geral dos Transportes Terrestres deseja examiná-lo em questões de pormenor. Temos de aguardar a decisão desse departamento oficial.*

Quanto á segunda pergunta do sr. eng.º Santos e Castro, o presidente do Município elucidou que o prosseguimento das obras do Metropolitano, na zona dos Anjos, depende, agora, da Companhia Carris.

— *Espera-se que a Companhia remova as linhas do centro para a periferia da Avenida Almirante Reis. Só então é que o Metropolitano poderá prosseguir com as obras* — disse o general França Borges.

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por HENRIQUE DIAS GUERREIRO (Herdeiros) — Praça Marquês de Pombal, 21

CASTELÕES
AMANTEIGADO
PASTEURIZADO
UM QUEIJO DE QUALIDADE

CAMPO PEQUENO
M/6 anos
HOJE, ÀS 22 HORAS

SENSACIONAL COMPETIÇÃO LUSO-ESPANHOLA DE TOUREIO A CAVALO
MANUEL CONDE
F. ANDRADE SALGUEIRO
ANGEL PERALTA
RAFAEL PERALTA
FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM
comandados por José Manuel do Souto Barreiros
6 - TOIROS DE CABRAL DE ASCENSÃO E TOMÁS DA COSTA - 6
Telefs 771819, 761539, 321712 e 30769

Externato SÁ DE MIRANDA
ENSINO PRIMÁRIO
CICLO PREPARATÓRIO E LICEAL
DIURNO — NOCTURNO
RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 (A AL REIS)
Telef.: Secret. 45310 — Direcção 537532

LIVROS ESPANHÓIS
7.000 livros técnicos e científicos
Cem editores representados
LIVRARIA TORRENS
RUA ANTERO DE QUENTAL, 14-A

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 576/21 DE AGOSTO DE 1969

Nas centrais:

NUNO FILIPE TIRA A VIOLA DO SACO

(Entrevista conduzida por José Duarte)

Um grande pensador:

GILLES DELEUZE

IMPORTA-NOS DESCOBRIR na multiplicidade dos textos em circulação aqueles que se inserem na conjuntura teórica e nela vão deixar a sua inapagável marca. São elas que acabarão por suscitar os ataques conjugados e as resistências encarniçadas — eixos de polémicas que, promovendo-os, não os atingem. O grande pensador, disse algures Heidegger, passa no seu tempo indiferente aos elogios e ás reservas — mas são os elogios e as reservas que rasgam o lugar da sua passagem.

Já hoje é fácil assinalar no horizonte textual dos nossos dias a presença de um Chomsky, de um Marcuse ou de um Bataille. Divulgados, degradados, explotados, saturados, são agora autores que indiscutivelmente se elevam na sua irretibilidade. Só muito lentamente as cicatrizes se diluem. Algumas permanecem como feridas insuturáveis. Mas o que conta é descobrir o momento da incisão — quando o pensamento grava na obscuridade as inscrições onde a mudança se escreve. Devemos hoje aprender a ler Walter Benjamin, Norman Brown, Kolakowsky, Michel Serres ou Blanchot. São nomes no limite do amanhã. E desde já, decisivo e insubstituivel, o nome de Gilles Deleuze.

A obra de Deleuze é ampla. Contudo, o seu significado global só agora aparece em toda a sua intensidade. Em 1953, publicava um estudo sobre Hume, *Empirisme et subjectivité*. Depois, em 62, surgia *Nietzsche et la philosophie*, obra verdadeiramente revolucionária, que confrontava pela pimeira vez Deleuzse com o *seu* autor fundamental: era uma leitura *intempestiva* de Nietzsche, que anunciava todos os grandes temas de livros futuros, e acentuava já a orientação *antidialéctica* deste pensamento. *Em 63 e 66, Deleuze publicou*, num estilo neutro e preciso de um tratado filosófico, algumas pequenas obras de intenção pedagógica: *La philosophie critique de Kant* e *Le bergsonisme*. Aparecia entretanto um ensaio literário (que Philippe Sollers soube a seu tempo pôr em relevo em páginas de *Tel Quel*): *Marcel Proust et les signes*. Já em 67, apresentava a obra de Sacher-Masoch, com um longo prefácio de temática psicanalítica, inspirado em Bataille, Lacan, etc. A distinção mais gritante (e discutível) era a de que Deleuze estabelecia entre o masoquismo e o sadismo. Mas esse texto propunha alguns principios fundamentais para uma relacionação profunda da literatura, do erotismo e da pornografia. No entanto, tudo isto ficaria como um pensameno impreciso e desfocado se, em 69, Deleuze não publicasse mais três livros capitais. Um deles, *Spinoza et le problème de l'expression*, pertence ainda ao domínio algo árido da história da filosofia. Os outros dois — os que mais nos interesam — são *Différence et répétition* e *Logique du sens*.

Um dos grandes méritos de Deleuze é talvez este: ele sabe envolver numa síntese plenamente *autónoma e pessoal* os grandes temas da filosofia contemporânea. Alguns habituaram-se a designar uma tal problemática por «estruturalismo», expressão certamente insuficiente e inadequada. Contudo, «estruturalismo» tem a 'vantagem de *designar* o que de outro modo permaneceria desagregado e informe. Não haverá provàvelmente um «estruturalismo» (fora do dominio linguístico, embora mesmo ai confusamente, e dos principios metodológicos de um Lévi-Strauss), mas há na filosofia actual um *antes* e um *depois* do «estruturalismo» que se não pode ignorar.

Deleuze procura definir, em dada altura da sua admirável *Logique du sens*, a noção de *estrutura* de um modo rigoroso: «1.º) É preciso pelo menos duas séries heterogéneas, em que uma será determinada como «significante» e outra como «significado» (nunca uma só série basta para formar uma estrutura). 2.º) Cada uma das séries é constituída por termos que só existem pelas relações que estabelecem uns com outros. A estas relações, ou sobretudo, aos valores destas relações, correspondem acontecimentos muito particulares, isto é, *singularidades* assinaláveis na estrutura. (...) 3.º) As duas séries heterogéneas convergem para um elemento paradoxal, que é como que o seu «diferenciante». Este elemento não pertence a nnhuma série, ou melhor, pertence ás duas ao msmo tempo e não deixa de circular entre elas. Assim tem ele por propriedade estar sempre deslocado em relação a si próprio, de «faltar no seu devido lugar», de falhar a sua identidade, a sua própria semelhança, o seu próprio equilíbrio».

Donde — conclusão essencial — não há «estruturalismo» sem casa vazia, sem um vazio activo que promove o funcionamento da estrutura. Esta função dum

(Continua na página seguinte)

Eduardo Prado Coelho

ANACAMPANHA EM REFRESCO

por Ana Hatherly

COMO DIZIA o Senhor J. F. Revel — autor que não prezo particularmente e apenas cito por ser ele um crítico que critica a crítica — como dizia o Senhor J. F. Revel: «Se a moral, as posições teóricas e religiosas, os «partis pris» estéticos e as carreiras pessoais estivessem sempre de harmonia com as etiquetas políticas, por outras palavras, se todas as etiquetas políticas correspondessem à realidade, sem dúvida todas as revoluções em breve estariam feitas» (1).

Esta notória sentença escreveu-a o Senhor J. F. Revel a propósito da síntese do imobilismo e do movimento e é particularmente interessante para a questão que neste momento me ocupa. Devo esclarecer, porém, e desde já, que não é meu intuito desenvolver os temas que nesta citação aparecem apontados. Na verdade, desejo apenas pôr em relevo a constante presente ambiguidade de todas as afirmações, por um lado, por outro, salientar o carácter de agressão subjacente a todos os actos, particularmente — como não poderia deixar de ser — os polémicos (atenção à etimologia!).

Dizia, ainda, o Senhor J. F. Revel: «Essa tendência cada vez mais corrente (...) para confundir a crítica e a agressão, a dúvida motivada e a declamação inútil, equivale a uma conduta irracional (...) e explica-se, talvez, nos universitários, pelo hábito de sempre terem perante si ou inimigos ou alunos. Entre a guerra aberta e a submissão total já não subsiste margem alguma para a discussão fundada, bem ou mal, mas apenas tomando em consideração as *ideias* expressas numa obra» (2).

Esta afirmação é, sem dúvida, interessante e pertinente. Pessoalmente — mas creio ser isto do domínio da observação comum — não posso senão verificar o latente e objectivado estado polémico (atenção à etimologia!) em que sempre vivem os individuos e que é, parece, condição da sua sobrevivência.

Por isso: qual não é a nossa contribuição para o permanente «deinò pólemos»?

«Vencemos» o meio; impomo-nos pelas nossas «armas»; pelo «manejo» delas; pela nossa «destreza» no «combate desigual» com a Natureza; somos os eternos «guerreiros» (políticos, polémicos); vivemos em estado de «luta»; vivemos «combatendo», «combatendo-nos»; vivemos ou morremos «vencendo, vencidos, vencedores, derrotados, heròicamente, gloriosamente, infamemente, covardemente, corajosamente»; estamos sempre na «vanguarda, na retaguarda, na frente, no campo, em qualquer campo, tomando posição, posições de ataque, defesa, em manobras, estratègicamente avançando, recuando, fileirados» (já Denis de Rougemont, no seu livro «O Amor e o Ocidente», se dedicava, no capítulo V, ao estudo do paralelismo entre as formas e as técnicas do amor e da guerra).

Não nos devemos, pois, surpreender (ser «tomados», «assaltados», pela surpresa) que a todo o instante nos vejamos lançados em extensas pelejas, duras batalhas, enormes contendas; que nos firam; que sejamos atingidos; que nos descubram vulneráveis; que sejamos alvo de estratégias e simultâneamente sejamos vitimas dela ou delas, seus prisioneiros, mantidos por vezes longamente como reféns que esperam resgate que por vezes tanto tarda. *Et coetera.*

Na verdade, esse aspecto de que J. F. Revel fala com tanta propriedade — esse de se confundir crítica e agressão — não vejo todavia como seria possivel enunciá-lo diferentemente.

É por isso que neste momento de repouso em que as minhas campanhas são apenas de refresco, pensei debruçar-me sobre o simbólico — esta palavra é totalmente inadequada aqui — combate que Balzac travou, com grande sanha, contra os críticos, numa época em que o elegante e intimista costume do duelo coexistia com a guerra aberta, com a ruidosa e plebeia batalha publica, esse longo litigio entre autores e críticos, essa campanha que parece interminável, pois, na verdade, como dizia ainda J. F. Revel: «Para onde se dirigiria uma sociedade em que (por exemplo) os arquitectos fossem revolucionários em tudo, excepto em arquitectura»? (3).

Balzac (num busto de Rodin): classificação dos críticos...

A sociedade não se divide em homens terríveis e em homens de bem, diz Ernst

(Continua na página seguinte)

Um grande pensador: Gilles Deleuze

(Continuação da pág. anterior)

vazio produtor, definido como elemento paradoxal e inapreensível, é uma das noções fundamentais do pensamento contemporâneo.

Procurando definir o que há de comum entre os vários autores que se convencionou chamar «estruturalistas», Deleuze aponta este motivo essencial: para eles, o senido não é aparência, mas um efeito de superfície e de posição, produzido pela circulação de uma casa vazia nas séries da estrutura (lugar do morto, lugar do rei, mancha cega, significante flutuante, valor zero, causa ausente, etc.). A importância de «estruturalismo» consiste em deslocar as fronteiras. Entre aqueles que atribuem a origem do sentido a uma nova transcendência e aqueles que encontram o sentido nas profundidades insondáveis do homem, entre aqueles que falam de Deus-homem e aqueles que se voltam para um Homem-deus, o «estruturalismo» impõe uma outra distribuição de funções: o sentido não surge como princípio ou origem, mas como produto — produzido por um efeito de não-sentido.

E assim: «uma casa vazia que não é nem para o homem nem para Deus; singularidades que não são nem da ordem do geral nem da ordem do individual, nem pessoais nem universais; tudo isto atravessado por circulações, ecos, acontecimentos, que produzem mais sentido e liberdade, mais efectividades do que o homem soube alguma vez sonhar e Deus alguma vez conceber. Fazer circular a casa vazia, e fazer falar as singularidades pré-individuais e não pessoais, isto é, produzir o sentido, é a grande tarefa de hoje.»

A importância de Deleuze deriva da multiplicidade de perspectivas que a sua problemática indica. É toda a definição da modernidade que está em causa. Por um lado, é uma reflexão sobre as questões da linguagem e de sentido, reflexão alicerçada no estudo dos positivistas lógicos. Por outro lado, é uma análise de alguns dos grandes autores da literatura contemporânea: de Fitzgerald a Gombrowics. Ou ainda: uma valorização do pensamento estóico. Ou ainda: uma desmitificação admirável do senso comum e do bom senso como valores da ordem estabelecida. Ou ainda: uma análise invulgarmente subtil da importância da superfície (o mais profundo é a pele) e de sua relação com a perversidade (a perversão é o percurso das superfícies). Ou ainda: um aproveitamento magistral da interpretação anti-hegeliana que Althusser faz de Marx — rejeitando todas as críticas antropológicas-humanistas-reformistas e o seu cortejo de medíocres banalidades. Ou ainda: uma leitura excepcionalmente profunda da psicanálise, integrando nos seus lugares exactos as obras de Mélanie Klein e de Jacques Lacan. Ou ainda: uma proposta para uma história da filosofia como processo de libertação progressiva em relação ao domínio da representação, domínio que, fundamentado no platonismo, se estende de Aristóteles a Hegel, numa constante afirmação da soberania do Mesmo e do poder do Semelhante. E daí uma valorização do Eterno Retorno como momento de ruptura decisiva e radical. O Eterno Retorno não é o retorno do Mesmo (categoria nuclear da representação), mas, como destruição de todas as identidades, é a afirmação irradiante da Diferença: das singularidades nómadas, das anarquias coroadas. O sentido é constituído pelas singularidades pré-individuais, pelas intensidades que, debruçando-se sobre si próprias, se tornam intencionais. O movimento de afirmação da intensidade que se repete na sua diferença itinerante é a circulação do sentido. E a circulação de sentido aparece como Eterno Retorno. O sujeito do Eterno Retorno é a intensidade não-pessoal. Para Deleuze o Eterno Retorno não é o retorno do Mesmo mas afirmação de um Mesmo que se afirma em tudo o que em si difere: «círculo sempre descentrado para uma circunferência excêntrica. O Eterno Retorno é Coerência, mas uma coerência que não deixa subsistir a minha, a do mundo, a de Deus.»

É esta a força exaltante de um pensamento invulgar, de uma filosofia da afirmação, que atacando todo o imperialismo da representação e da identidade do eu, do mundo e de Deus, nos propõe um universo de singularidades, simulacros e fantasmas que se distribuem incessantemente na sua terrível alegria. A radicalidade deste pensamento mede-se pelo modo como ele apreende e articula as mensagens de Nietzsche, de Marx e de Freud, intensificando-as até ao limiar da loucura — porque a loucura é, como diz Klossowski, «a perda do mundo e de nós próprios em nome de um conhecimento sem começo nem fim».

EDUARDO PRADO COELHO

Anacampanha

(Continuação da pág. anterior)

Junger (4). Cultivemos por isso a divergência, de outro modo achar-nos-emos talvez como aquele leão que mordeu um anagrama... (5)

Balzac, bem longe do espírito de «Seraphita», faz uma classificação rigorosa das «espécies» de críticos que ele consegue identificar no seu tempo. São eles: (6).

a) O crítico de Velha Cepa
b) O Jovem Crítico Loiro
c) O Grande Crítico
d) O Folhetinista
e) Os Jornalistazinhos

Eis como Balzac os descreve:

(EXCERTOS)

Introdução ao género: *Os caracteres gerais do crítico são essencialmente notáveis por isto: existe em todo o crítico um autor impotente.*

Axioma: *O crítico hoje em dia só serve para uma coisa: para fazer viver o crítico.*

a) O Crítico da Velha Cepa. Duas Variedades:
1) O Universitário
2) O Mundano

1) O Universitário: Este crítico, pouco fecundo, pega num livro, lê-o, estuda-o, apercebe o pensamento do autor, examina-o sob o triplice aspecto da ideia, da execução e do estilo. Ao fim de um mês escreve os seus três artigos, analisando préviamente a obra em si. Faz a sua crítica como Boulle fazia os seus móveis. (...) Não tem ambições, tem reforma, governanta, ama a juventude, profetisa o sucesso e engana-se sempre. (Esta espécie é práticamente desconhecida entre nós. N. T.)

2) O Mundano: Esse vive de acordo com a sua epoca, admirando-se embora do andamento das coisas. pode-se encontrá-lo, no estado passivo de um pássaro empalhado, paseando pelas ruas (...) Enfim, esse crítico tem uma vantagem: já não escreve; esconde o seu desdém pelas obras contemporaneas sob uma capa de delicada cortesia... (Esta espécie também não é muito conhecida entre nós. N. T.)

b) O Jovem crítico Loiro Variedades: O Negador, o Farçante, o Turiferário

(Não vale a pena insistir. Entre nós, os críticos loiros são todos morenos (N. T.)

c) O Grande Crítico Variedades: 1) O executor das grandes obras
2) O Eufuista

O Executor das Grandes Obras: O crítico explica-se numa só palavra: o tédio. Esse moço está aborrecido e tenta aborrecer os outros. A sua base é a inveja; mas dá grandes proporções á sua inveja e ao seu entediamento... É soberbo e desdenhoso; atêm-se aos seus juizos, debita-os sem recurso... (Esta espécie está muito valorizada nesta sistemática. N. T.)

O Eufuista: Este outro grande crítico é nebuloso e algodoado. Procede por frases semelhantes ás praticadas pelos espiritos brilhantes da corte isabelina. De ai o seu nome. (...segue-se uma longa dissertação N. T.) *Deixemos esse crítico pueril (...) Antes receber um golpe de cimitarra do que morrer entre dois colchões de algodão em rama.* (Esta espécie está quase em estado de aplicação. N. T.)

d) O Folhetinista

O Folhetinista: Os folhetinistas digam o que disserem, têm uma vida alegre: reinam nos teatros; são acarinhados, acariciados! Mas queixam-se do numero crescente de estreias a que assistem em bons camarotes, com suas amigas. (Não está mal, mas talvez se exagere quanto aos camarotes. N. T.)

e) Os Jornalistazinhos Cinco variedades: O Bravo, o Gracejante, o Pescador, o anónimo, El Guerillero

(Súmula): *Esses moços valorosos acham que a graça dispensa o pensamento.* (Estas espécies são excessivamente conhecidas? N. T.)

Axioma: Não há polícia correccional para a calúnia e a difamação das ideias.

A França tem duas faces. Eminentemente militar em tempo de guerra, é igualmente poderosa em tempo de paz pelas suas ideias. A pena e a espada: eis as suas duas armas favoritas.

ANA HATHERLY

J. F. Revel: crítica à crítica

(1) La Cabale des Devots, J. J. Pauvert
(2) Idem
(3) Idem
(4) Le Noeud Gordien, Éditions du Rocher
(5) Há tempos, falando com uma pessoa amiga acerca do problema da crítica, foi-nos possível concluir que era conveniente absterem-se os autores de criticarem os críticos, porque nesse acto são automàticamente apoiados por todos os medíocres, que não têm opinião própria, nem obra própria, etc.
(6) Balzac, Monographie de la Presse Parisienne, J. J. Pauvert

O tesouro na gaveta...
Faqueiros de Prata
TOPÁZIO
duplamente trabalhados
valem cada vez mais
Vendem as melhores Ourivesarias

«... & Artes»

DISTRIBUÍDO o n.º 269 do «novo» «Letras & Artes». Mantém-se o núcleo de redactores (A. Seixas Santos, A. P. Vasconcelos, Fernando Pernes, João Paes e Manuel Gusmão), o artista encarregado da concepção gráfica (Manuel Simões) e o mesmíssimo director, Azevedo Martins. Nestas colunas saudámos, em primeira mão e com devido relevo, o reaparecimento (em novo figurino, indubitàvelmente mais cuidado e atractivo) do mensário cultural que já fora semanário e ocupara, por isso mais que não fosse, posição única no panorama lusitano das artes e das letras. O dever da informação foi-nos compensado através de cartas anónimas em que se nos apontava o erro próprio das malfadadas gralhas, procurando-se por tal via desautorizar o nosso apontamento (ou alvitre julgado útil) quanto às gralhas da revista que por ser mensal e apresentada com requinte deveria esforçar-se por eliminá-las.

Pois este n.º 269, que segundo a nota da Redacção (intitulada «Vita Nuova») «traduz uma melhoria no equilíbrio dos assuntos, na atenção crítica a tudo o que se passa e também uma correcção nalguns pontos mais vulneráveis da apresentação», inclui a repetição das páginas 17, 18, 39 e 40, à falta de apresentar as páginas 19, 20, 37 e 38 — infelicidade técnica que sabemos não circunscrita apenas ao exemplar que temos na secretária com pedido de referência.

Continuando a dar forte relevo à música, às artes plásticas e ao cinema (em detrimento, convenhamos, dos assuntos relacionados com as «letras»), o «Letras & Artes» inicia uma secção de rápida leitura — «Pare, Escute e Olhe» — que, ainda segundo a nota «Vita Nuova», «nos parece resolver por agora o problema da intervenção crítica imediata no que se pode ler, ver e ouvir entre nós durante o mês a que a revista diz respeito». Infelizmente, temos a registar um erro na referência ao livro «Versus in Versus», de Melo e Castro: não valendo a pena lê-lo, aconselha-se a leitura de «Queda Imóvel», do mesmo autor, livro publicado na colecção «Pedras Brancas» em 1969; ora o livro chama-se realmente «Queda Livre» e foi publicado em 1961.

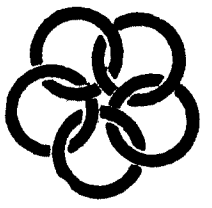
Torna-se evidente que as falhas apontadas não fazem diminuir (apenas empalidecem) o real interesse (agora mais vivo e proposto á intervenção) da revista de Azevedo Martins. Digamos que o «Letras & Artes» está na sua infância. «A suivre».

S. L.

«Península», 3

COM UM SUMÁRIO onde avultam os nomes prestigiados de Fernando Namora e Félix Cucurull, saiu recentemente o terceiro número dos cadernos culturais *península* (Julho, 1969), de cujos n.os anteriores nestas colunas fizemos referência.

Iniciativa a todos os títulos digna de encómios, *península* tenta preencher (ou contribuir para) o estranho hiato que as relações culturais entre Portugal e Espanha atravessam. Lê-se ali, por exemplo, no artigo de abertura assinado por Juan Eduardo Zúñiga, que «o leitor espanhol revela indiferença pelas obras portuguesas, em parte porque ignora o que se escreve em Portugal». E adiante: «Os editores espanhóis negam-se, na maioria, sem ver sequer os originais, a publicar traduções de obras portuguesas porque, dizem, não há leitores para elas». Círculo vicioso. Para o qual, alvitramos discretamente daqui, *península* talvez com mais facilidade o conseguisse romper se fosse *bilingue* (pelo menos, em português e castelhano; se possível ainda uma terceira versão catalã. Aliás, e graças à



persistente actividade de Félix Cucurull, os modernos autores portugueses têm tido na Catalunha uma projecção dignificante).

Outra solução (ou alvitre nosso): uma publicação congénere, *gémea* digamos assim, da *península*, em castelhano e largamente divulgada pelo país vizinho. Nem que para essa meritória obra de aproximação cultural houvesse que se recorrer a entidades oficiais ou oficiosas.

De qualquer modo, apraz-nos saudar o esforço dos organizadores da *península* (coordenação de J. Santos Chambino e José de Azevedo) e destacar desta sua terceira edição o conto «*Un home que sabia de caseque todo*», do escritor galego Marcial Suárez; artigos de Sérgio Ribeiro, João Palma-Ferreira («A posição norte-americana acerca dos problemas da guerra e da paz») e «Para a formação de Homem» (poemas? imagética psicadélica?), de Fernando Assis Pacheco, além de uma transcrição de *Pátria Esquecida*, de João de Barros, figura que não é demais recordar desde que se tenha em mira, como *península* se propõe, uma reaproximação (ou progressivo, mútuo reconhecimento) à escala ibérica.

L. R.

Trajecto de uma Galeria

por Rocha de Sousa

EM DIFERENTES oportunidades, conforme a importancia e o programa das exposições, aqui nos temos referido ao papel desempenhado por certas galerias na definição de uma atitude nova na pintura portuguesa em ordem a uma perspectiva decidida por autores jovens. Para além dos salões colectivos que perseguiam fins semelhantes e se malograram em face da multiplicação das fontes distribuidoras, há que assinalar efectivamente o trabalho de galerias como a Quadrante, sobretudo em referência a exposições que comparativamente têm situado grupos de artistas jovens no domínio publico, tornando quase sempre polémica a sua intervenção. Nesse sentido, a acção da Galeria Quadrante permanece fiel ao tom inicial e justifica amplamente o nosso interesse. As notas aqui regularmente estabelecidas a esse respeito, inscrevendo-se num trabalho jornalístico de comentário e notícia elaborado sobre a hora, nunca esgotaram as incidências acima apontadas e devemos reconhecer que o seu processo tem de ser feito com o tempo, a fim de que o confronto se estabeleça e a história se cumpra. Cabe aos jornais, com efeito e em grande medida, uma parte substancial desse trabalho.

A GALERIA 111

Também algumas vezes aqui se desenvolveram comentários a exposições da Galeria 111 e aí se focaram as características gerais da produção de jovens autores. Sendo a Galeria 111 uma das mais antigas de Lisboa, em relação ao processo aberto há alguns anos no quadro da actividade artística em Portugal, é justo e é necessário incluí-la no panorama das decisões que têm facultado a autores recentes uma forma digna e eficaz de apresentarem as suas propostas, confrontando-se em igualdade de direitos com artistas de cotação reconhecida junto do publico e da crítica.

Criner y Dintel: 1.ª exp. individual na «111»

O folheto «50 EXPOSIÇÕES», editado pela Galeria 111, é bem elucidativo de um curriculum muito vasto, iniciado em 3 de Fevereiro de 1964, no qual se reconhece, como aliás tem sido divulgado nestas colunas, um critério de selecção e de dignidade sempre coerente com as condições do mercado e a justa promoção dos autores. É conveniente acrescentar-se que a Galeria 111 é das poucas galerias portuguesas, senão a unica, que consegue manter um programa activo e simultaneamente desenvolver um volume de vendas que nada tem de simbólico. É evidente que essa circunstancia decorre de uma experiência de direcção muito particular, responsàvelmente assumida por Manuel de Brito e posta em termos que, em medida do programa traçado, diferem de outras experiências conhecidas, como a da Galeria S. Mamede.

PERFIL DE UMA ACÇÃO

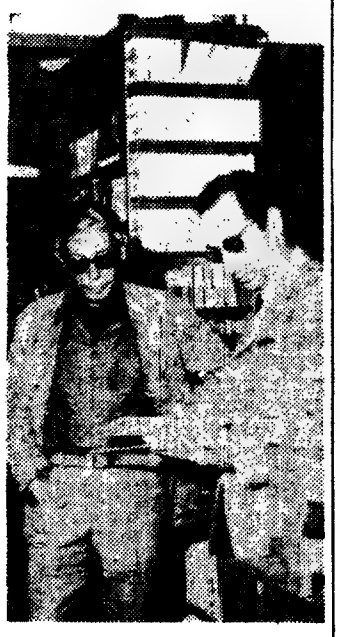
Documentando mais precisa e objectivamente a actividade da Galeria 111, é conveniente dizer-se que nela fizeram as suas primeiras exposições individuais 11 artistas, alguns deles hoje justamente qualificados: Joaquim Bravo (pinturas); Paolo (pinturas)»; Santa Bárbara (desenhos); António Sena (guachos e desenhos); Ferreira da Silva (ceramicas); Henrique Manuel (desenhos); Luís Ralha (esmaltes); Dintel (desenhos e gravuras); Manuela Jorge (gravuras); Lapa (pinturas) e E. M. de Melo e Castro (poemas cinéticos).

No plano de uma divulgação em Lisboa de autores já iniciados ou não, o curriculum da Galeria 111 atinge 54 exposições até á presente temporada. No entanto, em primeira exposição em Lisboa, cabe a esta galeria a apresentação dos seguintes artistas: Charles Gordon (pinturas); Angelo de Sousa (pinturas); Jurgen Claus (desenhos e guaches); Rocha Miranda (desenhos e guaches); Henrique Ruivo (pinturas e colagens) e Appel (litografias).

Se registarmos as segundas exposições individuais de alguns autores, poderemos verificar, não apenas a continuidade do critério de promoção de uma arte praticada por jovens, como também a atenção conferida a outros artistas em idênticas condições de afirmação já divulgados noutros lugares: Maria Velez (colagens); António Sena (desenhos e pinturas); Henrique Manuel (desenhos); Palolo (pinturas); Aldina (pinturas); Noronha da Costa (pinturas); Manuela Jorge (gravuras) e Manuel Casimiro (desenhos)

A actividade da Galeria 111 em matéria de exposições colectivas é restrita, mas isso deve-se com certeza a motivos de ordem técnica, já que o espaço de que dispunha até há relativamente pouco tempo era bastante reduzido. Nessa medida, só António Aragão e E. M. de Melo e Castro ali associaram a sua produção, na temporada de 1964-65. É razoável pensar-se que dentro em breve, com as novas instalações da cave, a Galeria 111 possa decidir um programa de exposições colectivas cujo carácter contribua para o confronto sempre necessário entre artistas de natureza semelhante ou oposta. A ressonancia de exposições desse tipo é manifesta junto do publico. No domínio da cultura, elas são cada vez mais importantes quando estabelecidas com a devida estruturação didáctica. Trata-se portanto de uma rentabilidade dupla que importa considerar.

Do exposto neste inventário sucinto, sobretudo orientado na perspectiva que inicialmente se esboçou (a de uma atenção dirigida aos autores novos) se conclui ter

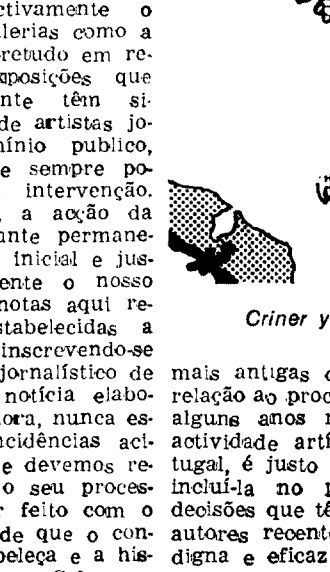


M. de Brito («111») com Pomar

a Galeria 111 um papel significativo na história da geração de artistas mais recentes e alguns nomes poderiam, desde já, ser apontados com relativa segurança. Esta constatação, inscrita nas nossas preocupações de registar publicamente o que se vai cumprindo no domínio em referência, prolonga inevitàvelmente os factos já apontados nestas páginas e não exclui outros, embora esporádicos, que se têm verificado noutras galerias e instituições particulares ou oficiais. O balanço da nossa própria actividade nesta página, desenvolvida apenas ao longo de uma temporada e não deixando de ser omisso em certos aspectos, é com certeza prova de que alguma coisa mais viva e temporalmente mais definida tem acontecido no nosso País. A avaliação desse fenómeno não cabe na nossa pretensão, mas aqui se têm anotado, tão completamente e tão oportunamente quanto possível, as acções tanto dos artistas como das galerias, empresas ou instituições a eles ligadas. A história completa-se pelo diálogo e com a ajuda de todos.

Paul Éluard

DE UM E DE DOIS, DE TODOS



Sou o espectador o actor e o autor
Sou a mulher o marido e o filho
E o primeiro amor e o derradeiro amor
E o furtivo transeunte e o amor confundido

E de novo a mulher seu leito e seu vestido
E seus braços partilhados e o trabalho do homem
E seu prazer em flecha e a fêmea ondulação
Simples e dupla a carne nunca se exila

Pois onde começa um corpo ganho eu forma e cons-[ciência
E mesmo quando na morte um corpo se desfaz
Eu repouso em seu cadinho desposo o seu tormento
Sua infâmia me honra o coração e a vida.

(Poema traduzido de «Corps Mémorable» (1948) e incluído no volume antológico «Algumas das Palavras», recentemente dado à estampa pelas Publicações Dom Quixote nos seus «Cadernos de Poesia». A antologia, que consagra um dos mais importantes poetas do nosso tempo e figura cimeira do movimento surrealista francês, foi organizada e prefaciada por António Ramos Rosa, que também se encarregou da tradução juntamente com Luiza Neto Jorge.)

Biografia dum cadáver

A AMÉRICA não esqueceu Marilyn. Regularmente sucedem-se os livros (geralmente mais romanescos que pròpriamente críticos) sobre a vida a um tempo gloriosa e dramática daquela que consubstanciou, durante alguns anos, o sonho (erótico) americano. A sobrecarga mítica de Marilyn, explorada em vida da actriz até ao extremo da impiedade, prolonga-se agora em livros e livrinhos mais ou menos gemebundos (pobre Norman Jean!...) que, é certo e sabido, mais se debruçam sobre o «caso humano» da peça rejeitada pela engrenagem (social) que sobre as fundas motivações de tal rejeição — esta, aliás, assumida pela actriz com uma dignidade verdadeiramente exemplar, até às últimas e as mais drásticas consequências.

O mito de Marilyn (mito sexual inicialmente alimentado pelo escarcéu feito à volta de um calendário colorido, e depois mito-da-pobre-artista-coitadinha-que-foi-infeliz-nos-amores-e-até-se-suicidou) continua pois a dar dinheiro a escribas e editores oportunistas na sua aparente «nostalgia» ou na sua real má-consciência.

A mais recente biografia de Norma Jean, escrita por Fred Lawrence Guiles e publicada pela editora nova-iorquina McGraw-Hill Book Company (mais de 250 escudos de preço de capa lá...), procura furtar-se ao já tradicional esquema romanesco. Os factos são mais interessantes que as fantasias — eis o princípio seguido por Fred Guiles através de uma linguagem pretendida documental, fria e desapaixonada. E assim é que o cadáver de Marilyn surge de novo sujeito a autópsia.

Resta o que já se sabe: a deusa nasceu Norma Jean Mortensen; a mãe viveu durante algum tempo em Hollywood, onde trabalhou nos laboratórios das Consolidated Film Industries; o pai não se sabe quem foi; Norman Jean, criança, andou de Herodes para Pilatos, de orfanatos para lares adoptivos; conheceu a loucura familiar e a ríspida religiosidade das gentes da Califórnia do Sul; no entanto «era simpática e teve mais do que a sua dose de carinho», «estava acima da média em beleza, espírito, inteligência e manejo das emoções» — requisitos para a ascensão que foi observada mesmo ao nível dos seus três casamentos (do anónimo James Dougherty ao famoso escritor Arthur Miller, passando pelo ídolo do «baseball» Joe Di Maggio); já chamada Marilyn Monroe conheceu uma carreira triunfal até que foi despedida pela Fox, que na altura investia todo o seu capital (não só de confiança) em Liz Taylor; a sua generosidade emocional para com os homens valeu-lhe a implacável perseguição das ligas feministas; a rebeldia contra Hollywood (e a favor das «élites» intelectuais capitaneadas por Miller e Strasberg) não foi perdoada pelos ex-donos e senhores; Eisenhower estava no poder, o puritanismo e a repressão também — paisagem pouco propícia à explosiva franqueza do ídolo que queria «regressar» à condição humana; Marilyn não conseguiu morrer Norma Jean: suicidou-se (dose excessiva de barbitúricos) num fim-de-semana qualquer de Agosto de 1962.

Para a sua autópsia, Guiles pediu o testemunho dos três maridos da vedeta: Joe Di Maggio não colaborou — e os outros não ultrapassaram um tom abafado de câmara-ardente. Assim, o livro é gradualmente impregnado de uma beatice que por fim resulta em hipocrisia declarada. Autopsiada a frio, de fora e a níveis muito superficiais (por exemplo: Guiles nunca analisa o paradoxo de a Fox ter despedido Marilyn por um comportamento muito menos escandaloso que o de Liz Taylor no «plateau» de «Cleopatra»...). Norma Jean-Marilyn Monroe mostra um cadáver desinteressante e — pior! — insignificativo. Eis como, mesmo sem recurso a fantasias, se pode mentir. É que um bisturi não chega para se atingir a verdade de um sonho. Uma única fotografia de Marilyn (pode servir aquela do filme «The Seven Year Itch» em que a vedeta procura baixar a saia rebelde) bate aos pontos, em expressão e carga emocional, qualquer relato biográfico secamente «objectivo».

R. T.

TERTÚLIA DO LIVRO

Acaba de ser entregue a 1.ª obra

«DICIONÁRIO INFERNAL»

de J. Collin de Plancy

Não perca mais tempo...
Faça a sua inscrição
Valorize a sua biblioteca

Galeria Panorama

Rua Luciano Cordeiro, 123, r/c., Dt.º
Telef. 53 90 24/5 **LISBOA**
Rua da Boavista, 43 **PORTO**

NUNO FILIPE TIRA A VIOLA DO SACO

entrevista conduzida por José Duarte

No momento em que se está assistindo, entre nós, a uma verdadeira inflação de novos nomes e novas fórmulas no domínio da chamada música ligeira, com baladeiros e trovadores que *bons ou maus* são outra coisa que Simones e Calvários, entendemos de interesse ouvir (e registar) o que pensam alguns dos vultos porventura mais representativos desse fenómeno poético-musical que alia as incidências culturais a uma renovada estratégia dos meios de comunicação para a conquista de um público consumidor mais preparado e exigente. Assim, o nosso colaborador José Duarte (o do «Jazz»...) inicia hoje, com Nuno Filipe, uma série de entrevistas que permitirão, *ao vivo*, o «tomar de pulso» a uma actividade (artística? comercial? ambas as coisas?) inscrita — e já contestada... — na *ordem do dia*. Ao leitor de julgar.

J. D. — Vamos começar pelo seu «curriculum»...

N. F. — Nasci numa aldeia perto de Aveiro, onde os meus avós tinham uma quinta. Há 22 anos. Vim para Lisboa com cerca de 7 anos e quase que fiz o 7.º ano. Arranjei um emprego chato, trabalho nos escritórios, nos serviços administrativos da R. T. P., por necessidade... Agora estou na tropa...

J. D. — E a música?...

N. F. — Gravei o primeiro disco para a Philips, um disco muito mau, uma Philips muito insipiente, em Março de 1968. A outra experiência foi em Outubro passado; o disco era pior que o primeiro, e o fracasso comercial foi ainda maior...

J. D. — Mas ninguém soube nada...

N. F. — É que os discos na Philips não foram lançados, mas sim *postos* no mercado. Fui eu que peguei no disco e corri os programas de rádio: «sou fulano de tal, gravei um disco». Fecharam-me muitas portas e a publicidade extra-rádio foi nula.

J. D. — Dai o fracasso...

N. F. — Um mau produto pode ser lançado e ser êxito comercial: para isso existem técnicas de publicidade, o trabalho do lançamento...

J. D. — E depois?

N. F. — Ao ser contactado pela Sonoplay, logo assentámos nos princípios em que a coisa seria feita: um tratamento muito cuidadoso no aspecto da produção e gravação. Estou-lhes muito grato — aliás, nem é estar grato, assim é que deve ser feito, porque senão é doméstico, artesanal, não interessa. Este meu terceiro disco já é um produto honesto, com a intenção de apresentar uma coisa bem feita.

J. D. — Nota-se em todas as suas gravações a constante Maria Teresa Horta, poetisa. Explique lá...

N. F. — A explicação tem de partir de bases domésticas. Tenho que associar imediatamente *poesia* à Teresa. Quando penso em poesia, penso nos títulos dos livros dela, nos seus poemas. Quando comecei a construir a minha personalidade, estava muito intimamente relacionado com o que ela fazia, com a sua maneira de ser.

J. D. — Mas porquê bases domésticas?

N. F. — Teresa é minha cunhada.

Aliás, desde a adolescência que me interessava por poesia: José Gomes Ferreira e Alexandre O'Neill. Tentava ser intelectual: lia livros, ia ao cinema, aparecia aos meus amigos com livros debaixo do braço, embora sentisse que a cultura não me interessava e que até preferia jogar à bola. Gostava sim de exibir superioridade. Hoje mais calmo, mais adulto, influenciado por meu irmão, pela Teresa, por outras pessoas, a cultura realmente interessa-me e considero Maria Teresa Horta, *a poetisa*, ainda mais importante. Os temas da Teresa são os que me interessam: a forma, o amor, a afectividade, a ternura da Teresa é o que me interessa. Da poesia da Teresa, entenda-se!

J. D. — Claro.

N. F. — Há todo um paralelo entre a poesia que ela faz, o que ela diz e aquilo que eu sinto.

J. D. — Para além da diferença entre os lançamentos comerciais, como se explica o insucesso dos seus 2 primeiros discos e a popularidade deste último, dado que em todos você compôs as melodias, cantou e a Maria Teresa Horta escreveu os poemas?

N. F. — A minha imaturidade na altura. Desde então cresci e cresceram os meus conhecimentos musicais, a minha cultura, a minha voz.

J. D. — E a cabeça?

N. F. — A cabeça também, claro.

J. D. — Acha que deve ser enquadrado nesta nova corrente de intérpretes e autores, amadores e jovens?

N. F. — Só pela intenção.

J. D. — ????

N. F. — Nós, eu, o Tordo, a Filarmónica Fraude, uma mocinha chamada Rita Olivais, enfim, uma série deles a quem adiro muito espontaneamente, a própria Tonicha na sua nova fase.

É a intenção que nos une.

J. D. — E a idade?

N. F. — ... Sim... sem dúvida, mas essa é uma inter-relação demasiado abstracta. As circunstancias que nos rodeiam é que são as mesmas. Mas reagimos musicalmente de maneira diferente. Nos Estados Unidos, na Inglaterra (países de tradição musical patente a toda a gente), quando «os bons» eram Pat Boone ou Elvis Presley, houve sempre uma produção de música muito séria, embora menos popular e comercial. Em Portugal, a unica música que se faz, se ouve, se vende é música mediocre. Nós, os novos que chegámos agora, não só por gostarmos de imitar o estrangeiro (Portugal sempre imitou o estrangeiro), como por termos exigido a nós próprios dar uma «patada» em tudo o mau que se está a fazer, temos que criar a partir do nada, ou seja, criar coisas absolutamente novas. É preciso pois que se repare na diferença da produção. A música dos nossos compatriotas é só pieguice, queixa, frustração.

J. D — Há, em Portugal, quem pretenda que a balada seja a salvação musical nacional...

N. F. — Não adiro. Gosto muito, muitíssimo, mas em música exijo sempre uma secção rítmica, um «beat». A balada só intelectualmente a posso preferir. Hoje os baladeiros são uma inflação, mas é tudo muito pobre.

J. D. — E o folclore é para si campo a explorar como base duma música ligeira nova?

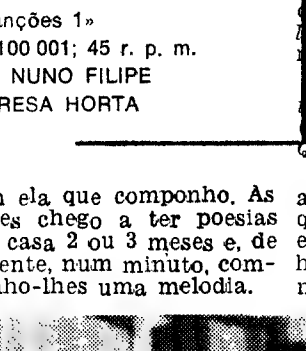
N. F. — Se o folclore português é o rancho de Santo Marta de Portuzelo, e é esse o folclore que eu e todos conhecemos para além dos ranchos que Pedro Homem de Mello apresennta na TV, acho que não é de agarrar. Eu e 99 por cento dos portugueses não sabemos se existe outro folclore que seja válido, representativo.

J. D. — E se houver?

N. F. — Agora quando se fala de folclore, fala-se obrigatóriamente do maestro F. L. Graça e do investigador Giacometti, que realizaram um trabalho extremamente sério que nos ultrapassa a nós que fazemos canções populares — um trabalho quase científico. A mim, no entanto, nunca me apeteceu, nunca quis, nem tive interesse em me aperceber totalmente do trabalho que fizeram. Talvez um dia, mais tarde ...

J. D. — Na vossa equipa de autores, o que surge primeiro, o poema ou a melodia?

N. F. — A Teresa escreve uma poesia, eu musico-a depois. Esta a regra geral.



A viola é o unico instrumento que «arranho» (não se pode chamar tocar) e é com ela que componho. As vezes chego a ter poesias em casa 2 ou 3 meses e, de repente, num minuto, componho-lhes uma melodia.

Cantiga da manhã

O meu amor pela manhã
Lavou os olhos com a sua lã

Bebeu o barro com a sua água
Comeu o pão com a sua mágoa

Dobou o pranto, fiou o campo
Cravou nas pedras todo o seu canto

O meu amor à luz do dia
Lavou o corpo que pressentia

Deu o recado ao seu amigo
Calou o espanto que tem escondido.

in «As nossas canções 1»
Disco Sonoplay 100 001; 45 r. p. m.
Música e voz de NUNO FILIPE
Letras de M. TERESA HORTA

Nuno Filipe gravando com Maria Teresa Horta: «Exigimos a nós próprios dar uma patada»...

N. F — Nunca tinha pensado nisso... Mas já ouvi da boca da Maria Teresa Horta, e ela até já o disse em público: «se todas estas experiências resultarem, um dia todos farão poesia para música, todos descerão até nós, sem necessidade de nós os irmos incomodar à sua esfera de cristal»

J. D. — Acha que Portugal poderá algum dia CANTAR?

N. F. — Não sei. Portugal já canta. Portugal é um País onde toda a gente canta, especialmente quando está bêbeda nas tabernas — canções muito tristes cheias de saudade, de fracassos, de frustrações amorosas.

J. D. — Há diferenças entre a poesia de M. T. H. para música e a publicada?

N. F. — Todas vão figurar no seu próximo livro. A Teresa tem 9 ou 10 livros publicados. Da sua primeira poesia, até 1965/6, está posta de parte a hipótese de a poder musicar. Há nela uma certa preocupação, um certo esforço de musicalidade quando escreve para música. As únicas alterações que posteriormente sofreram só disseram respeito ao comprimento do poema. Por exemplo, «O Roteiro de Lisboa». Na canção «... D. Dinis» receou-se pela musicalidade da palavra *estio*... Afinal, cantada, ficou muito bem.

J. D. — Há quem pergunte o que é isso de «lavar os olhos com a sua lã»... Quer você responder?

N. F. — É a liberdade, é a ternura; o meu amor quando acorda de manhã e se vira para a vida, se higieniza, se civiliza, há nuvens no céu, parecem lã, lava-se com a manhã. É, enfim, uma linguagem de carinho, de amor, não o «amor, amor, amor, amor ardente», mas sim ternura, amizade.

J. D. — Quais as suas influências? Refiro-me às musicais...

N. F. — Até hoje, tive dois grandes ídolos, Na infância, na adolescência, Elvis Presly era a meta, o mito. Hoje, mais adulto, idolatro Bob Dylan, aquele que faz a música mais bonita, mais séria desta geração. A obra de Dylan é a grande quota-parte do

J. D. — Se o piano foi o instrumento do séc XIX, a viola é o do séc. XX, pelo menos destas primeiras décadas da segunda metade. Vê alguma razão especial?

N. F. — O piano era o móvel da família. A filha dos donos da casa, como não ia para o liceu, recebia o seu professor de piano — era a TV dos serões. Hoje, com toda a libertação da juventude, prefere-se a viola, um objecto de rua, transponível.

J. D. — No futuro, os poetas estarão ligados à música ou esta chamada aos poetas de nome feito é uma situação de transição?

(Continua na 7.ª página)

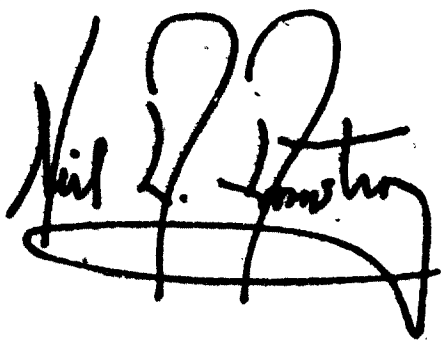
OS HOMENS DA LUA

ESCREVERAM

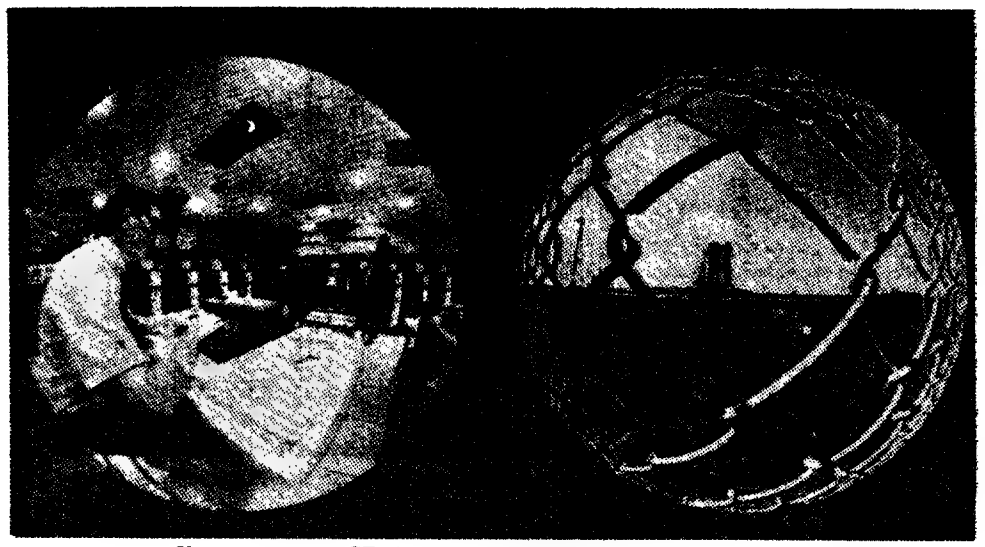
PEQUENO PASSO DE UM HOMEM —SALTO GIGANTESCO

PARA A HUMANIDADE

Neil A. Armstrong foi comandante da «Gemini-8». Realizou a primeira missão bem sucedida de «engate» no espaço. Realizou ao serviço da aviação da Marinha 78 missões de combate na guerra da Coreia. É casado e tem dois filhos



Projecto Apollo



Um computador GE-635 em acção durante a contagem decrescente

Resultado da estreita colaboração do Governo e da Indústria particular dos Estados Unidos, o projecto Apollo constitui um expoente de imaginação e de perícia técnica. Elementos básicos da equipa de trabalhos, milhares de empregados da General Electric tiveram a satisfação de contribuir para a realização do gigantesco empreendimento.

De facto, mais de 6000 empregados da General Electric orgulham-se de participar no êxito do projecto Apollo

Desde o lançamento da nave à sua amaragem no Pacífico, milhares de empregados da General Electric participaram no histórico acontecimento.

A participação da General Electric no projecto abrange os mais variados campos, desde o complexo controle das operações por computadores GE, ao equipamento de televisão e aparelhagem de medida e registadora, aos sistemas de radiografias por emissão de neutrões, aos indispensáveis e característicos capacetes espaciais em Lexan, e à instalação do gigantesco foguetão Saturno, com os seus 36 andares.

Durante a contagem final decrescente, empregados da GE em Cabo Kennedy operaram continuamente em computadores GE-635, efectuando mais de 3.000 operações fundamentais de controle.

Para além destas tarefas de controle e de verificação, o computador encarregou-se do processamento das informações obtidas durante o voo.

Para cobertura pela televisão foram utilizadas câmaras GE modelo PE-250, a cores.

As lâmpadas lunares foram especialmente concebidas e fabricadas pela GE e os capacetes espaciais foram cobertos com uma camada de Lexan, um policarbonato desenvolvido pela GE. Até os helicópteros que auxiliaram os astronautas à sua chegada tinham motores de propulsão GE, modelo T58, e o porta-aviões Yorktown era locomovido por turbinas GE.

Tendo aceitado estas várias incumbências da NASA e do Governo dos Estados Unidos, teve a GENERAL ELECTRIC de desenvolver e de criar novas técnicas e produtos capazes de garantir o êxito do projecto Apollo. O sistema envolvia milhões de componentes, dos quais nem um só podia falhar. A aparelhagem eléctrica continha mais de 10.000 painéis e os 25.000 cabos e condutores eléctricos que a compunham seriam suficientes para tecer uma rede à volta do nosso planeta.

Este e muitos outros exemplos de minúcia e de perícia traduzem bem o esforço desenvolvido pela indústria americana, com papel relevante para a GENERAL ELECTRIC que se orgulha do êxito do projecto, certa de que os conhecimentos, materiais e produtos criados para a conquista da Lua, em breve serão aplicados a outros fins mais terrenos, para Bem da Humanidade.

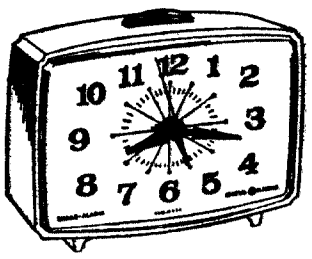
contra a corrida dos descontos... contra a corrida dos descontos...

RELÓGIOS DE PAREDE
E RELÓGIOS DESPERTADORES
GENERAL ELECTRIC

A prenda ideal para todas as ocasiões

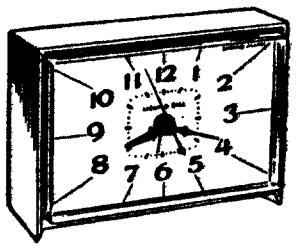
O seu companheiro silencioso e preciso, sempre pontual e dedicado.

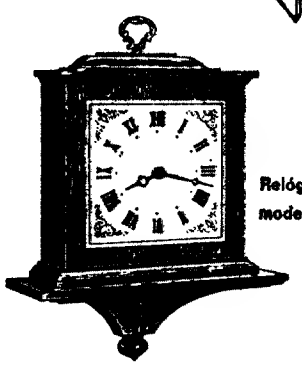
...O PREÇO FIXO GE



Relógios despertadores

7319	270$00
AA 12	300$00
AD 13	330$00
BC 12	340$00
AF 1	360$00





Relógios de parede
modelos desde 540$00

PEQUENO PASSO DE UM HOMEM — SALTO GIGANTESCO PARA A HUMANIDADE

Primeiro passo na Lua — O homem realizou um sonho milenário

Quando, em Janeiro findo, fomos escolhidos para este voo, a nossa meta parecia quase inatingível. Havia muitas incógnitas, muitas ideias não comprovadas, muitos engenhos não testados. O LEM nunca tinha voado. Havia muitas coisas que desconhecíamos acerca da superfície lunar. Não estava ainda provado que seria possível a comunicação simultânea com a Terra e os dois veículos lá em cima. Na altura, desconfiava honestamente que era improvável vir a caber à Apollo-11 a primeira alunagem. Havia muita coisa para aprender: havia muitas probabilidades de termos problemas.

Vieram então os voos da Apollo-9 e da Apollo-10, que tão retumbante êxito alcançaram. Começou assim a parecer possível que nós realmente conseguíssemos a vitória. Daí em diante, os preparativos não conheceram detença.

Nesses preparativos não estávamos especìficamente votados às questões de segurança. O que nos interessava era o êxito da missão, o cumprimento das tarefas que nos tinham sido distribuídas. Eu sentia que uma alunagem bem sucedida poderia levar todos os homens do mundo a acreditar que os objectivos impossíveis são, realmente, possíveis, que há realmente esperança de solução para os problemas da Humanidade.

Esta nação dependia da equipa industrial da NASA para fazer o que se propunha, e essa equipa arriscava a sua reputação na Apollo-11. Uma série de pescoços se tinham voluntàriamente colocado no cepo, e quanto mais atenções se concentrassem no voo, mais evidente se tornava que qualquer malogro iria manchar a imagem dos E. U. A.

Exigia-se que cada milímetro da nossa concentração estivesse empenhado no voo. Durante todo o treino, houve perguntas que ficaram sem resposta. Talvez o elemento mais difícil desta fase tivesse sido para mim a questão de seleccionar quais de entre as várias opções que se me abriam, seriam justamente as mais adequadas à minha autopreparação. Haveria sempre pessoas com quem eu pudesse falar, livros que eu pudesse ler, estudos que eu pudesse fazer, simulações para pesar e para avaliar...

Estávamos também, todos nós, preocupados com um certo número de pequenos elementos periféricos que são inerentes a qualquer voo. Coisas como o emblema que usamos nos fatos, e os nomes que escolhemos para as comunicações de voo entre os dois veículos e entre nós e a Terra. Tínhamos perfeita noção do simbolismo da nossa exploração, e queríamos que essas pequenas coisas reflectissem a seriedade com que encarávamos o voo.

O emblema que adoptámos não pretendia ser uma imitação do escudo dos E. U. A. Destinava-se simplesmente a simbolizar uma pacífica tentativa americana de descida na Lua. Quanto aos nomes que escosimultâneamente dignos e simbólicos — e, cida na Lua. Quanto aos nomes que escolhemos para a comunicação quisemo-los òbviamente, claros para as transmissões-rádio. O nome **Águia** foi adoptado depois da escolha do emblema e quisemos que ele reflectisse, tanto o tema do emblema como o grau de orgulho nacional que o empreendimento, no seu conjunto, suscitava. O nome **Colúmbia** é igualmente um símbolo nacional, e, ao mesmo tempo, está ligado ao livro, velho de um século, da autoria de Júlio Verne. De certa maneira, esse livro prediz muitas técnicas, muitos pormenores do voo Apollo-11. Porém, acima de tudo, o nome foi para nós o reflexo da aura de aventura, espírito pioneiro e seriedade com que Colombo se desempenhou da sua missão.

Depois de toda a fase preparativa do voo a tensão diminuiu dentro de mim, uma vez iniciada a viagem, já não tinha escolha, opção possível. Havia um trabalho a fazer, e tal como acontece com a maioria dos trabalhos, uma vez envolvidos neles, mais à vontade nos sentimos.

UM DIA MONÓTONO

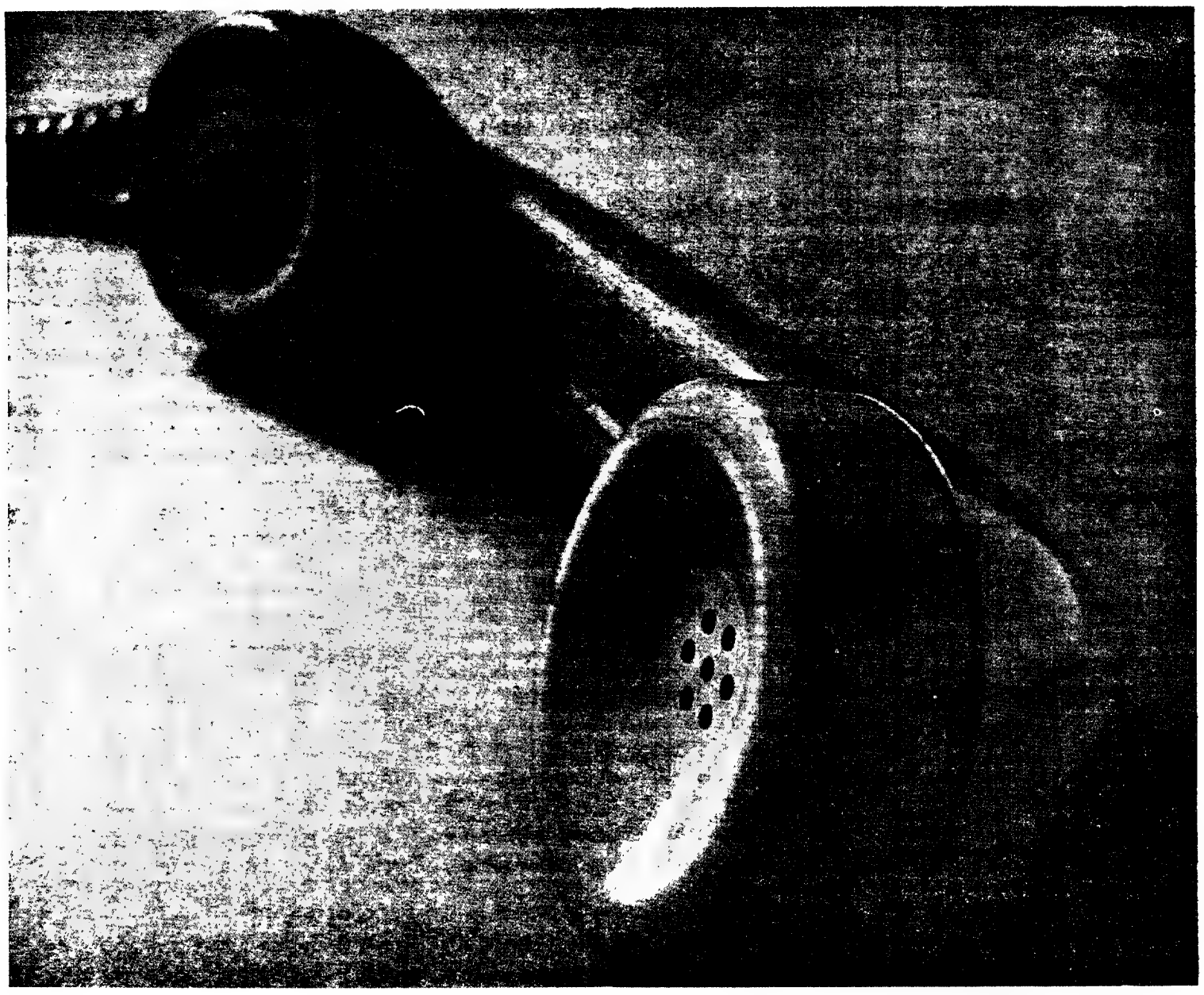
O dia da alunagem foi um dia muito comprido e um tanto monótono. Levantámo-nos às 5 e meia nessa manhã e tocámos na superfície lunar às 3 e 20, hora de Houston. Havia muita coisa a fazer em cada minuto desse dia. A nossa ignição para a descida foi suave e correcta. Ocorreu precisamente quando sobrevoávamos o lugar exacto da Lua, a margem ocidental do Monte Marilyu. Estávamos então a voar a uns 50 000 pés acima da superfície e a vista do Monte Marilyu, cumulada com exames de outras posições, indicava que estávamos a encaminhar-nos para um ponto de alunagem relativamente perto da área cuidadosamente escolhida. Não íamos alunar na face errada da Lua nem coisa assim. O nosso radar de alunagem não tardou a informar-nos de que estávamos a 37 000 pés, precisamente onde esperávamos estar. A cerca de 30 000 pés começámos a ter problemas com o computador. Quando o computador não está bem, acende uma luz de alarme e um número. Tínhamos simulado uma ampla variedade de alarmes antes do voo. Tínhamos memorizado determinados meios de actuação para os casos mais previsíveis. Para os mais complexos, tínhamos esquematizado pequenas notas, para nosso uso, em cartões que ligámos ao painel de instrumentos. Contudo os alarmes, que, durante o voo, tivemos não foram os que esperávamos — não foram os que tinham surgido em qualquer das nossas simulações. Parecem ter-se originado na sobrecarga do computador, no muito trabalho que ele foi chamado a realizar, e o outro de «contrôle» nessa altura mereceu bem o dinheiro que ganhou. Analisaram o problema e a sua causa e advertiram-nos prontamente de que poderíamos, com toda a segurança, abstrair dos alarmes e continuar a descida.

Dos 30 000 pés aos 5000 estivemos totalmente absorvidos na análise e solução deste problema, tendo passado o tempo a verificar os instrumentos. A nossa atenção foi assim distraída das vigias e da identificação dos pontos de referência exteriores. A primeira oportunidade que tivemos de olhar para fora foi-nos dada quando estávamos já a menos de 300 pés. Com o horizonte fechado que é característico da Lua era difícil vermos muita coisa à nossa frente, a uma tal altitude. O único ponto de referência que pudemos ver foi uma cratera muito grande, muito impressionante, que nós identificámos como a cratera ocidental, embora, na altura a não tivessemos reconhecido

A princípio, considerámos a alunagem a muito curta distância dali. Este local parecia ser exactamente o escolhido pelo nosso sistema automático de navegação.

Continua na página 5

Do outro lado da linha não está uma voz humana



Nem todos os computadores são distantes e gigantescas máquinas vivendo no segredo dos deuses.

A UNIVAC apresentou há bem pouco tempo um novo membro da família 9000, poderoso computador de médio porte com amplas capacidades de funcionamento em tempo real e de custo acessível às empresas portuguesas: o sistema UNIVAC 9400.

Ele poderá pôr imediatamente à sua disposição, e simultâneamente onde quer que seja, toda a informação que diz respeito à sua empresa (por exemplo, através de écrans de televisão ou de impressoras de 1600 linhas por minuto).

Trabalhando com cartões, discos ou bandas magnéticas, o UNIVAC 9400 poderá estabelecer conversação com computadores de grande porte como o UNIVAC 1108 ou com componentes básicos da série 9000 (o UNIVAC 9200 e o UNIVAC 9300) ao mesmo tempo que assegura actualização dos seus ficheiros, executa processamento de vencimentos, elabora inventários... realmente, ele poderá tratar até cinco programas simultâneamente, em absoluto pé de igualdade.

Programas especiais como o «Supervisor» orientam uma conveniente afectação das capacidades do UNIVAC 9400 a cada tarefa, enquanto um «relógio electrónico» vela pelo estabelecimento das necessárias prioridades.

Qualquer que seja o ponto de vista, o UNIVAC 9400 é de facto um sistema notável, oferecendo-lhe pelo seu preço o que nenhum outro lhe poderá dar. A sua concepção modular permite-lhe acompanhar o crescimento da sua organização.

Tal como os modernos computadores UNIVAC 9200 e 9300 de que já existem várias unidades a funcionar em Portugal — um UNIVAC 9300 com bandas magnéticas está à sua disposição no Centro de Processamento de Dados da Solor — o sistema 9400 é parte de um conjunto cuidadosamente planeado no sentido de uma perfeita compatibilidade de que irão surgir outros elementos.

Os computadores não se destinam só às grandes empresas.

Na linha 9000, alguma configuração se adaptará exactamente às suas necessidades. Teremos muito gosto em conversar consigo sobre o assunto. Telefone-nos... Do outro lado da linha estará uma voz. Tranquilize-se: essa voz será humana.

UNIVAC

SOLOR — Av. da República, 56-A
LISBOA
Telef. 778700 e 767057/8/9

«BUZZ»—PRIMEIRO A FELICITAR-ME

Contudo, quando estávamos a cerca de 1000 pés, revelou-se perfeitamente óbvio que a **Águia** estava a tentar a alunagem numa área das mais indesejáveis. Havia seixos do tamanho de Volkswagens espalhados pelas margens e fora delas. Eu tinha uma exuberante vista da cratera e dos seixos, na vigia esperada, mas a posição fixa da câmara da cabina só permitia que esta focasse uma imagem do perímetro norte, de aspecto muito mais benigno. As fotografias do local fazem-no parecer bastante melhor do que a mim me pareceu.

As rochas pareciam encaminhar-se para nós terrivelmente depressa, embora, é claro, o relógio corra a uma velocidade tripla do normal, em situações como esta. A minha atenção estava agora fixada quase completamente no lado de fora da vigia, e Buzz estava a informar-me acerca das importantes leituras do computador e dos instrumentos. A cerca de 400 pés e a 50 milhas/h viu-se claramente que eu deveria assumir um modo híbrido de «contrôle» manual, isto é, uma acção de «contrôle» manual com um sistema de desaceleração parcialmente automático. Deste modo, eu estava a controlar a velocidade vertical e horizontal da **Águia** e os meus comandos, em conjunto com os comandos do computador, estavam a proceder à desaceleração, reduzimos a nossa velocidade de descida, passando de 10 pés para cerca de 3 por segundo.

Teria sido interessante alunar naquele campo de seixos, porque tenho a certeza de que alguns deles, saídos de uma cratera tão larga deviam ter sido parte do leito rochoso da Lua, e, assim, seriam fascinantes para os cientistas. Estive tentado, mas a minha prudência prevaleceu. Elevámo-nos um pouco, evitando os pedregulhos e examinámos a superfície a oeste procurando uma área melhor de alunagem. Olhámos para muitas e mudei de opinião bastantes vezes. Uma que parecia muito boa, quando vista mais de perto já não era nada atraente. A que escolhemos tinha pouca superfície, era quase do tamanho de um terreno de construção. Num dos lados era rodeada por crateras de grande tamanho e no outro, por um campo de pequenas rochas, mas parecia deveras propícia à coexistência. Coloquei a **Águia** ali mesmo. Disseram-me que a minha pulsação cardíaca aumentou notòriamente durante a descida lunar. Mas eu ficaria deveras preocupado comigo próprio, se o meu ritmo se não tivesse alterado assim.

A ALUNAGEM IA FALHANDO POR UM TRIZ

A **Águia** portou-se de maneira muito semelhante à dos simuladores e ao do veículo de treino da alunagem, que tinha experimentado mais de 30 vezes na Base Aérea de Ellington, perto do Centro Espacial. No veículo de treino fiz 50 a 60 alunagens e a trajectória final que realizei no LEM foi muito semelhante às dos treinos. Isto, é claro, deu-me imensa confiança — um confortável sentimento de familiaridade.

Nos segundos finais da descida, o nosso engenho levantou uma grande porção de poeira lunar, que se dispersou por trajectórias radiais, quase paralelas à superfície, a altíssimas velocidades. Normalmente, na Terra, se levantamos poeira, o pó sobe no ar e regressa á terra muito lentamente. Mas, como não há atmosfera na Lua, o pó voa em trajectória baixa, recta, deixando um espaço claro atrás de si. O pó que levantámos provàvelmente não tinha ainda voltado à superfície quando alunávamos, mas estava a grande distância em rápido movimento. Era possível ver através dele — através dele eu conseguia ver rochas e crateras, mas o seu movimento distraía-me. Dificultava-nos a velocidade translativa para uma alunagem suave. Era como se estivessemos a aterrar no meio de um nevoeiro baixo, deslocando-se a grande velocidade.

Eu estava muito preocupado com o nível de combustível, nesta fase final da descida. Os instrumentos de medição estavam a indicar quase zero e nós estivemos realmente muito perto de um malogro forçado. Accionaríamos o motor de subida e regressaríamos — esperançosamente — à órbita. Mas a nossa situação de longe mais segura e mais desejável era continuar em frente e alunar. Não estávamos nada interessados num malogro desnecessário. Apesar dos baixos níveis registados pelos instrumentos de medição, provàvelmente, ao alunar eu teria ainda uma reserva de combustível para 40 segundos. É sempre bom, quando lemos «vazio» termos um galão de reserva.

Claro que ficámos radiantes, mas logo que tocamos o solo espera-nos imediatamente uma porção de trabalho. Os propulsores dos tanques têm que ser ventilados, para que não absorvam calor do motor de descida e do solo. O calor podia elevar-lhes a pressão e podiam explodir se os deixássemos sobrepressionar, Buzz e eu tínhamos cerca de 12 minutos de trabalho pós-alunagem, e só depois podíamos descansar o bastante para nos sentirmos aliviados, radiantes. Buzz estendeu-me a mão, deu-me um grande aperto de mão e felicitou-me. Apreciei realmente aquele gesto. Buzz é o meu crítico mais competente.

Decidimos fazer a nossa vigília lunar muito cedo e depois afinal atrasámo-nos, indo além da hora limite que nós próprios tínhamos marcado. Várias coisas pequenas contribuiram para a demora, mas a surpresa máxima foi o tempo que a **Águia** demorou a despressurizar. Para abrirmos a escotilha, por onde sairíamos, tínhamos que igualar a pressão em ambos os lados da escotilha. E, como do lado de fora, na Lua, a pressão é o vácuo, a pressão interior tem que ser reduzida também ao vácuo, o que se consegue abrindo uma válvula através da qual o oxigénio da cabina é expulso. Foi um exercício que nunca conseguimos repetir totalmente nos testes ou simulações e levou muito mais tempo do que o que tínhamos previsto.

Creio que isto se deveu, em parte, ao facto de o nosso sistema salva-vidas portátil estar a operar e assim a deitar gás para a cabina. Esta teve também que ser despressurizada para conseguirmos o vácuo interior.

Também demorámos mais tempo do que esperávamos para pôr o sistema de arrefecimento do nosso salva-vidas em funcionamento.

HOMENAGEM AOS COSMONAUTAS MORTOS

A nossa demora a sair da **Águia** não foi portanto como a minha mulher e talvez outras pessoas meio-jocosamente sugeriram, devida ao facto de eu estar a pensar no que havia de dizer quando desse o primeiro passo na Lua. Antes do voo tinha pensado um pouco no que havia de dizer,

Em Cape Kennedy, estes homens seguiram atentamente a grande aventura

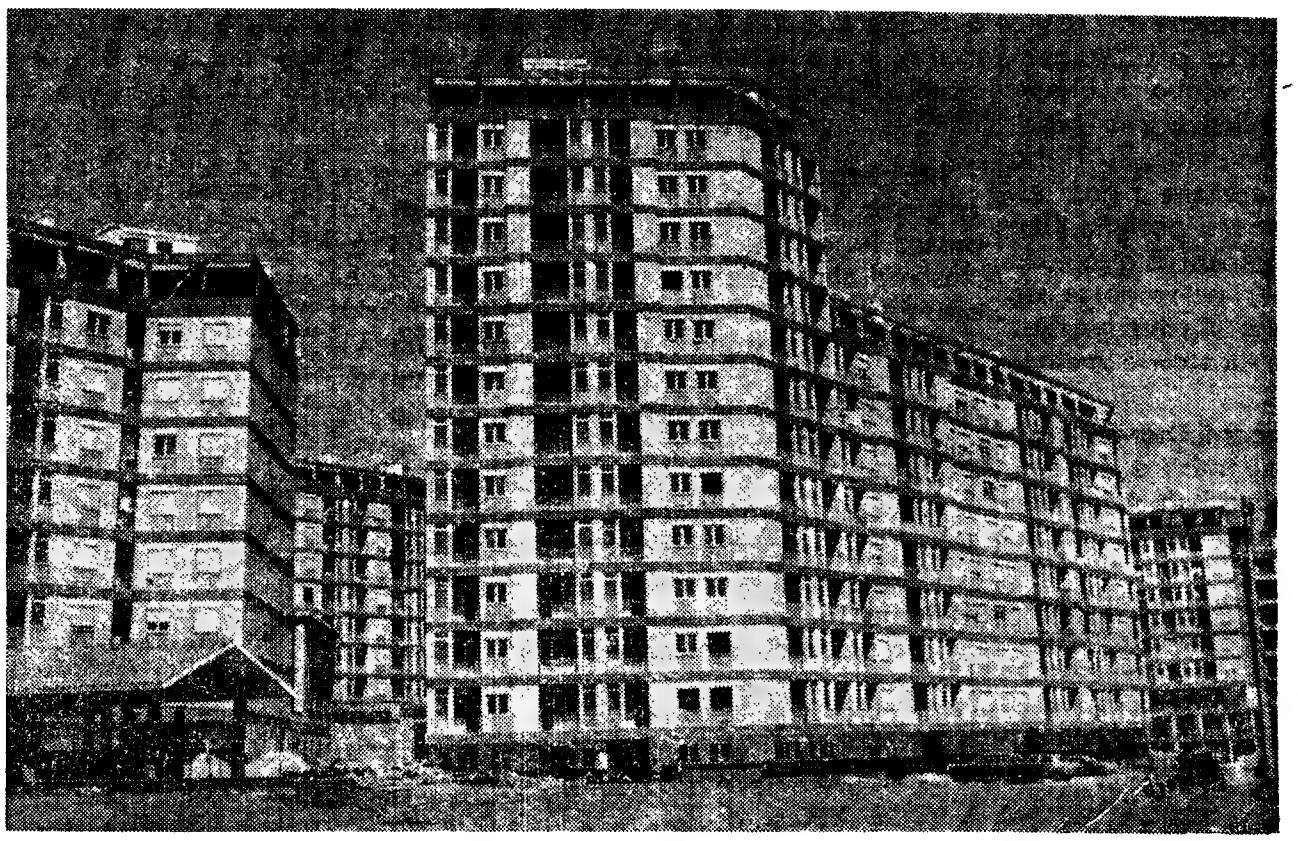
principalmente porque havia muita gente preocupada com isso. Tinha voltado a pensar um pouco no assunto, já na viagem a caminho da Lua. Foi só depois de alunar que decidi o que havia de dizer: «É um pequeno passo para um homem, mas um salto gigantesco para a Humanidade.» Para lá destas palavras, não me lembro de nenhuma emoção ou sentimento especial que não fosse uma pequena cautela, um desejo de me certificar de que seria seguro pisar aquela superfície com todo o meu peso, sair do disco protector da **Águia.**

De dentro da cabina, a Lua parecia quente e convidativa. O céu estava negro, mas fora da superfície parecia a luz do dia e a superfície parecia bronzeada.

Há um efeito de luz muito especial na superfície lunar, efeito esse que faz com que as cores pareçam mudar — não com-

Continua na página 7

J. PIMENTA, S. A. R. L.



Vista parcial da Reboleira construída por J. PIMENTA, S. A. R. L.

FOI INICIADA A 3.ª FASE DA REBOLEIRA E COM ELA A CONSTRUÇÃO DA PISCINA E ZONA DESPORTIVA. MAIS 1000 FOGOS VÃO SER CONSTRUÍDOS.

SE PREFERIR A LINHA DE CASCAIS, TEMOS AGORA UMA MELHOR E MAIOR GAMA DE APARTAMENTOS MOBILADOS EM PAÇO DE ARCOS.

EM PLENA VILA DE CASCAIS OFERECEMOS-LHE REQUINTADOS APARTAMENTOS COM VISTA PANORÂMICA SOBRE O MAR E SERRA DE SINTRA

VISITE O APARTAMENTO-TIPO DE CASCAIS, JÁ MOBILADO, EM EXPOSIÇÃO POR DE TRÁS DO HOTEL BAÍA

190 CONTOS RENDEM-LHE 1187$50 MENSAIS (ADMINISTRANDO DIRECTAMENTE ESTE RENDIMENTO PODE SUBIR PARA 1437$50, SUPERIOR A 9%)

3000 CLIENTES DAR-LHE-ÃO AS MELHORES REFERÊNCIAS

Propriedades à venda em: Reboleira, Amadora, Venda Nova, Paço de Arcos Parede, Cascais, Lisboa, e brevemente Queluz

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º Esq. — Telefones 4 56 43/4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

MAGNÍFICAS IMAGENS VISUAIS

preendo inteiramente o fenómeno. Se olharmos numa superfície que está sob o Sol, ou mesmo se olharmos para a nossa própria sombra ou para o Sol, a Lua é bronzeada. Se olharmos para lá do Sol, é mais escura, e se olharmos a direito para a superfície, especialmente nas sombras, parece muito, mesmo muito escura. Quando apanhamos material e o pomos nas mãos, é também escuro, cinzento ou preto.

O material é, em geral, de fina contextura, quase parece farinha, mas algumas partículas mais grossas parecem areia. Claro que há rochas dispersas e fragmentos de rochas de todos os tamanhos.

O trabalho nesta atmosfera revelou-se afinal muito agradável. Não foi nada fatigante. O único problema que tive de verdade foi haver tantos lugares que eu gostaria de ter investigado, para ver o que haveria por detrás da próxima colina, digamos assim. Pensei que seria capaz de ver a margem da cratera ocidental por de trás do LEM, mas a abrupta curvatura do horizonte lunar não mo permitiu. Consegui ir até uma craterazita a uns 80 pés, que nós tínhamos visto e fotografado na fase final da descida. Creio que as pessoas que primeiro viram os nossos filmes a confundiram com a Cratera Ocidental. Mas não era. A Cratera Ocidental era enorme, fazia-me

No momento em que foi obtida esta foto, Armstrong estava a dez centímetros de ser o primeiro homem a pisar a Lua

lembrar o astródomo de Houston, emborcado de pernas para o ar. A nossa cratera era muito mais pequena e tinha uma profundidade de cerca de 15 a 20 pés.

Todas as coisas que deixámos na Lua são do conhecimento geral. Agradou-nos muito especialmente ter lá depositado o emblema da Apollo-1, em memória dos nossos camaradas e amigos Gus Grisson, Ed White e Roger Chaffee, e as medalhas que foram cunhadas em memória de Gagarine e Komarov. Creio que esses homens e os seus associados compartilham dos nossos sonhos e das nossas esperanças por um mundo melhor. Esta crença foi reforçada dentro de mim por um telegrama de felicitações que estava à nossa espera no Laboratório de Recebimento Lunar. Começava por: «caros colegas» e estava assinado por todos os cosmonautas que já participaram em voos.

Levámos também connosco e trouxemos de volta algumas bandeiras americanas, algumas capas do primeiro dia de alunagem, e, para nós próprios, algumas bandeiras pequenas e medalhões, que são essencialmente uma réplica-miniatura do nosso emblema. Mais importante para o mundo foi termos trazido aquelas caixas de rochas.

A MESMA LUA DE SEMPRE?

Quando voltámos ao LEM fechámos a escotilha, repressurizámos a cabina e tirámos os capacetes havia um cheiro bem determinado ali dentro. A mim parecia-me o cheiro de cinza molhada. Não tenho bem a certeza se o cheiro vinha do material lunar, mas quase aposto que sim.

Contudo, era a primeira vez que a cabina tinha sido levada ao vácuo e isso podia ter afectado qualquer coisa no interior. O isolamento da instalação eléctrica, por exemplo, podia ter sido afectado e o cheiro vir daí. Seria interessante cheirar as rochas lunares, aqui na Terra, quando tivermos ocasião de as cheirar, fora do vácuo, na nossa própria atmosfera.

Nunca tive bem a percepção da temperatura na Lua. A temperatura dos nossos fatos era sempre agradável e confortável e vez nenhuma o equipamento — ferramentas, instrumentos, mastro da bandeira, câmara TV, o próprio LEM — nos deu calor ou frio através das luvas isoladas.

Retrospectivamente, o momento em que o LEM tocou na Lua foi o único ponto deveras impressionante de todo o voo. A seguir foi o do levantar voo para a partida da Lua. Pensei um bom pedaço naquele único motor de subida e em tudo quanto dependia dele. Quando chegou a hora, foi um modelo de perfeição. Proporcionou-nos não só uma viagem muito boa como ainda nos deu uma deslumbrante panorâmica final da Base da Tranquilidade, à medida que nos íamos afastando.

A impressão esmagadora que retirei da Lua, enquanto durou o meu passeio e enquanto a fotografei, foi que Buzz e eu estávamos a tirar instantâneos de um processo de formação inalterável, no qual há rochas que estão continuamente a consumir-se na superfície e outras novas que estão a ser atiradas para cima dessa mesma superfície na sequência de novos acontecimentos produzidos aqui, perto ou além, longe. De maneira que, por outras palavras, não interessa a data em que o Homem veio a este lugar... Quer ele tivesse vindo há 1000 ou 100 000 anos, quer ele viesse daqui a milhões de anos, veria sempre o mesmo. O aspecto disto seria sempre igual. A única diferença era que, em cada período de tempo, o Homem estaria a ver rochas ligeiramente diferentes, superfícies ligeiramente diferentes, todas influenciadas pelo mesmo processo. Por aquilo que vi estou em crer que a grande maioria desses processos são externos (i. e., coisas como meteoritos), mas pode ter havido também, ao mesmo tempo, processos internos, na Lua.

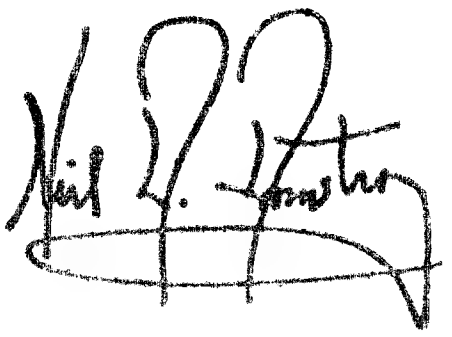
...E O PRIMEIRO VISITANTE CHEGOU

As recordações mais dramáticas que agora tenho são as magníficas imagens visuais. Excedem em muito todas e quaisquer experiências visuais da minha vida. De todas as imagens a mais espectacular, a que mais me impressionou, foi uma colhida na viagem a caminho da Lua.

Voávamos na sombra do satélite. Estávamos ainda a milhares de milhas de distância, mas suficientemente perto para que a Lua enchesse quase por completo a nossa vigia circular. O Sol estava eclipsado por ela, visto da nossa posição, e a coroa solar era visível através da orla lunar, como se fosse uma luz em forma de gigantesca lente ou de gigantesco pires espraiando-se por vários diâmetros lunares. Era magnificente, mas a Lua conseguia sê-lo ainda mais.

Estávamos na sua sombra e, portanto, não havia zona que nela estivesse iluminada pelo Sol. Só a Terra a iluminava, a luz da Terra, que dava à Lua uma cor cinzento-azulada. Tínhamos à nossa frente uma imagem decididamente tridimensional.

Eu percebia realmente, pelos meus olhos eu via que a Lua é, de facto, uma esfera e não um disco. Quase parecia que ela queria mostrar-nos que é redonda, que a sua forma é igual à da Terra e que assim nos queria dar como que as boas-vindas. Eu tinha a certeza que ela seria uma anfitriã hospitaleira — há muito, muito tempo que aguardava o primeiro visitante.



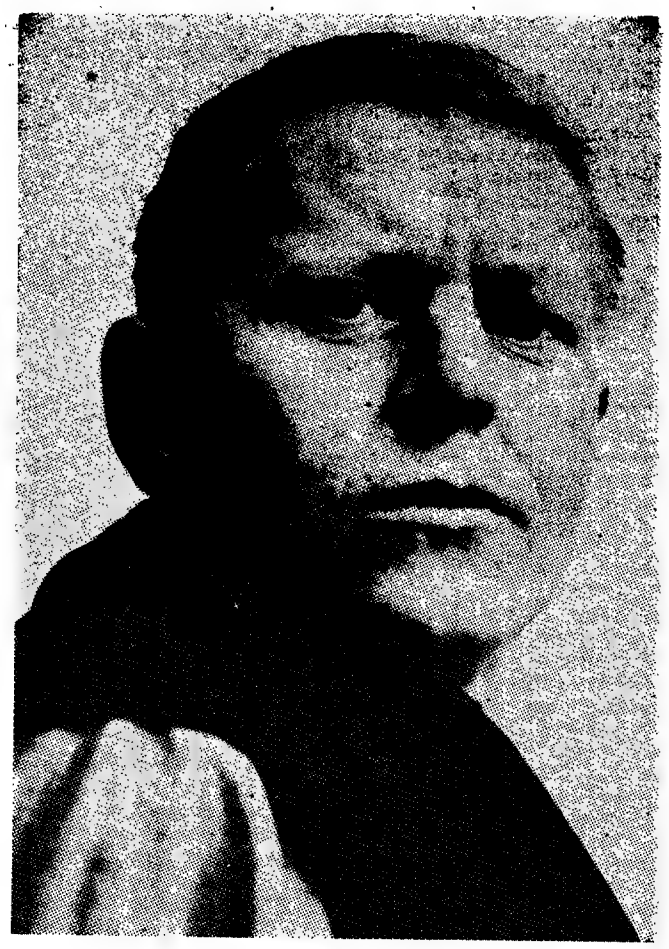
A resposta está nos pneus MABOR do seu carro

Accionando a cápsula Apolo 11 com o motor SPS, a Aerojet General comprovou, uma vez mais, a sua avançada técnica. E essa mesma técnica está ao serviço nos pneus MABOR que equipam o seu carro. Porque a Aerojet e a MABOR, associadas da General, compartilham dos resultados das suas investigações e progresso científico. Viaje com a segurança de saber o seu carro equipado com pneus concebidos por uma empresa que tomou parte na conquista da Lua. Prefira a técnica MABOR.

MABOR
GENERAL

CIÊNCIA E TÉCNICA AO SERVIÇO DA SEGURANÇA

LATINA



Hans Magnus Enzensberger: à sua volta, os indomáveis...

OS INTELECTUAIS ALEMÃES E A REALIDADE DA EUROPA NOVA

OS INDOMÁVEIS

por René Wintzen

POR OCASIÃO DA SUA VISITA à capital federal, o presidente Nixon manifestou o desejo de ser apresentado a alguns escritores alemães. Só Günter Grass e certos membros do «Grupo 47» aceitaram o convite. O chanceler Kiesinger aproveitou esta atitude como pretexto para denunciar as tendências de extrema-esquerda da literatura contemporânea, que — afirmou ele — não reflecte, de modo nenhum, «os profundos sentimentos da grande massa do nosso povo». Respondendo a este ataque, os escritores alemães visados enviaram ao presidente Nixon uma «encomenda» contendo as suas obras, de certo modo um «Care Paket», como o sublinha, humoristicamente, Antoine Wiss-Verdier, no artigo que serve de introdução a um dossier *consagrado à intervenção política do escritor e publicado na revista alemã «Documents» (1). Podemos perguntar, como Wiss-Verdier, que cita a Imprensa alemã, onde estão os escritores - contestação apontados por Kiesinger? Serão Günter Grass, Martin Walser, Alfred Andersch, Heinrich Böll, Uwe Johnson, Weyrauch, Schnurre, Nossack, Kreuder? Ninguém sonha sequer pôr em dúvida que todos estes escritores põem em causa o passado da Alemanha, condenam o ressurgimento das ideias nacional - socialistas e se insurgem contra uma sociedade materialista e cada vez mais americanizada.*

Estes indomáveis agrupam-se, essencialmente, à volta de duas revistas: «Kurbusch», dirigida por Hans Hagnus Enzensberger, em Francfort, e publicada pelas edições Suhrkamp, e «Kürbiskern», dirigida por uma turma de escritores, entre os quais figura Christian Geissler, e publicada em Grünwald, perto de Munich, pelas edições Damnitz.

Esses dois grupos manifestam-se não só pelas obras que escrevem: participam na acção cívica, tomam partido, apoiam ou desmistificam. E é a própria literatura que, em certos casos mais extremos, chega a ser posta em acusação pelos membros da oposição extraparlamentar (APO) e certos movimentos do underground.

SERÁ O ESCRITOR UM TRUÃO?

Os prémios literários na Alemanha dão lugar a muitas contestações. O *Spiegel*, na sua edição de 24 de Março de 1969, assinalava a atitude revoltada e cheia de desprezo dos laureados, que, com uma só excepção (voltaremos ao caso) aceitam, no entanto, as somas ligadas a estas distinções. Assim: o burgomestre de Berlim-Oeste, Klaus Schütz, protegido por uma escolta de matracas, entregou o prémio *Fontane* ao escritor e cançonetista Wolf Biermann, que vive na Alemanha de Leste, e que havia pouco o acusara de «*assassino*» de Rudi Dutschke. O editor de Biermann, Klaus Wagenbach, recebeu, em nome do escritor, o pergaminho e um cheque de 10 000 marcos (cerca de 60 000$00), não sem ter primeiro dado a conhecer pùblicamente a sua opinião sobre o homem que comandava Berlim. Peter Schneider, quando recebeu das mãos de Schütz o seu prémio, no valor de 5000 marcos (cerca de 30 contos) expôs claramente

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

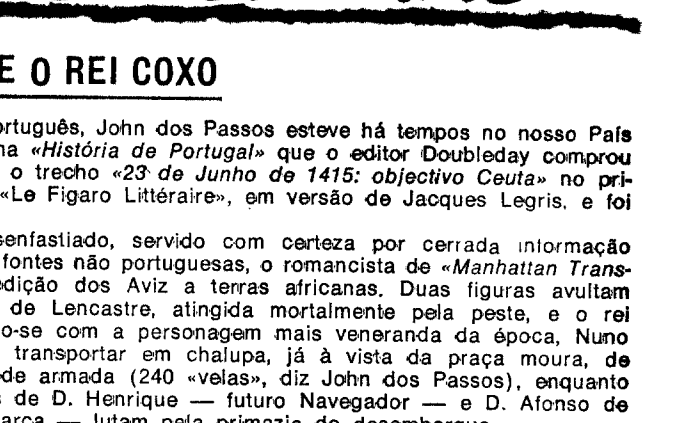
Uwe Johnson

mete no assunto e que tem uma profissão suspeita: escreve histórias inventadas, e, no entanto, de inquietante verdade. É, pois, um indivíduo unha e carne com o imaginário, em resumo, um escritor, poeta, literato, narrador — tudo quanto quiserem, porque nem sequer é caso para se dizer exactamente a sua profissão — é, pois, ele, o refilão, o intelectual, o manhoso (como a nossa língua é rica em injúrias!) que chega, que acusa e que, ao mesmo tempo, aconselha a votar no S. P. D.!» (2).

Desta vez, Günter Grass não fará grupo à parte: a 24 de Março, em Bona, criou uma associação denominada «*Sozialdemokratische Wählerinitiave*», espécie de «comité» de acção a favor do Partido Social Democrata. Esta associação, cujos gastos de manutenção são cobertos pelo S. P. D., não depende, contudo, do «comité» director, e os seus aderentes não são, forçosamente membros inscritos no Partido. De entre os nomes das personalidades que deram o seu aval e que estão decididos a participar activamente na campanha eleitoral, sobressaem os do historiador Golo Mann, dos professores Sontheimer (Ciências Políticas, em Berlim) e Jäckel (professor de História na Universidade de Estugarda), do general na reserva von Baudissin (promotor da *Innere Führung*, a educação cívica e moral do soldado-cidadão, actualmente, e, mais que nunca, novamente posta em causa), do bispo protestante de Berlim Kurt Sharf, dos escritores Peter Härfling e Hans Werner Richter, pai do «*Grupo 47*», do célebre actor Victor de Kowa, assim como de um certo número de outros representantes das carreiras liberais e dos meios intelectuais.

No mês de Maio, a associação deu a lume uma publicação com o título

(Continua na página seguinte)



Günter Grass: questão de habilidade...

PRONTUÁRIO DAS LETRAS

JOHN DOS PASSOS E O REI COXO

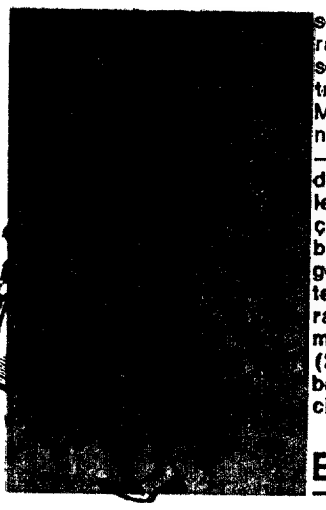
Neto de um emigrante português, John dos Passos esteve há tempos no nosso País a recolher elementos para uma «*História de Portugal*» que o editor Doubleday comprou por bom preço. Lemos agora o trecho «*23 de Junho de 1415: objectivo Ceuta*» no primeiro numero de Agosto de «Le Figaro Littéraire», em versão de Jacques Legris, e foi uma agradável surpresa.

Num estilo bastante desenfastiado, servido com certeza por cerrada informação de que se apercebem mesmo fontes não portuguesas, o romancista de «*Manhattan Transfer*» conta o que foi a expedição dos Aviz a terras africanas. Duas figuras avultam na narrativa: a rainha Filipa de Lencastre, atingida mortalmente pela peste, e o rei coxo, D. João I, aconselhando-se com a personagem mais veneranda da época, Nuno Álvares Pereira, e fazendo-se transportar em chalupa, já à vista da praça moura, de um para outro barco da grande armada (240 «velas», diz John dos Passos), enquanto na testa de ponte os homens de D. Henrique — futuro Navegador — e D. Afonso de Barcelos — bastardo do monarca — lutam pela primazia do desembarque.

O relato lê-se como uma viva aventura reconstruída com tintas fortes, exactamente o contrário do que descobrimos em tantas obras dos nossos especialistas. Mas para isso é preciso ser-se John dos Passos e ter um talento, digamos, transatlântico. «Sans rancune».

ESPRIU EM CINEMA

Na esteira de Josep Maria Castellet muita gente diz, em Espanha que o maior poeta nacional é um catalão, Salvador Espriu, autor de «*La pell del brau*» («A pele do touro») e renovador das letras do Sueste. Alguns poemas seus estão recolhidos em antologias bilingues (catalão-castelhano), de venda mais que eventual na Gran Via e arredores. A consagração de Espriu é pois um fenómeno lento, impulsionado corajosamente pela crítica, tendo chegado a Portugal sob a forma de traduções esparsas (na revista «Vértice», se não estamos em erro). Mas o cinema descobre o homem de Arenys de Mar. Vicente Lluch vai rodar «*Laia*», com Nuria Espert e Francisco Rabal, sobre um texto de Espriu. Talvez dentro de meses venha a falar-se apaixonadamente desta aventura: por enquanto a revista «Triunfo» dedica-lhe, com toda a oportunidade, cinco linhas e meia.



BIBLIOTECAS AMERICANAS

A Biblioteca Pública de Nova York acaba de tornar-se proprietária do espólio de Sean O' Casey, famoso dramaturgo irlandês («*Juno and the Paycock*», «*The Plough and the Stars*») falecido em 1964. Eis um gesto que os seus leitores muito apreciarão, e mais ainda os estudiosos da obra de O' Casey (entre os quais um português, Mário Vilaça), que doravante não têm que errar: está tudo — enfim, quase tudo — na cidade do governador Rockefeller. É claro que uma aquisição destas não se fez de mão beijada. A viúva do dramaturgo, Eileen, sabia perfeitamente as regras do jogo — vieram ter-lhe às mãos «bastante mais» de 100 mil dólares (2800 contos), já que a verba exacta não transpirou do circuito comercial

E NÓS, LUDGERO?

O poeta espanhol Jesús Lopez Pacheco vê a sua obra requisitada, é o termo, pelos jovens compositores. Um *single* com o título «*Canciones del amor prohibido*» sairá brevemente na interpretação de Els Sapestres, e para ele se prevê uma venda fulminante nas discotecas do país vizinho. Está tudo, afinal, preso a esse verbo misterioso: comunicar. (E nós, Ludgero?).

OS INTELECTUAIS ALEMÃES E A REALIDADE DA EUROPA NOVA

OS INDOMÁVEIS

por René Wintzen

Hans Magnus Enzensberger: à sua volta, os indomáveis

POR OCASIÃO DA SUA VISITA à capital federal, o presidente Nixon manifestou o desejo de ser apresentado a alguns escritores alemães. Só Günter Grass e certos membros do «Grupo 47» aceitaram o convite. O chanceler Kiesinger aproveitou esta atitude como pretexto para denunciar as tendências de extrema-esquerda da literatura contemporânea, que — afirmou ele — não reflecte, de modo nenhum, «os profundos sentimentos da grande massa do nosso povo». Respondendo a este ataque, os escritores alemães visados enviaram ao presidente Nixon uma «encomenda» contendo as suas obras, de certo modo um «Care Paket», como o sublinha, humoristicamente, Antoine Wiss-Verdier, no artigo que serve de introdução a um dossier *consagrado à intervenção política do escritor e publicado na revista alemã «Documents» (1). Podemos perguntar, como Wiss-Verdier, que cita a Imprensa alemã, onde estão os escritores-contestação apontados por Kiesinger? Serão Günter Grass, Martin Walser, Alfred Andersch, Heinrich Böll, Uwe Johnson, Weyrauch, Schnurre, Nossack, Kreuder? Ninguém sonha sequer pôr em dúvida que todos estes escritores põem em causa o passado da Alemanha, condenam o ressurgimento das ideias nacional-socialistas e se insurgem contra uma sociedade materialista e cada vez mais americanizada.*

Estes indomáveis agrupam-se, essencialmente, à volta de duas revistas: «Kurbusch», dirigida por Hans Hagnus Enzensberger, em Francfort, e publicada pelas edições Suhrkamp, e «Kürbiskern», dirigida por uma turma de escritores, entre os quais figura Christian Geissler, e publicada em Grünwald, perto de Munich, pelas edições Damnitz.

Esses dois grupos manifestam-se não só pelas obras que escrevem: participam na acção cívica, tomam partido, apoiam ou desmistificam. E é a própria literatura que, em certos casos mais extremos, chega a ser posta em acusação pelos membros da oposição extraparlamentar (APO) e certos movimentos do underground.

SERÁ O ESCRITOR UM TRUÃO?

Os prémios literários na Alemanha dão lugar a muitas contestações. O *Spiegel*, na sua edição de 24 de Março de 1969, assinalava a atitude revoltada e cheia de desprezo dos laureados, que, com uma só excepção (voltaremos ao caso) aceitam, no entanto, as somas ligadas a estas distinções. Assim: o burgomestre de Berlim-Oeste, Klaus Schütz, protegido por uma escolta de matracas, entregou o prémio *Fontane* ao escritor e cancionista Wolf Biermann, que vive na Alemanha de Leste, e que havia pouco o acusara de «assassino» de Rudi Datschke. O editor de Biermann, Klaus Wagenbach, recebeu, em nome do escritor, o pergaminho e um cheque de 10 000 marcos (cerca de 60 000$00), não sem ter primeiro dado a conhecer publicamente a sua opinião sobre o homem que comandava Berlim. Peter Schneider, quando recebeu das mãos de Schütz o seu prémio, no valor de 5000 marcos (cerca de 30 contos) expôs claramente a sua definição pessoal, desfraldando uma bandeira do Vietcong. O dramaturgo Hartmut Lange que, em 1968, recebeu o Prémio Gerhart Hauptmann (5000 marcos) não hesitou em dirigir estas palavras aos membros do júri: «*Espero que tenham coroado um dos vossos coveiros*». Quanto a Heinrich Böls, laureado com o Prémio Georg Büchner, lembrou, no decorrer da cerimónia, a frase do escritor que deu o nome ao galardão: «*Se alguma coisa é útil neste mundo, essa coisa é a acção aberta e dura*».

Hans Magnus Enzensberger criou, com o montante do Prémio da Cidade de Nuremberga, uma sociedade destinada para todos os que fossem levados perante um *tribunal da República Federal* por delito de opinião.

Günter Wallraff, laureado com o Prémio do Estado da Renânia da Vestefália do Norte devolveu ao ministro-presidente Kühn, os 6000 marcos (cerca de 36 000$00) que acompanhavam a distinção. Não tinha ele pretendido que a República Federal não era uma sociedade democrática e não tinha o sr. Kühn, em face disso, aproveitado a deixa para pedir que o espírito democrático dos candidatos ou dos autores propostos fosse doravante mais cuidadosamente sondado?

Günter Grass, que recebeu, em Fevereiro de 1969, o Prémio Theodor Heuss, aproveitou a ocasião para pôr em causa a personalidade do primeiro presidente da R. F. A. Não tinha sido este, durante o seu mandato, tão tolerante e tão liberal só porque contribuira noutro tempo para que Hitler tomasse o Poder, mais por negligência, indiferença, incompetência, do que propriamente por convicção? O único problema hoje posto à consciência alemã seria o do fim ou o do começo da verdadeira democracia: problema com o qual muitas outras nações ocidentais estariam igualmente a debater-se.

A habilidade de Günter Grass, denunciada pelos escritores membros da oposição extraparlamentar, é fulgurante na sua análise dos dados da democracia contemporânea, associa os méritos de Carl von Ossietzky (que recebeu o Prémio Nobel da Paz, em 1936, quando estava internado num campo de concentração) e de Theodor Heuss. Um e outro, que representam o melhor das tradições alemãs, encontram-se num mesmo amor do espírito de tolerância. Todo o compromisso, que permite precisamente a associação destes dois nomes, é um acto na via da democracia real.

Uwe Johnson

Günter Grass participará activamente na campanha das próximas eleições legislativas. Como em 1965 o fizera, junto do burgomestre de Berlim-Ocidental, Willy Brandt, hoje ministro dos Negócios Estrangeiros, o seu combate será travado em prol da S. P. D. «Aí está um que se mete no assunto e que tem uma profissão suspeita: escreve histórias inventadas, e, no entanto, de inquietante verdade. É, pois, um indivíduo unha e carne com o imaginário, em resumo, um escritor, poeta, literato, narrador — tudo quanto quiserem, porque nem sequer é caso para se dizer exactamente a sua profissão — é, pois, ele, o refilão, o intelectual, o mamhoso (como a nossa língua é rica em injúrias!) que chega, que acusa e que, ao mesmo tempo, aconselha a votar no S. P. D.!» (2).

Günter Grass: questão de habituação

Desta vez Günter Grass não fará grupo à parte: a 24 de Março, em Bona, criou uma associação denominada «*Sozialdemokratische Wählerinitiative*», espécie de comité de acção a favor do Partido Social Democrata. Esta associação, cujos gastos de manutenção são cobertos pelo S. P. D., não depende, contudo, do comité director, e os seus aderentes não são, forçosamente, membros inscritos no Partido. De entre os nomes das personalidades que deram o seu aval e que estão decididos a participar activamente na campanha eleitoral, sobressaem os do historiador Golo Mann, dos professores Sontheimer (Ciências Políticas, em Berlim) e Jäckel (professor de História na Universidade de Estugarda), do general na reserva von Baudissin (promotor da *Innere Führung*, a educação cívica e moral do soldado-cidadão, actualmente, e mais que nunca, novamente posta em causa), do bispo protestante de Berlim Kurt Scharf, dos escritores Peter Härtling e Hans Werner Richter, pai do «*Grupo 47*», do célebre actor Victor de Kowa, assim como de um certo número de outros representantes das carreiras liberais e dos meios intelectuais.

No mês de Maio, a associação deu à lume uma publicação com o título

(Continua na página seguinte)

PRONTUÁRIO DAS LETRAS

JOHN DOS PASSOS E O REI COXO

Neto de um emigrante português, John dos Passos esteve há tempos no nosso País a recolher elementos para uma «*História de Portugal*» que o editor Doubleday comprou por bom preço. Lemos agora o trecho «*23 de Junho de 1415: objectivo Ceuta*» no primeiro numero de Agosto de «Le Figaro Littéraire» em versão de Jacques Legris, e foi uma agradável surpresa.

Num estilo bastante desenfastiado, servido com certeza por cerrada informação de que se apercebem mesmo fontes não portuguesas, o romancista de «*Manhattan Transfer*» conta o que foi a expedição dos Aviz a terras africanas. Duas figuras avultam na narrativa: a rainha Filipa de Lencastre, atingida mortalmente pela peste, e o rei coxo, D. João I, aconselhando-se com a personagem mais veneranda da época, Nuno Álvares Pereira, e fazendo-se transportar em chalupa, já à vista da praça moura, de um para outro barco da grande armada («240 velas», diz John dos Passos), enquanto na testa de ponte os homens de D. Henrique — futuro Navegador — e D. Afonso de Barcelos — bastardo do monarca — lutam pela primazia do desembarque.

O relato lê-se como uma viva aventura reconstruída com tintas fortes, exactamente o contrário do que descobrimos em tantas obras dos nossos especialistas. Mas para isso é preciso ser-se John dos Passos e ter um talento, digamos, transatlântico. «Sans rancune».

ESPRIU EM CINEMA

Na esteira de Josep Maria Castellet muita gente diz, em Espanha que o maior poeta nacional é um catalão, Salvador Espriu, autor de «*La pell del brau*» («A pele do touro») e renovador das letras do Sueste. Alguns poemas seus estão recolhidos em antologias bilingues (catalão-castelhano), de venda mais que eventual na Gran Via e arredores. A consagração de Espriu é pois um fenómeno lento, impulsionado corajosamente pela crítica, tendo chegado a Portugal sob a forma de traduções esparsas (na revista «Vértice», se não estamos em erro). Mas o cinema descobre o homem de Arenys de Mar. Vicente Lluch vai rodar «*Laia*», com Nuria Espert e Francisco Rabal, sobre um texto de Espriu. Talvez dentro de meses venha a falar-se apaixonadamente desta aventura por enquanto a revista «Triunfo» dedica-lhe com toda a oportunidade, cinco linhas e meia.

BIBLIOTECAS AMERICANAS

A Biblioteca Pública de Nova York acaba de tornar-se proprietária do espólio de Sean O' Casey, famoso dramaturgo irlandês («*Juno and the Paycock*», «*The Plough and the Stars*»), falecido em 1964. Eis um gesto que os seus leitores muito apreciarão, e mais ainda os estudiosos da obra de O' Casey (entre os quais um português, Mário Vilaça), que doravante não têm que errar: está tudo — enfim, quase tudo — na cidade do governador Rockefeller. É claro que uma aquisição destas não se fez de mão beijada. A viúva do dramaturgo, Eileen, sabia perfeitamente as regras do jogo — vieram ter-lhe às mãos «bastante mais» de 100 mil dólares (2800 contos), já que a verba exacta não transpirou do circuito comercial.

E NÓS, LUDGERO?

O poeta espanhol Jesús Lopez Pacheco vê a sua obra requisitada, é o termo, pelos jovens compositores. Um *single* com o título «*Canciones del amor prohibido*» sairá brevemente na interpretação de Els Sapestres, e para ele se prevê uma venda fulminante nas discotecas do país vizinho. Está tudo, afinal, preso a esse verbo misterioso: comunicar. (E nós, Ludgero?).

Os indomáveis

(Continuação da pág. anterior)

Dafür (Para) e entre os seus colaboradores encontram-se Golo Mann, Hans Werner Richter, Peter Härtling, Günter Gaus (chefe da redacção do *Spiegel*), a condessa Dönhoff (directora do semanário liberal de Hamburgo, *Die Zeit*), Dieter Hildebrandt e Klaus Harpprecht.

Mais de cento e cinquenta reuniões estão previstas, e, durante essas reuniões, o Partido Social-Democrata não será poupado, pois, segundo Günter Grass, «*tem que se atirar para a frente, se quiser salvar-se*». Grass quer bater-se em duas frentes: contra o chanceler Kiesinger e contra... Beate Klarsfeld, candidato da oposição extraparlamentar (3).

Mas o Partido Social-Democrata, depois de passar a partido burguês, membro da grande coligação, ao lado dos cristãos-democratas perdeu muito do seu atractivo nos meios intelectuais, e, sobretudo junto de certas categorias de estudantes, que têm tendência para se revoltar contra os funcionários de um aparelho, que se tornou demasiado monolítico e demasiado pesado. Por esta razão, já não representa o ideal político da nova geração destes escritores que se aliaram à causa dos estudantes e dos jovens, dos movimentos de extrema-esquerda não comunista, como o *Clube Republicano*, de Berlim-Oeste, e os sindicatos minoritários. As *Evidências Políticas* de Günter Grass, por mais generosas que sejam, já não encontram eco, neste ano de 1969, junto dos intelectuais e dos agitadores que tiram o seu modelo de *Che*, Carmichael e da dialéctica da libertação, que foi, há dois anos, objecto de um congresso (4) em Londres; não pode ligar-se aos compromissos propostos por Grass; subscrever as suas declarações de intenção; sustentar um combate em prol de uma democracia um tanto morna e conformista. Devemos dizê-lo: os seus ataques destes escritores ao chanceler federal Kiesinger, os seus discursos a favor do S. P. D., as suas predições fantasistas, que, por exemplo, em 1965, condenavam Franz Strauss ao silêncio, a sua triunfante ingenuidade, correm o risco de já não convencer. Heinrich Böll Hans Magnus Enzensberger, Peter Weiss e outros escritores tiraram a lição do reinado da «grande coligação», o que Günter Grass não soube fazer. Para eles, a democracia estiola e extingue-se. Já não passa de palavra vã «no país das revoluções meias-feitas e nunca acabadas, das contra-revoluções bem conseguidas e das evoluções menosprezadas», segundo a expressão de Hans Werner Richter.

A política do «que marcha por si mesmo» que significa hoje? Que eficácia pode ela ter? Começa a duvidar-se do escritor, que numa sociedade sem direcção, se queira truão ou conselheiro «um e outro não são mais que «títeres», incapazes de influenciar a História presente. A Arte Contemporânea saiu da burguesia; só podemos, pois, considerá-la meio de reprodução e de exaltação das noções de valor e dos preconceitos burgueses.

Peter Weiss

Estas posições extremas dos membros da oposição extraparlamentar e dos movimentos do *Underground* estão bastante difundidas em certos meios universitários e intelectuais. Encontram — como é evidente — encarniçada resistência por parte das estruturas estabelecidas. Certos excessos de expressão, experiências de agitação artística e política, como o teatro na Rua, não conseguiram, porém, o efeito desejado e não souberam demonstrar o verdadeiro sentido da sua acção. Martin Wiebel, encenador na *Freie Volksbühne*, de Berlim, denunciou, recentemente, a incapacidade do teatro como agente político; mais exactamente, acentuava que tal não era nem o seu papel nem a sua tarefa. Este teatro novo, que prefigura o futuro, cuja ressonância é, realmente, política, descobriu-o Martin Wiebel, nas obras de Armand Gatti.

Todas estas tendências se exprimem na desordem. Nem por isso são menos significativas de uma evolução cujos elementos dinâmicos se encontram por toda a parte. Mas, pelo menos na Europa, são talvez os jovens intelectuais alemães, que, aproveitando de um mal-estar e de um liberalismo, um e outro igualmente manifestos, mais se agitam e, confusamente ainda, procuram novas formas de acção concordantes com a sua época.

PETER SCHNEIDER: OU TUDO OU NADA

Em período de revolução cultural, a literatura poderia ter duas missões: eu chamá-las-ia a função de agitação e a função de propaganda da arte.

1) Se, nas sociedades ocidentais avançadas, o desenvolvimento máximo do potencial económico pende para a total mutilação das aspirações, então a arte deve consistir na mobilização total das aspirações contra a realidade imposta. Mas dois factores são aqui indispensáveis que a arte represente não só as aspirações como o «statuo quo» que se lhes opõe; que ela ponha frente a frente as imagens concretas da realidade e as das possibilidades que ela encobre e que lentamente se vão estiolando.

Durante a longa marcha, o exército de Mao pedia aos habitantes das aldeias por onde passava que se reunissem na praça principal. Depois um ou dois camponeses eram convidados a expôr os seus desejos, os males e os abusos de que eram vítimas. Os outros intervinham de seguida, completando as declarações quando estas lhes pareciam ter um carácter demasiado pessoal, corrigindo-as, quando as julgavam demasiado gerais. Assim faziam um quadro colectivo. A isto chamavam eles «*a grande lamentação*».

Este exemplo pode, evidentemente, aplicar-se à situação das sociedades europeias.

2) Na medida em que o ocidentalismo avançado destrói literalmente a capacidade de formulação das aspirações humanas a literatura tem, para além desta função acção ao nível cívico, a tarefa de voltar a pôr em evidência as velhas nostalgias e aspirações da humanidade, conservadas nas obras de arte, de maneira que elas tenham, finalmente, oportunidade de se concretizar. Aí reside a função de propaganda da arte.

A arte de propaganda poderia procurar nos sonhos escritos da humanidade as utopias, libertá-las das distorções de forma que lhes foram impostas em consequência das condições materiais da época, e mostrar-lhes a via de concretização que, finalmente, lhes é aberta. É evidente que, dado que se projectam no futuro, as imagens desta arte deveriam ser mais fortemente marcadas que as da mera agitação. Mas também, ao invés da arte tal como até agora tem existido, cumpriria em absoluto que estas formas novas mantivessem a sua exigência de concretização e que a sua estética fosse a estratégia capaz de permitir a realização das aspirações humanas. O lugar das obras de Bosch, Brenghel, Goya não é nas aulas destinadas aos estudantes de Belas-Artes, mas na secretária dos especialistas dos problemas de trânsito, dos arquitectos. Não é nos seminários de germanistas que devem ser lidos e interpretados os poemas de Brecht, mas sim nas reuniões sindicais.

Retiremos dos museus as aspirações pintadas nas telas e demo-las a um auditório muito mais vasto.

PETER SCHNEIDER, nascido em 1940, em Lübeck, vive em Trento na Itália, onde é um dos animadores do movimento estudante-operário. Prémio da jovem geração atribuido pela cidade de Berlim, é membro da oposição extraparlamentar.

---

(1) *Documents*, n.º 2 Março-Abril 1969, Rua Laborde, n.º 50. Paris VIII. «*Care Paket*» encomenda de produtos alimentares, que os americanos enviaram depois da guerra para os alemães e outros países que tinham entrado no conflito.

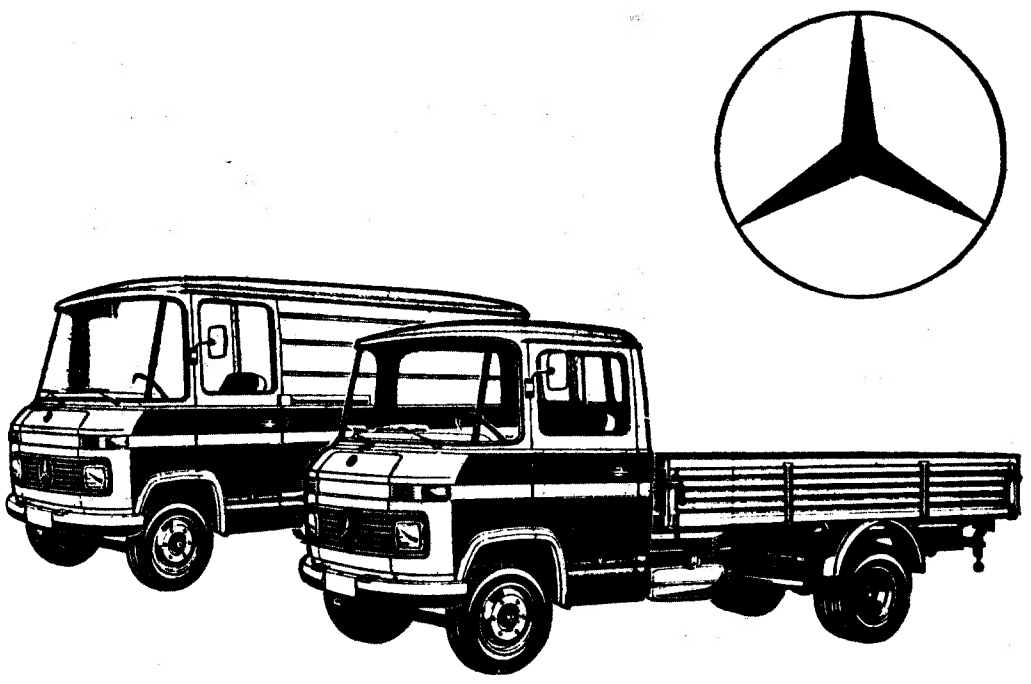
(2) *Evidências políticas*, por Günter Grass, Edições do *Senil*, colecção *Combats*, dirigido por Claude Durand.

(3) Empregada no departamento franco-alemão para a juventude, esgatanhou o chanceler Kiesinger, a quem censurava o passado nazi.

(4) O n.º 16 da Revista Kursbuch contém as principais intervenções no Congresso: as de Carmichael, Roald D. Laing, Jules Henry, John Gerassi, Paul M. Sweezy e Marcuse.

A. E. P.

L406D
A NOVA LINHA DE VEÍCULOS COMERCIAIS
MERCEDES BENZ



Pesos brutos	3.500 Kg 4.000 Kg 4.600 Kg
Carga útil	1.460/1.635 Kg 1.930/2.130 Kg 2.530/2.760 Kg
Comprimento da caixa de carga:	Galera (Chassis normal) — 3,24 a 3,50 metros
	Galera (Chassis longo) — 3,82 a 4,40 metros
	Furgão — 3,08 metros
Altura interior do furgão:	1,75 a 1,80 m
Versões:	Chassis com cabina
	Galeras
	Furgões normais
	Furgões frigoríficos
	Mistas para 6, 9, 10, 13 e 16 lugares
	Autocarros para empresas e colégios

SPCS 26.68

C. SANTOS S. A. R. L.
Rua Artilharia Um, 101-A, B - Lisboa
Filiais em: Porto Coimbra Braga Faro Olhão
Agentes em todo o País

Nuno Filipe

(Continuação da 4.ª página)

contributo artístico de uma geração.

J. D. — Consentida pela C. B. S....

N. F. — Isso, aliás, é um problema muito complexo, no qual só os sociólogos podem botar palavra. Interessante essa contradição C. B. S.-Dylan. Ele põe em causa, afinal, oquilo que permite cantar e divulgar a sua obra. Não há, no entanto, que haver, necessàriamente, uma preocupação de tom social, de conteúdo, para a música ser classificada de melhor. Aliás, o conteúdo existe sempre, explícito ou não. Admiro Dylan, como admiro John Kennedy ou Eusébio, enfim, aqueles que conseguiram ultrapassar o nível médio do rebanho que todos nós somos...

J. D. — Diz-se que você canta mal, ou melhor, canta pouco...

N. F. — Essa opinião não me preocupa de sobremaneira. O que eu pretendi fazer foi só dizer aquelas palavras dentro da linha melódica que compus. Pode dizer-se que não me esmero, que não dou uma interpretação mais perfeita, mais evoluída. Dado o êxito deste meu último disco, vou gravar mais. Aí haverá, então, mais preocupações, mais perfeição.

J. D. — Ouve muita música?

N. F. — Sim.

J. D. — Mas só um tipo de música...

N. F. — Isso é verdade; a música dos programas «23,' hora», «em órbita», «Enquanto for bom dia», «Página um».

J. D. — E a curiosidade para os outros tipos de música?

N. F. — Actualmente sinto isso, sinto que a música que eles me dão não me satisfaz como aqui há dois anos. A música «pop» sempre foi a minha fonte de inspiração, agora já não me chega, só chega a quem tem 14-15 anos...

J. D. — É o ciclo a repetir-se. Quanto já ganhou com os discos?

N. F. — Recebi menos do que gastei; cerca de 200$00 do primeiro; do segundo, recebo este mês; neste, que já está esgotado, ganho 3% do preço do retalhista, as chamadas «royalties».

J. D. — E sabe alguns números relativos ao custo do disco, suportado pela editora?

N. F. — Com este tipo de promoção, muito séria e muito onerosa, nunca as vendas podem cobrir os custos. Só com a publicidade na TV foram gastos 100 contos, fora o aluguer do estúdio das 3 da tarde à meia-noite, a vinda propositada a Portugal de técnicos estrangeiros, o envio para Espanha da fita de gravação de 4 pistas, com o fim de se obter uma «mistura» melhor, etc. etc.

N. Filipe: apresentar uma coisa bem feita

J. D. — Como surgiu a ideia daquele efeito de som, aplicado no disco, à voz de Maria Teresa Horta?

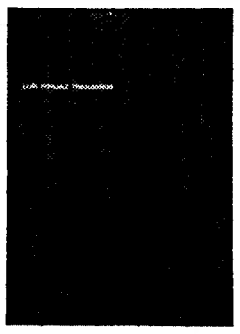
N. F. — Quando a fita foi devolvida de Espanha, na canção «...D. Dinis», a gravação da voz da Teresa apareceu em duas versões: com reverberação e com filtro. Nesta última versão como se fosse ouvida através de um transistor, um tipo de voz indiferente. Era necessário um contraste com a minha voz emotiva. Há assim uma relação íntima entre a técnica, a forma e o texto do poema:

...onde se mentia o que é amado?
notícias aqui do que é negado?
ai, Deus, e u é?...

Entrevista recolhida em gravador por

JOSÉ DUARTE

LG
uma editora em renovação



COLECÇÃO ENSAISTAS CONTEMPORÂNEOS

NOVAS PERSPECTIVAS

de Luís Forjaz Trigueiros

Preço ..... 50$00

UNIÃO GRÁFICA—Rua de Santa Marta, 45—LISBOA

Glauber Rocha: «É preciso fazer as coisas»

(Continuação da 8.ª pág.)

desde há cerca de 25 anos, os filmes americanos são importados como quaisquer outros produtos de consumo, como cigarros. Logo, é preciso transformar tais acordos económicos. Nós já denunciámos o facto—mas é um problema extremamente complexo de servilismo ao imperialismo.

Decidimos não levar em linha de conta o resultado dos filmes em função das receitas. Todos os filmes são exibidos no maior numero possível de salas, durante cinco anos — é o prazo autorizado pela censura. Todos os filmes saem nas grandes salas. Se um filme não faz boa carreira, é um problema que se põe ao unico nível do próprio filme. A publicidade é a mesma para todos. Se um filme não faz carreira nas grandes salas, faz-se com que ele saia em 16 milímetros. O mercado é suficientemente vasto para permitir este sistema de distribuição burocrática-não comercial. É possível sobretudo na medida em que um filme brasileiro não ultrapassa os 60 ou 70 000 dólares. Assim, exibem-se todos os filmes.

C — Quais foram as reacções do publico brasileiro a «Terra em Transe»?

R — É muito complexo. Tive experiências muito diferentes com «Deus e o Diabo na Terra do Sol» e com «Terra em Transe». Este teve muito boa carreira no Rio e em S. Paulo, as duas maiores cidades. Cem mil entradas no Rio, cem mil em S. Paulo, para nós é muito. Mas não correu bem na província, no interior do País. Com «Deus e o Diabo» passou-se o contrário: o filme não correu bem nas duas cidades mas teve um grande sucesso na província.

C — Esses filmes provocaram reacções quanto aos seus conteudos politicos?

R — «Terra em Transe» suscitou um grande numero de polémicas. A discussão ultrapassou aliás os quadros cinematográficos. O filme foi discutido no Senado, na Camara dos deputados, os jornais politicos consagraram-lhe editoriais. A esquerda académica atacou o filme dizendo que era um filme fascista, a extrema-esquerda disse que era um filme revolucionário. Quando o filme saiu, estava eu na Europa. No regresso, quando vi o «dossier» dos recortes da imprensa, fiquei muito espantado. Mas a discussão não ultrapassou os limites das cidades. Na província, as pessoas não compreenderam o filme.

C — Quanto a si, porquê?

R — Não é um filme muito organizado. Não quis resolver problemas ao nível teórico, fazer um filme utópico, dar conselhos politicos em função da moda política brasileira. Económica e politicamente, o Brasil é um país muito particular na América Latina. Nele, as teorias socio-politicas mudam todos os meses — o que faz com que as ciências politicas estejam sempre em atraso. A política muda incessantemente. Não se pode conhecer a realidade, que se revela cada vez mais surpreendente. É por isso que o filme não foi verdadeiramente premeditado no plano teórico, tanto ao nível da rodagem como da montagem. É menos um filme didáctico que um filme polémico.

(...) Eu gostaria que se compreendesse bem que as teorias politicas sobre a América Latina estão muitas vezes na origem de grandes mal-entendidos e de attudes algo demagógicas—fraseologia de esquerda, processos de esquerda, moralismo de esquerda, etc. — o que conduz quase sempre a um aspecto folclórnco. Quanto a mim — e é também o parecer de outras pessoas —, a maturidade politica do povo brasileiro não se fará graças a uma educação politica tradicional

(...)

C — Não acha que essa «espontaneidade», essa ausência de esquemas, de teorias, poderia levar o Brasil a reacções tão desastrosas como as que mostrou Solanas, na Argentina?

R — Penso que é preciso fazer as coisas. É o que pensava Kubitschek quando dizia: «É preciso fazer Brasília». Os economistas diziam que Brasília seria o desastre económico do Brasil. De facto, a desvalorização foi tal que provocou uma crise económica. Mas Brasília foi a revolução cultural do Brasil; depois dela, o Brasil pôde desembaraçar-se do seu complexo de colonialismo. O despertar politico e a consciência do subdesenvolvimento datam de Brasília — o que é bastante contraditório, porque Brasília era uma espécie de Eldorado, a possibilidade para os brasileiros de criar eles próprios qualquer coisa. Se eu falo disto é também porque o cinema brasileiro nasceu com Brasília, quando ninguém acreditava nisso. A universidade moderna, as ciências politicas, tudo isso apareceu com Brasília. Mesmo a rebelião da Igreja moderna inspirou-se nela. Brasília provocou uma forte inflação, mas todas as grandes perspectivas brasileiras surgiram com Brasília. De facto, mesmo tendo um governo fascista, o Brasil é o país mais revolucionário de toda a América Latina. Tudo muda, tudo se agita incessantemente mesmo os burgueses nacionalistas e militaristas, pois que são eles que foram levados a defender-se dos Estados Unidos. É a grande burguesia brasileira que entra em conflito grave com o imperialismo americano e que vai perdendo pouco a pouco a sua condição reaccionária. O país caminha numa direcção revolucionária. É por isto que, não vendo precisamente o tipo de revolução que terá lugar no Brasil, posso afirmar que ela será de um tipo muito original...

(...) Quanto a mim, o filme politico não deve ser acompanhado de uma sistematização demasiada, salvo no caso em que se queira fazer um filme didáctico. Eu prefiro o cinema polémico onde tudo é dinâmico

Pergunto-me sempre, a propósito de Eisenstein, por exemplo (e o mesmo em relação ao teatro de Brecht), se todos os autores podem utilizar as suas teorias. Receio que no Brasil uma sistematização venha quebrar o *élan* criador, sobretudo se a criação é de tipo caótico ou espontaneo. (...) Falei disto a Godard, que me disse: «No Brasil, vocês devem destruir o cinema». Não estou de acordo. Em França ou na Itália pode-se destruir. Mas nós, nós estamos ainda a construir, a todos os níveis — linguagem, estética, técnica... Ao principio houve um mal entendido. Todos começamos por ser einsensteinianos. Na realidade, sofríamos ainda de diversos complexos de colonialismo. Toda a gente falava de Bazin. Logo, tornámo-nos mais discursivos. Mas eu não o lamento, porque isso fez parte da nossa educação

Othon Bastos em «António-das-Mortes», último filme de Glauber Rocha

(...) Nos festivais de Cannes ou de Pesaro, mesmo na Semana da Crítica, tem-se a impressão de descobrir o cinema duma sociedade anónima de estilo e de pensamento. O godardismo, por exemplo, encontra-se por toda a parte. E, mesmo no ponto de vista técnico, não é brilhante. É superficial. É o caso do cinema independente de numerosos países. Não há neles espirito, não há nada. Agora vai haver a moda Sratub. Já falei com muitos jovens cineastas que me disseram: «Vou rodar o meu filme com planos longos de trinta, cinquenta minutos». Depois da moda Straub, haverá sem dúvida a moda Janeso Os jovens cineastas deveriam compreender que Straub é importante porque é um criador original e que a proliferação dos estilos individuais é o que há de mais importante para que o cinema possa progredir.

C — É certo, isso que você diz. Esses jovens cineastas

tomam Godard, Straub ou Eisenstein como factos. Esquecem que lhes seria necessário refazer o caminho de Godard, Straub e Eisenstein. Godard veio talvez de Rossellini e de Dreyer, Straub de Lumière e de Dreyer. Eisenstein, esse, veio do circo, do «music-hall» e do «vaudeville», e aquele que faz «vaudeville» no Brasil é talvez o que encontra Brecht e Eisenstein...

R — Sim, é uma relação que se encontra entre o cinema espanhol e o cinema mexicano ou argentino: o bufiuelismo nas suas manifestações superficiais. Acho mesmo que vocês, nos «Cahiers», que tendes uma influência muito importante, deverieis combater isso. Muitos jovens cineastas, em numerosos países, caem nessa armadilha, são vítimas de equívocos perdem dinheiro e talento

C — Vocês são, portanto, o país da América Latina onde se sente menos esta «culturização» europeia; e quando comparados á Argentina, a Solanas, por exemplo, tem-se a impressão que isso representa para vocês uma força. Vocês estão menos colonizados culturalmente.

R — Apesar de tudo, estamos bastante colonizados. Porque toda a linguagem cinematográfica vem do estrangeiro. O problema situa-se, antes do mais, ao nível dos cineastas que iniciam a carreira. Nos primeiros filmes (...) as influências são sem duvida mais autênticas, o que corresponde a uma espécie de exorcismo: nós criticamos essa atitude, eles próprios se criticam e lutam. Não se trata de um anticolonialismo chauvinista. De facto, trata-se de procurar o diálogo, de estabelecer uma polémica sobre todos os problemas, uma polémica que seria mais marcada, isto é, livre, por nossa parte, de dados demagógicos, e do paternalismo de influência europeia e da cultura dominante. Neste ponto de vista, acho que o Brasil foi mais longe que os outros países da América Latina, do Terceiro Mundo e mesmo de certos países menos desenvolvidos da Europa. Primeiro, do ponto de vista crítico, sem que nele tenha havido mistificação e do ponto de vista político, sem demagogia.

(Declarações extraidas, com a devida vénia, dos «Cahiers du Cinéma» n.º 214, Julho-Agosto de 1969)

GLAUBER ROCHA: «É preciso fazer as coisas»

Glauber Rocha *(Barravento, Deus e o Diabo na Terra do Sol, Terra em Transe, António-das-Mortes)* foi entrevistado por Michel Delahaye, Pierre Kast e Jean Narboni para o n.º 214 (Julho-Agosto do ano corrente) dos «Cahiers du Cinéma». Pela importância das suas declarações como pelo significado da sua actividade no âmbito do «cinema novo» brasileiro — de que é um dos expoentes maiores — pareceu-nos oportuno transcrever aqui algumas passagens da entrevista, justamente aquelas que se revestem, para nós, de um interesse mais imediato. Recorde-se que a filmografia de Glauber Rocha é totalmente desconhecida do público português. Recorde-se ainda que a obra do cineasta, mercê do seu vigoroso enraizamento na realidade sociopolítica do Brasil, vem garantindo uma audiência internacional que dignifica o país de origem e o movimento cinematográfico em que se integra.

Cahiers — «António-das-Mortes» saiu no Brasil?

Rocha — Sim, todos os filmes têm saído. Excepto «Jardim de Guerra» e «Desesperato». Mas acabarão também por sair.

C — Como é que esses filmes são distribuídos no Brasil?

R. — Distribuímo-los nós próprios. Organizámos uma empresa de distribuição. Toda a indústria cinematográfica brasileira, no Rio e em S. Paulo, produziu este ano 87 filmes. Neste conjunto, o grupo do cinema independente — o «cinema novo» — compreende cerca de trinta realizadores. Este ano, por exemplo, fizemos vinte filmes. O grupo de produtores que nós constituímos formou uma casa de distribuição, a «Difilm». Quer dizer que cada produtor se ocupa da sua própria produção e que a empresa distribuidora distribui todos os filmes. Ao contrário das distribuidoras habituais, que arrecadam uma percentagem para elas, a nossa casa de distribuição investe essa percentagem. Quando todos os encargos de administração estão reembolsados, a percentagem torna-se num adiantamento para certos filmes e permite terminar outros em fase de montagem. Por outro lado, como esta distribuidora tem já trinta filmes em circulação — fizemos quarenta desde a criação do grupo —, pode mesmo dar garantias á produção. Se esta empresa não é também uma casa de produção é para evitar toda a dependência do realizador em relação ao produtor. Assim, na distribuidora deixa-se toda a liberdade ao realizador, não se lhe pergunta qual o assunto do filme, etc. Começou-se com 11 realizadores. Este ano, houve 19 realizadores que iniciaram a sua actividade: Dahl, Almeida, Leite, Bernardes, Sganzola, Kusnet, Fontoura, Farias, Bressane, etc.

Quando um filme não marcha bem, isso não é muito importante. Há sempre um outro filme que, no mesmo momento, pode restabelecer o equilíbrio. Esta casa de distribuição está instalada presentemente em todo o Brasil. Ela é dirigida por Barreto, que ocupa o lugar de administrador-geral. Começámos também a trabalhar em 16 mm nas universidades, nos sindicatos e em diversas associações. Diegues já pôs em andamento um cinema equipado com 16 mm, no Rio de Janeiro. Também em S. Paulo há um cinema de 16.

Glauber Rocha: para quando, em Portugal?...

O nosso objectivo seria haver trinta ou quarenta cinemas de 16 que, sem nos pertencer, permitiria alargar este sistema. No Brasil há já mais de 2000 cineclubes reunidos numa federação de estudantes — — o que permite desenvolver o mercado dos 16 mm, como nos Estados Unidos, no caso do mercado universitário. Trabalhamos então em dois sentidos: trinta e cinco e dezasseis milímetros. Mas não trabalhamos apenas no cinema-de-arte-e-ensaio, pois é preciso fazer frente á produção estrangeira. No Brasil há uma lei que obriga todas as salas a consagrar 56 dias de projecção por ano a filmes brasileiros — o que para nós está perfeitamente bem. Mas agora o numero de filmes que distribuímos é superior a esse numero de dias. O problema reside pois no facto de os proprietários das salas poderem ter filmes estrangeiros a preços extremamente baixos: mil a dois mil dólares. De facto, o mercado dos filmes brasileiros seria o maior de toda a América do Sul... Mas na televisão todos os filmes são importados. Trata-se, pois, também, de uma luta política. Seria preciso adoptar uma atitude contra a importação dos filmes estrangeiros, sobretudo americanos, que entram livremente. Paga-se mais impostos sobre a importação de um negativo que servirá para rodar um filme no Brasil que sobre a importação de um filme realizado no estrangeiro. Entre nós, é um problema muito grave e essencialmente político, na medida em que a principal exportação continua a ser a do café para os E. U. A. Em troca, e isto

(Continua na 7.ª página)

Glauber Rocha: «António-das-Mortes» (na foto, Lorival Parisi)

OBJECTO, OBRA, ESPAÇO, AUTORIDADE, ÉCRANS, MITOS E ESPELHOS

Folhetim artístico de José-Augusto França

NA SUA RECENTE EXPOSIÇÃO na «Galeria 111» — história trágico-marítima para uso de quem não saiba nadar —, Noronha da Costa distribuiu um texto de 7 folhas policopiadas, em que se ocupa de uma problemática que o persegue, perseguindo-se a si própria na coerência severa em que o autor cria. Em que o autor vive, melhor, que a sua poética assume corajosa (e polèmicamente) uma responsabilidade ôntica.

Tal texto (que nos é dedicado, polèmicamente também, ao Fernando Pernes e a mim, por o autor nos supor mais achegados à sua problemática — o que é capaz de ser verdade...) é duplamente notável: pela raridade de um pintor se debruçar, entre nós, em empenho criativo, sobre a própria criação, e pela sua qualidade interna que atravessa zonas de pesquisa simbólica cujo carácter actual (e actuante) importa sublinhar — e muito. Na verdade portuguesa, só conheço raríssimos textos similares («de empenho criativo sobre a própria criação») de Fernando Azevedo e de Fernando Lemos — outros artistas procurando mais pensar ou especular em outras direcções, desde Almada-o-moralista a Fulano-o-exibicionista e a Sicranos diversos, em mal, nocente ou inocente, de criticar os parceiros.

Noronha coloca a polémica a outra altura, mesmo que chame nomes feios a este ou àquele crítico da sua embirração... Nele, a polémica ganha uma situação ética por conclusão final de um empenho de vida — que é de imagens sendo de objectos, e de respiração sendo de espaços. Ou de *écrans*, que é aquilo mesmo que reune semânticamente os quatro elementos da sua criação, da sua interrogação — e da sua contestação.

Parto, é claro, do princípio de que o estimado leitor conhece o texto em questão, do Noronha da Costa. Se foi à exposição recebeu-o com certeza, ou quase — e se não foi, fez mal em não ter ido, que histórias trágico-marítimas assim não se entendem todos os dias, sobretudo nesta «minha-pátria-de-marinheiros-ai-de-quem-fizer-ondas» E que ondas faz o Noronha da Costa!

...EU começo por não estar de acordo com o texto que abre pela declaração de que «devemos assinar o projecto e não a obra», vendo nesta já uma alienação. Para Noronha da Costa, a obra, definível fisicamente dentro da continuidade do espaço pontuável do Renascimento (espaço representante — e até emblemático — de Autoridade, por formulação mental), assume e fortalece essa mesma Autoridade que importa destruir. Autoridade de grande A, simbólica de Deuses e de Homens — com seus sistemas por necessidade fechados, conclusivos, determinantes e determinativos.

Ora eu creio que, pelo contrário, a obra de arte não é função autoritária. E penso isso exactamente porque estabeleço distinção entre *obra de arte* e *objecto artístico*. Vejamos.

O *objecto*, produto terminal de uma operação, *está*; tem um valor intrínseco em função do qual, e sòmente, é discutível de modo crítico e situável de maneira histórica. Não assim a *obra* que é menos produto que operação — operação que na sua própria designação se manifesta. A obra, dir-se-ia, não termina ou conclui a operação — é um momento dela, multissituável no tempo histórico «aberto» que lhe convém e compete. Por outras palavras: o objecto tem um valor imediato, a obra um valor mediato. Aquele representa, na verdade, uma posse, no (e do) tempo e no (e do) espaço; esta escapa a ambos os parâmetros. Por assim dizer, está connosco, a toda a hora e em todo o lugar O quadro da «Flagelação», de Piero della Francesca, está em Urbino, e o da «Guernica», de Picasso, em Nova York — mas ambas as obras estão comigo, aonde quer que vá, e levar-lhes-ei para a cova a imagem mítica — como a terá levado o duque de Urbino ou Paul Eluard, que as viram primeiro que eu, e nesse levar as não esgotaram.

Não haverá, portanto, autoridade na obra — livre sempre na sua exaltação e na multiplicação semântica dos seus sentidos que com as funções socioculturais de cada época, senão de cada geração, se acordam — ou não. E o artista deve *passar do projecto à obra* — mesmo que não passe pelo objecto que, tecnològicamente, pode ser produzido por outrém, se determinada definição técnica ou material for exigida por ele. O artista projecta — mas leva a sua responsabilidade até à realização do objecto, seja ele arquitecto ou pintor, senão antipintor. Isto é: ele tem que realizar aquilo que programa, sem o que a si próprio se não realiza.

CREIO, de resto, que é muito isto que Noronha da Costa sente — ou nada teria «realizado», mas apenas «pensado»... Pensar ou sonhar não chega — é preciso provar. A prova, a obra realizada (tornada real, através de uma imediata e fatal situação física, objectista) é a justificação ou a verificação da utilidade social do projecto. E social aparece aqui com uma responsabilidade que engloba o próprio projectista, ser social é claro que a começar por ele próprio.

O método que Noronha da Costa opõe ao sistema (e muito bem; já Descartes o fazia...) é a possibilidade de levar, externamente, o projecto à obra, depois de ser o caminho interno do próprio projecto. Ele é, por outras palavras, o conjunto das regras da linguagem que constitui o discurso, a mensagem. E é ele que, sobretudo, hoje está importando — de Althusser a Foucault. Os quais, justamente, dão razão a Noronha da Costa no seu repúdio do objecto pelo objecto, existindo numa pontuação do tal espaço contínuo — que deixou de o ser, por já não poder sê-lo. A mutação de estruturas que Foucault defende (como à diluição imagética permanente mas não contínua proposta por McLuhan fora da «Galáxia Gutemberg») corresponde, então, a pesquisa surpresa e surpreendente de Noronha da Costa — com seus *écrans* e sua consciência neo-romântica que Friedrich e Polansky vivificam (este Polansky de uma tragédia recente, que vai do parto de Rosemary ao assassinato de Sharon Tate...).

...NISTO tem ele uma obra que joga (através da «implacabilidade do método» seu) com o medo de morrer jogando Para além, é claro (ou devidamente obscurecido dos objectos que fabrica com um «desinteresse» lúcido também. A «imanência» da tragédia (que defende, supondo (interpreto eu) uma auto-autoridade a todo o momento a — espacialmente criada (e negada) por «finitividade» assumida, revela, por outro lado, uma nova situação mítica, e a satisfação de novas, necessidades míticas. Aquelas mesmas que, há coisa de um mês, eu convidei pública, solene e cordialmente o Fernando Pernes a acreditar, quando se discutia o mito-Almada Negreiros hoje em dia. Aquelas necessidades (digo, para terminar um assás difícil folhetim, que, não fora folhetim, mais longe iria no comentário de outras partes do sugestivo texto em questão) que só o espelho, símbolo, conivência e realidade interna, pode abertamente significar...